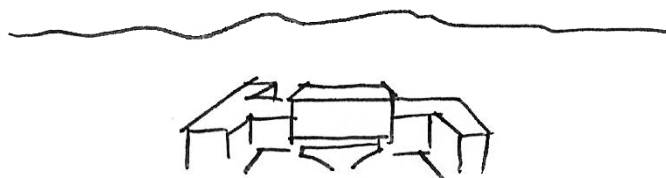


PROJETAR COM A MEMÓRIA

Reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Vila Nogueira de Azeitão



Rita Sofia Leite Guerreiro

(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica

Orientador(a): Professora Doutora Margarida Louro

Co-Orientador(a): Professor Doutor Paulo Pereira

Júri

Presidente: Professora Doutora Bárbara Massapina

Vogal: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA

Título | Projetar com a Memória

Subtítulo | Reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Vila Nogueira de Azeitão

Nome do estudante | Rita Sofia Leite Guerreiro

Orientadores | Prof. Dr. Margarida Louro e Prof. Dr. Paulo Pereira

Mestrado | Arquitetura

Data | Janeiro 2018

RESUMO

Pretende-se realizar uma intervenção que sustente os conceitos de Memória, Monumento, Património e Reabilitação, numa harmonia entre o novo e o antigo. Para tal, o presente documento tem como objetivo registar um comentário de suporte teórico sobre o sítio de intervenção, o lugar e o edificado, o Palácio dos Duques de Aveiro e sua Quinta, em Vila Nogueira de Azeitão, de modo a fundamentar uma proposta de Projecto.

A reflexão começa com o conceito de monumento, e da importância deste, numa perspetiva pública para a conservação da memória coletiva. Vai ser abordado o tema da reabilitação nos dias de hoje, evidenciando o risco de argumentações inadequadas, a questão da cópia de estilos antigos e os problemas que despontam nas intervenções. A reabilitação irá ser estudada tanto através dos tratados que ela requereu no tempo, como por exemplos de aplicação dos conceitos de restauro, requalificação e conservação na atualidade.

Segue-se a análise da área de intervenção urbanística e arquitetónica em causa, recuando-se no tempo, para o entendimento da afinidade primitiva entre palácio e território, palácio e quinta, e entre os seus espaços interiores. A proposta arquitetónica tem uma abordagem que enfatiza o objeto principal existente, os seus componentes inscritos na tipologia da Quinta de Recreio e a sua adaptação a uma estrutura e conjunto arquitetónico novos, que se pretendem indissociáveis.

Por fim, serão estabelecidas as características fundamentais do Palácio dos Duques de Aveiro que se pretendem manter e irá explicar-se de que forma os recursos compositivos investigados se aplicam à proposta apresentada e como se combinam com elementos de construção recente.

Palavras-chave | Memória | Monumento | Património | Reabilitação | Sítio | Vila Nogueira de Azeitão | Quinta de Recreio | Palácio dos Duques de Aveiro | Roteiro Turístico

FACULTY UNIVERSITY OF LISBON

OF ARCHITECTURE

Title | Designing with the Memory

Subtitle | Rehabilitation of the Palace of the Dukes of Aveiro in Vila Nogueira de Azeitão

Student name | Rita Sofia Leite Guerreiro

Advisors | Prof. Dr. Margarida Louro and Prof. Dr. Paulo Pereira

Master | Architecture

Date | January 2018

ABSTRACT

The intention is to perform an intervention that sustains the concepts of Memory, Monument, Heritage and Rehabilitation, based on the harmony between the old and the new. Therefore, the purpose of this document is to register a commentary of theoretical basis about the site, the place and the urban environment of the Aveiro's Dukes Palace and its estate at Vila Nogueira de Azeitão, in order to justify a project proposal.

The reflection starts with the concept of monument, and its importance, through a public perspective, to achieve the collective memory conservation. The theme of nowadays rehabilitation will be discussed, evidencing the risk of inadequate argumentations, the issue of copying old styles and the problems that arise during this type of interventions. The rehabilitation will be studied both through architecture treaties that this matter required through time, and through today's examples where restoration, requalification and conservation were applied.

This will be followed by a site urbanistic-architectural analysis, through the past, for the understanding of the primitive affinity between the palace and territory, the palace and its estate, and between its interior spaces. This architectural proposal has an approach that emphasizes its main existing object, its components, as parts of the Villa's typology, and its adaptation to a new structure and architectural ensemble, which are intended to be inseparable.

Finally, the fundamental characteristics to be maintained in the Palace will be established and an explanation will be given as to how the investigated composition resources will be applied to the presented proposal and the way they will be combined with new-construction elements.

Keywords | Memory | Monument | Heritage | Rehabilitation | Site | Vila Nogueira de Azeitão | Quinta de Recreio | Palace of the Dukes of Aveiro | Touristic itinerary

AGRADECIMENTOS

A definição de persistência, conciliação e gosto pela arte esteve presente nestes meus 5-6 anos de vida. Chega agora o ato final, a consagração e consumação de todo o empenho e dedicação, umas vezes mais outras vezes menos, mas sempre com a certeza dos caminhos a tomar. 2018 é o ano em que termino os dois cursos a que me comprometi e que sempre ambicionei: Arquitetura e Canto. E nada me satisfaz mais do que poder dizer: Sim, eu consegui.

Claro está que, nos momentos mais temerosos, contei sempre com a minha sempre disponível e compreensiva Família. Mas tantas famílias me acolheram nestes anos, sempre compreensivos e encorajadores. Fizeram todos parte do meu crescimento individual.

Mas este Trabalho Final de Mestrado não era possível sem certas ajudas diretamente relacionadas com o local em análise e com a instituição que me acolheu neste curso. Deixo então agradecimentos:

À Arquiteta Isabel Pratas do Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal de Setúbal pela gentil transmissão de informação e bibliografia sobre o Palácio.

Ao Arquitecto Frederico Carvalho pela, tão crucial, cedência dos desenhos técnicos mais atuais do edifício, sem os quais este projeto não seria possível.

Ao Sr. Eduardo Vasco, Sr. Joaquim Afonso Oliveira, Sr. José Manuel Rodrigues Samões e Sr. Pedro Marquês de Sousa, pessoas que fazem do melhor serviço à comunidade azeitonense, documentando e difundindo a história e cultura desta região.

Ao Sr. Paulo Parrela, Sr. Osório e Sra. Tica Ferreira, um morador do Palácio, outro, devido aos infortúnios da vida, já não o é, e a pessoa que amavelmente permitiu um contacto fácil com os moradores. Ambos cederam parte do seu tempo numa visita guiada, a melhor possível com as condições e disponibilidade em causa.

Ao Sr. Matt Grönniger pela visita guiada à Quinta da Conceição, que mesmo na azáfama da recente reabilitação, compreendeu a minha necessidade e curiosidade.

Ao contributo proveniente de todos os professores que me acompanharam neste Mestrado Integrado em Arquitetura, que implicitamente me marcaram de alguma forma.

Por último, e em especial, agradeço à Professora Margarida Louro que, tendo já sido minha docente no 2º ano de licenciatura, aceitou acompanhar-me atenciosamente neste fecho de ciclo e ao Professor Paulo Pereira que também se tornou numa peça indispensável neste “puzzle” que é a Arquitetura.

ÍNDICE

RESUMO

ABSTRACT

AGRADECIMENTOS

1 INTRODUÇÃO	13
1.1. TEMA E JUSTIFICAÇÃO	13
1.2. OBJETO DE ESTUDO	13
1.3. OBJETIVOS E INTENÇÕES	14
1.4. METODOLOGIA	15
1.5. ESTRUTURA TFM	16
1.6. ESTADO DA ARTE	17
2 PROJETAR COM A MEMÓRIA.....	18
2.1. O CONCEITO DE MEMÓRIA EM ARQUITETURA	19
2.1.1. MEMÓRIA ATRAVÉS DA ARQUITETURA – SÍTIO/SOCIEDADE	20
2.1.2. MEMÓRIA NA ARQUITETURA – EDIFÍCIO.....	21
3 SÍTIO – VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO E ARRÁBIDA.....	24
3.1. ORIGEM E DESCRIÇÃO	24
3.2. ENVOLVENTE	24
3.3. EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA E FUNCIONAL	26
4 MONUMENTO – PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO.....	28
4.1. HISTÓRIA	28
4.2. QUINTA DE RECREIO	35
4.2.1. ANALOGIA COM A QUINTA DE CALHARIZ.....	36
4.3. EVOLUÇÃO TIPOLÓGICA PALACIANA	38
4.4. POTENCIALIDADES DO PALÁCIO.....	38
4.5. EVOLUÇÃO FORMAL DO PALÁCIO	40
5 REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA.....	42
5.1. RESTAUROS, TRATADOS E CARTAS	42
5.1.1. RESTAURO ESTILÍSTICO	42
5.1.2. RESTAURO ROMÂNTICO	43
5.1.3. RESTAURO ARQUEOLÓGICO	44
5.1.4. RESTAURO CIENTÍFICO.....	44
5.2. PROJETOS DE REFERÊNCIA.....	45
5.2.1. MOSTEIRO DE SANTA MARINHA DA COSTA POUSADA.....	46
5.2.2. MOSTEIRO FLOR DA ROSA POUSADA.....	48

5.2.3. CONVENTO DE ARRAIOLOS POUSADA.....	50
5.2.4. MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BOURO POUSADA	51
5.2.5. CONVENTO DAS BERNARDAS FÁBRICA DE MOAGEM HABITAÇÃO	53
5.2.6. MOSTEIRO CONVENTO DE TIBÃES HOSPEDARIA.....	54
5.2.7. PALÁCIO FONDACO DEI TEDESCHI COMERCIAL.....	56
5.2.8. HABITAÇÃO UNIFAMILIAR CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE CASCAIS	57
5.2.9. PALÁCIO DE NOVY DVUR ABADIA	58
5.2.10. PALÁCIO CADAVAL	60
5.2.11. PALÁCIO DE SETEAIS HOTEL.....	61
6 PROPOSTA URBANÍSTICA	62
7 PROPOSTA ARQUITETÓNICA.....	64
7.1. ESTRATÉGIAS DA MEMÓRIA	64
7.2. O “ANTES E DEPOIS” DO PALÁCIO.....	65
7.3. PROGRAMA PROPOSTO	67
7.3.1. TABELAS DE ÁREAS	68
7.3.2. MATERIALIDADE	70
8 ROTEIRO ARQUITETÓNICO	71
8.1. QUINTA DA BACALHÔA MUSEU.....	73
8.2. QUINTA DAS TORRES EVENTOS.....	74
8.3. QUINTA DA CONCEIÇÃO TURISMO DE HABITAÇÃO	75
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
10 BIBLIOGRAFIA.....	77
11 CRÉDITOS E FONTES DE IMAGENS.....	81
12 ANEXOS.....	84

1 | INTRODUÇÃO

1.1. | TEMA E JUSTIFICAÇÃO

A Arquitetura é o principal marco de memória na sociedade. Podemos viver sem ela e venerar sem ela, mas não nos conseguimos lembrar sem ela/ter memórias sem ela. | Ruskin (Louro, 2016, p. 30)

A arquitetura oferece sempre algo de novo ao sítio onde se insere, por meio de ambientes e possibilidades de vivências que seriam impossíveis sem a sua implementação artificial. A necessidade da criação de um novo “universo”, a nós adaptado, torna-se essencial na medida em que possamos estar rodeados de elementos que nos auxiliem a nível prático, em termos de usos, e a nível estético, no sentido mais lato da felicidade e de satisfação sensível. A partir da arquitetura, as memórias são criadas em torno de sensações que permanecem e associam espaços a sentimentos por eles produzidos, atuando consoante o historial e experiência vivida de cada sujeito.

Em tempos de nobreza, figuras a ela pertencentes, sentiram a necessidade, e tinham meios monetários, para criar “universos” para cada temporada, denominadas quintas de recreio, em que o edificado estava diretamente relacionado com o “cenário” envolvente, onde as estações do ano se faziam notar no seu esplendor. O meio natural e as condições que este incluía, era onde se implantavam as quintas, necessariamente ajustado, através da arquitetura qualificada, à agradável sensação de uma casa de veraneio. As memórias destes tempos de lazer, e o gosto destas famílias em se reunir e desfrutar do que o sítio oferecia, muitas vezes originou a implantação de localidades que ainda hoje perduram. Mas ao mesmo tempo, eram também depoimentos versáteis do poder de quem os encomendava e testemunho de uma regulação territorial dos possidentes. Os edifícios que ainda restam destes tempos antigos, muitas vezes abandonados em termos de uso e da própria conservação estrutural, detêm, na maioria, potencial arquitetónico e artístico, ao nível do objeto e dos jardins. Quintas estas que, por via turística, poderiam – e podem – originar um local de interesse nestas terras e dinamizar o sítio, a população, e a memória do lugar.

1.2. | OBJETO DE ESTUDO

O caso de estudo, Vila Nogueira de Azeitão, foi selecionado por experiência própria e por significações afetivas de residência. Entendendo-se por Azeitão, todas as suas vilas incluídas, esta região atingiu tempos áureos aristocráticos entre os séculos XIV e XIX, equiparando-se à vila de Sintra por motivos análogos de estadia. As duas vilas eram um constante destino de recreio e lazer para a corte e estratos da nobreza. O passado não volta, mas o (re)aproveitamento da memória, sendo esta dinâmica, em constante mutação, pode devolver à vila o seu pleno sentido de coerência ao ser consolidada a sua estrutura urbana através da resolução do seu edifício mais imponente. A razão da origem desta localidade

ficou desamparada e, a memória pode reavê-la ao ser continuada e não aniquilada.

Este trabalho consiste na reabilitação arquitetónica, através de ferramentas de restauro e requalificação funcional e espacial, de um edifício, e da sua quinta, com potencial a nível do enquadramento urbano e do próprio edificado. Esta reabilitação envolve a intervenção no património em consonância com a sua história e memória reconhecendo o peso da sua cronologia e das intervenções anteriores para fundamentação da sua recuperação. O Palácio dos Duques de Aveiro foi o objeto arquitetónico selecionado para esta intervenção, intrínseca e, possivelmente, de adição, por analogia ou contraste. O palácio apresenta um elevado grau de degradação e, sendo a estrutura mais monumental e a que melhor representa o passado nobre das terras de Azeitão, é assim, o *rostro* da vila, e um dos convites de entrada a esta povoação, à sua visita e permanência.

1.3. | OBJETIVOS E INTENÇÕES

A reabilitação desta edificação e de toda a sua quinta envolvente, poderia resultar numa devolução do monumento à vila, gerando oportunidades de reinserção deste património histórico à zona central da localidade. Tem-se como alvo criar atratividade, de acordo com a sua nova função, e uma reviravolta urbanístico-social à praça, e consequentemente à vila em que se insere, completando as já iniciadas obras de regeneração desta zona e a crescente reabilitação de edificado circundante. Esta intervenção, do palácio e terrenos associados, pode tornar-se num passo crucial a caminho do desenvolvimento crescente que se faz sentir no turismo atual desta região.

O presente projeto tem como objetivo primordial reabilitar o edifício em causa e relacioná-lo com outros de carácter semelhante nas proximidades. Ao adicionar este palácio reabilitado, a um circuito turístico do edificado de tipologia e épocas semelhantes, originar-se-ia um total aproveitamento dos vestígios históricos incluídos em terras de Azeitão. Este roteiro, existente de momento, apenas em condições imaginárias, poderia eventualmente converter-se num estado mais físico e oficial.

O | *Objetivo*

Q | *Questão de Trabalho*

H | *Hipótese*

O1 | *Intervir numa pré-existência memorial do sítio como ponto de partida de (re)caracterização do lugar.*

Q1 | De que modo uma pré-existência de carácter monumental tem impacto na memória do lugar?

H1 | Torná-la parte ativa da sua estrutura urbana, como parte da história de desenvolvimento do lugar.

O2 | *Reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro em Vila Nogueira de Azeitão.*

Q2 | De que modo a reabilitação de um edifício patrimonial pode potenciar a requalificação urbana e social do lugar em que se insere?

H2 | Oferecer atratividade, diurna e noturna, que justifique a deslocação ao local por parte dos habitantes do território em causa, assim como visitantes com fins turísticos.

O2.1 | *Devolver o Palácio à Vila e reinseri-lo na vida local dos habitantes e visitantes.*

Q2.1 | De que modo se pode conciliar programas funcionais distintos num mesmo edifício por forma a desenvolver a economia e atratividade local?

H2.1 | Introduzir espaços que relacionem as gerações tendo em conta e contextualizando, a já existente identidade do lugar.

O3 | *Relacionar o Palácio dos Duques de Aveiro com edificado análogo e procurar agregá-lo.*

Q3 | De que modo se produziria um total aproveitamento dos vestígios arquitetónicos de recreio da área abrangida por terras de Azeitão?

H3 | Levantamento do edificado de tipologia e épocas análogas e criação de um circuito turístico que os unifique.

1.4. | METODOLOGIA

A metodologia de estudo de caso resultará numa abordagem qualitativa através de técnicas de recolha como a observação direta – *in situ* (observação exterior), indireta (vídeos, fotos, mapas, estatísticas), análise de projetos de referência, entrevistas, relatos, questionários, cartografia/documentos antigos e iconografia.

O trabalho final de mestrado será dividido em duas componentes: uma teórica e uma prática. Nesta última serão aplicados os conceitos e temáticas abordadas na primeira componente.

Este processo inicia o seu percurso pela assimilação do conceito da memória, definindo-o e percebendo quais as suas implicações. Para tal, serão analisados documentos que abordam a temática da memória e a sua relação com a noção de monumento e património.

Para complementar esta análise, torna-se relevante estudar dados relativos ao sítio - Vila Nogueira de Azeitão -, a sua origem, história e desenvolvimento. Na abordagem ao sítio, iniciar-se-á uma aproximação desde a escala da Região em questão, passando pela Vila e o lugar, abrangendo a Praça, a Quinta e, finalmente o Palácio a reabilitar.

Para uma melhor compreensão dos conceitos enunciados, torna-se crucial, investigar casos de estudo em que o conceito tenha sido implementado, tirando partido de análises formais e arquitetónicas testadas. Estas investigações podem ser realizadas com base em documentos e ainda através de visitas a alguns exemplos pertinentes. Para completar, é realizado um levantamento de casos semelhantes, para perceber quais as possíveis ligações entre estes e a proposta a implementar.

Numa segunda fase da abordagem teórica, é pertinente entender o conceito de reabilitação e seus pressupostos. Tendo o conceito inicial definido, assim como o conceito de reabilitação, apresentar-se-ão casos de estudo nos quais foi levada a cabo a reabilitação de um património memorial que se converteu num polo atrativo relativamente ao local onde se insere.

Sobre o projeto em si, primeiramente irá estudar-se o lugar e, complementar o estudo com uma componente teórica sobre a área, tendo em conta também os conceitos já enunciados. Seleciona-se o Palácio dos Duques de Aveiro, e todos os elementos existentes na quinta a ele associada, pelo seu estado atual e presença histórica e, ainda, seguindo a ideia de que Azeitão se caracteriza pela existência de diversas quintas que foram implantadas quando a Corte frequentava a Vila. É importante saber a sua origem e estudar a sua morfologia tanto arquitetónica como funcional.

Por fim, estabelecendo o enquadramento teórico, poderá então iniciar-se a intervenção prática dos conceitos, percebendo *a priori* quais as necessidades do lugar e da população em questão. O projeto estará dividido em duas intervenções: uma intervenção urbana, tendo em conta as necessidades gerais da população de Vila Nogueira de Azeitão e as características tão específicas da Vila, e uma intervenção arquitetónica, reabilitando um núcleo urbano, onde se vai implementar o conceito da memória direcionada para um futuro, criando um núcleo de permanência, interação e convívio social.

1.5. | ESTRUTURA TFM

TFM | Trabalho Final de
Mestrado

O presente documento é constituído por um resumo, uma introdução, um esclarecimento de fundo bibliográfico sobre o estado dos conhecimentos, desenvolvimento e conclusão na forma de uma síntese sobre a evolução conceptual do projecto.

No final do documento as peças desenhadas da solução proposta serão colocadas em anexo.

O desenvolvimento, onde consta o estudo que suporta a elaboração do projecto de arquitetura, organiza-se em capítulos. O segundo capítulo tem um cariz estritamente teórico e debruça-se sobre o conceito da memória na arquitetura, sítio e edifício.

O capítulo seguinte concentra-se na caracterização do sítio onde o objeto de estudo se insere.

O quarto capítulo faz uma abordagem histórica sobre o Palácio, a evolução tipológica palaciana e as Quintas de Recreio. Direciona a análise para o caso específico do Palácio dos Duques de Aveiro, procurando reconhecer os limites

originais, a relação do Palácio com o território e a relação com as suas áreas anexas. Finalmente, procura-se entender a configuração original do edifício e decifrar uma possível matriz geométrica.

No quinto capítulo são estudadas as cartas, tratados e tipos de restauro respetivos, sendo feita uma investigação cronológica destes. São mencionados projetos de referência a nível programático e de reabilitação arquitetónica.

O sexto capítulo relata a proposta urbanística para a Praça da República e Rua José Augusto Coelho, projeto este que antecede a proposta arquitetónica.

O sétimo e último capítulo apresenta a proposta arquitetónica de reabilitação para o Palácio em questão e a formalização de um roteiro arquitetónico que deste advém.

Por fim, a síntese conclusiva do desenvolvimento conceptual do projecto.

1.6. | ESTADO DA ARTE

O TFM resultará de uma base teórico-reflexiva que fundamentará o trabalho projetual final. Os temas a abordar, procurando-se a sua clara compreensão, incidem na Memória e no Monumento como objeto de um Património local, e a sua relação com uma abordagem de projeto.

A temática da Memória irá subdividir-se na sua implicação na Arquitetura, tanto *através dela* como *nela*, abordando-a relacionando com a sociedade e com o edificado.

Vão também pesar nesta investigação as temáticas relacionadas com o Sítio e as suas pré-existências, tanto em termos de território como acerca do edificado sobre o qual esta intervenção vai incidir.

A fim de um projeto coerente e cuidado, atuando de forma consciente sobre termos como *reabilitação* e *requalificação*, vai ser igualmente importante estar a par da evolução das teorias de intervenção em património, e das suas implicações, e a distinção entre os conceitos de Conservação, Restauro e Reabilitação. Serão discutidos estes conceitos através de casos de estudo de projetos referência que se tornem oportunos face à intervenção em património classificado, relacionados com a tipologia em causa ou simplesmente pela utilização de certas técnicas de reabilitação.

Irá ser igualmente crucial uma abordagem tipológica acerca da pré-existência em questão; daí serem mencionados termos como Palácio e Quinta de Recreio, e uma consequente análise de arquitetura análoga, desde palácios renascentistas a quintas de veraneio.

2 | PROJETAR COM A MEMÓRIA

A memória (...) assume-se como matricial da recordação, ao sentido de herança dos séculos passados. Deste modo, o destino da arquitetura constrói-se no intuito de durar mais que uma geração, estabelecendo-se no conceito de herança arquitetônica. (Louro, 2016, p.30)

O tema que se propõe advém de uma reflexão sobre a memória no seu sentido lato, bem como a sua influência numa intervenção que implica um efeito consequente na história e memória coletiva de uma localidade. Esta investigação irá incidir no entendimento das memórias coletiva e disciplinar, a primeira atuando *através da arquitetura* e a segunda *na arquitetura* (Halbwachs, 1968).

O conceito de memória, na sua vertente histórica, relacionada com a noção de património, abrange a relação distintiva entre o *monumento*, resultado de deliberação e vontade, e o *monumento histórico*, fruto de uma seleção (Choay, 1992). Sendo a memória coletiva a experiência vivida, em contraponto, a história centra-se na reconstrução intelectualizada da memória (Anderson, 1995).

A Memória está relacionada com a Felicidade, pois os edifícios invocam aspetos sensíveis e positivos, sendo que os que criam sensações negativas se basearam em referências erradas para nós, embora exista uma tipologia de *património associativo* que visa, passar o efeito rememorativo para o plano ético e moral, servindo como exemplo restante de ações negativas – o caso das prisões políticas (Robben Island, África do Sul; Tarrafal, Cabo Verde; e em breve Peniche, Portugal, ou os campos de extermínio, como Auschwitz, Polónia).



Fig. 1 - Mercado Mensal no Rossio

Somos permeáveis àquilo que nos dizem os espaços. Ao contemplarmos em nós próprios muitos "Eus" distintos, esperamos que o que nos circunda encarne os estados de espírito e as ideias que veneramos – ou que rejeitamos por razões cívicas e morais – e que, depois, no-los recordem.

A memória atua em nós quando nos deparamos com o sentimento de "regressar a casa", seja na arquitetura religiosa ou laica, pois também é concebível a celebração do nosso autêntico Eu, sem agraciarmos divindades. Na arquitetura religiosa dá-se importância ao ambiente na determinação da identidade para que o lugar onde estamos determine aquilo em que somos capazes de acreditar. Acreditava-se que os edifícios belos tinham o poder de nos aperfeiçoar moral e espiritualmente e podiam dar força à nossa decisão de sermos bons. Este tipo de edificado era considerado por uns uma formação mais eficaz para a humanidade em contraste com as Sagradas Escrituras.

Prezamos edifícios pela sua habilidade de reequilibrar a nossa essência defeituosa e de proporcionar emoções que os nossos compromissos predominantes nos compelem a abdicar. Assim, a Arquitetura pode alcançar tendências efêmeras, amplificá-las e solidificá-las, dando-nos um acesso estável a uma paleta de texturas afetivas que talvez só vínhamos apenas a experimentar acidental ou ocasionalmente. Projetamos e construímos para preservar um registo daquilo que nos importa.

As primeiras obras arquitetônicas, se recuarmos ao neolítico da Europa Ocidental, detinham, como se sabe, um primordial caráter funerário (os dolmens), ou memorial (os menires).

"Lembrem-se" – o medo de esquecer algo valioso pode desencadear em nós o desejo de erguer uma estrutura, como se fosse um pesa-papéis, para fixar as nossas memórias (...) o desejo de recordar une as nossas razões para construirmos para os vivos e mortos (...) construimos e decoramos edifícios para estes nos ajudarem a recordar as partes importantes mas fugazes do nosso Eu (...) O impulso arquitetural surge no ideal dos outros saberem quem somos – e, ao mesmo tempo, de que não o esqueçamos nós mesmos. (de Botton, 2006, p.139-140)

2.1. | O CONCEITO DE MEMÓRIA EM ARQUITETURA

Segundo Anderson (1934-2016), este conceito baseia-se na distinção entre a memória *através da* arquitetura e a memória *na* arquitetura. A primeira traduz a arquitetura que serve as causas da memória em sociedade, como um precedente a servir uma causa social. A segunda consiste na operação da memória na própria disciplina da arquitetura, como um precedente no *design* arquitetônico em si mesmo.



Fig. 2 | Palácio dos Duques de Aveiro, em Azeitão | 1883

2.1.1. | MEMÓRIA ATRAVÉS DA ARQUITETURA – SÍTIO/SOCIEDADE

Segundo John Ruskin (1819-1900), a memória é a “sexta lâmpada” da arquitetura, sendo que aquele autor, neste caso, foi abordando principalmente os edifícios domésticos antes dos monumentos. A memória relata a arquitetura como um condutor para manter o *status quo* e resistir à metamorfose e à crítica. Assim, temos a tradição *versus* a memória, sendo que a tradição indica *em frente* em vez do contrário. O ideal seria construir bem e preservar a envolvente edificada que recebemos continuamente, não cedendo imediatamente ao embuste da restauração.

Em oposição, Alois Riegl (1851-1905) concede o conhecimento de tudo como um monumento para apresentar sensações. O monumento requer restauração, reconduzido à condição primordial – que faz dele monumento – levando a um constante trabalho: como é cuidado, como serve. Para Ruskin as pedras falam-nos de memórias, para Riegl a memória e o monumento são elaborações nossas.

A memória coletiva e social deve existir para os outros verem e (re)lembrarem-se, através de alusões simbólicas e religiosas.



Fig. 3 - 4 | Pelourinho | Arraial | 1907



Fig. 7 - 8 | Mercado do Gado | Rua da Misericórdia | 1907



Fig. 9 | Rua Direita – Aspecto geral na chegada do cirio da Senhora d'Arrabida | 1907

2.1.2. | MEMÓRIA NA ARQUITETURA – EDIFÍCIO

A *memória* e o *precedente*: ambos servem a arquitetura. A memória disciplinar opera na arquitetura e não, através dela. É-nos oferecida pelos monumentos e conseguimos datar aproximadamente um monumento baseando-nos no seu estilo arquitetónico.

Segundo Krautheimer (1897-1994), o significado simbólico é algo que acompanha a forma particular, com uma conotação incerta que é apenas vagamente visível e cujas interpretações específicas são dadas a uma e única forma, por um ou diferentes autores.

A *memória disciplinar* oferece uma variedade limitada ao serviço da memória social. Emergiu entre a latitude permitida pelo conceito medieval de “*precedente*”. Na época medieval, a memória estava relacionada com as necessidades funcionais, simbólicas e representacionais, o que resultou na origem de precedentes formais. Através destes precedentes foram criados protótipos-tipologias, resultantes de arquétipos, da estrutura organizacional e estética que tinha impacto na época.

O protótipo é transformado consoante a atenção dada a princípios arquitetónicos mais gerais, princípios disciplinares, assentes no serviço à vida contemporânea. Os arquétipos são a memória inventada de, por, e para a independência da disciplina.

As buscas para o que é a disciplina da arquitetura – o que é a memória disciplinar – precisam de ser pesquisas que exploram os arquétipos. Este tipo de memória pode procurar princípios em vez de precedentes formais. O controlo da luz, a relação procurada entre os materiais e as estruturas, e o estabelecimento de sistemas de ordem, ou desordem, definem este tipo de memória, possuindo habilidade para despertar respostas em quem experiencia a arquitetura. Aprender e transmitir esses elementos constitutivos é o aspeto central da memória disciplinar, buscando sempre a autonomia.

Em suma: a *memória disciplinar*, projetando-se no futuro com exemplos no passado imediato, admite a invenção e a liberdade; o “*precedente*” implica um



Fig. 10 | Ermida/Capela da
Memória no Convento Velho da
Arrábida | 2014

estudo e um respeito pela pura história e materialidade do objeto estudado inserido no tempo – o “estilo”, o “tipo”. Da tensão e diálogo entre estas duas realidades surge a operatividade do projecto e, em especial, de um projecto que alia a reabilitação à construção nova e refuncionalização.

Como exemplo de arquitetura memorial temos a Capela da Memória. Esta está incluída na zona do Convento da Arrábida, situado na serra homónima, dentro dos muros e imediações do Convento Velho. Esta edificação é primitiva e existe antes dos frades na Serra da Arrábida. Provavelmente erigida por Haildebran em memória da Lenda de Nossa Senhora da Arrábida.

2.1.2.1. | HISTÓRIA E MEMÓRIA NA ARQUITETURA – MONUMENTO

The importance of history as a critical enterprise which may undermine memories constructed for manipulation is clear. Or the opposite: precisely because memory is open to doubt, valid memories, too, are vulnerable to challenge, and thus needful of support through critical history. (Anderson, 1995, p.24)

As “grandes” obras dos “grandes” arquitetos não traduzem a história, mas resumem-se sim em exercícios na memória e invenções relacionadas com esta. A memória disciplinar pode interessar tanto historiadores como arquitetos e, conseguimos examiná-la ao prestar total atenção aos monumentos.

There should be historical reconstruction based on the logic of the situation and thus a history internal to the discipline of architecture; or, Memory in architecture. (Anderson, 1995, p.36)

O monumento histórico foi primeiramente abordado nos séculos XVIII-XIX em épocas de Historicismo e Nacionalismo. Nesta era adquiriu-se uma noção consciente de história conjugada com uma nova mentalidade crítica e científica tornando possível uma diferenciação entre o “hoje” e o “ontem” histórico.

O Classicismo do século XVIII reacende o interesse pela Antiguidade Clássica. Exemplos como Pompeia, onde ocorreram escavações arqueológicas de dimensão considerável, já tiveram por base um estudo, neste caso arqueológico, e métodos o mais científicos e factuais possíveis por forma a deixar de parte a especulação, permitindo uma nova perspetiva sob a história da arquitetura. A arquitetura histórica é então abordada estilisticamente a partir de uma cronologia verificada através de provas e princípios científicos. O conceito de antiguidade ganha uma dimensão estética em que o reconhecimento e valorização da beleza do passado inicia a necessidade de garantir a salvaguarda de valores, cuja perceção é decididamente alcançada pela cultura ocidental.

À quoi servent ces monuments? Disent-ils. Cela coûte des frais d'entretien, et voilà tout. Jetez-les à terre, et vendez les matériaux. C'est toujours cela de gagné. Depuis quand ose-t-on, en pleine civilisation, questionner l'art sur son utilité? Malheur à vous si vous ne savez pas à quoi l'art sert! (Hugo, 1832, p.337)



Fig. 11 - 12 | Villa Nogueira (Azeitão) - Antigo Palácio do Duque d'Aveiro | Villa Nogueira (Azeitão) - Rocio - Antigo convento da ordem de S. Domingos, Mercado do Gado | 1907

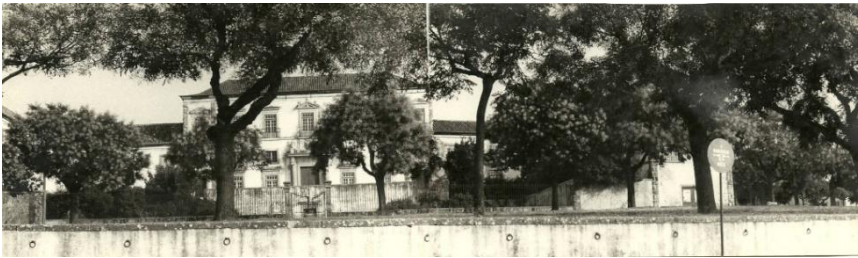


Fig. 13 | Vista Norte do Palácio

3 | SÍTIO – VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO E ARRÁBIDA

3.1. | ORIGEM E DESCRIÇÃO

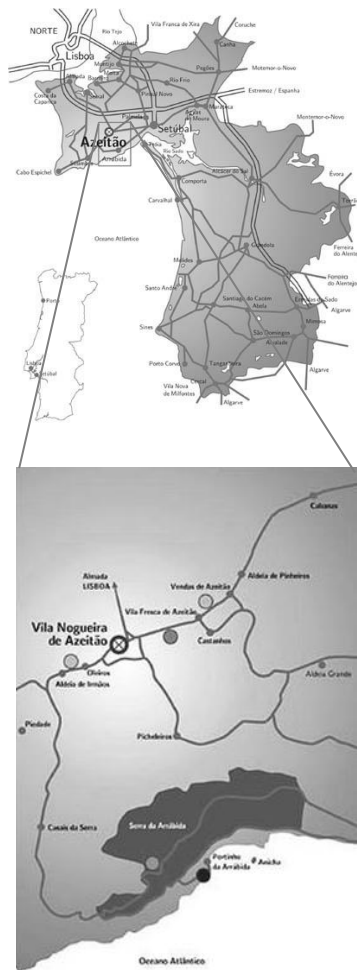


Fig. 14 | Localização de Vila Nogueira de Azeitão

Esta vila tem belezas que devem ser conhecidas, encantos que devem ser admirados. ...Um grande amigo de Azeitão...chamava-lhe a Cintra do Sul. E ela é bem, em verdade, um paraíso. (Valido, 1919, p. 9)

As suas origens históricas não são independentes, mas sim integrantes da zona que se estende desde o Cabo Espichel (Sesimbra) até à foz do Rio Sado (Setúbal), correspondendo à Serra da Arrábida.

Remonta à época romana, existindo nas suas proximidades vestígios de utilização agrícola do solo – *villae rusticae*. Mais tarde, pelas referências na toponímia, é perceptível a ocupação árabe – *Az-zeitum*.

Foi primeiro associado a Sesimbra, em 1323, na freguesia de Santa Maria do Castelo de Sesimbra e mais tarde freguesia própria denominada S. Lourenço de Azeitam, em 1350. A presença de herdeiros da Coroa, que ordenaram a edificação da Igreja de São Lourenço, originou a desanexação à vila piscatória de Sesimbra. A quinta de veraneio destes nobres, Quinta da Nogueira, resultou então na Aldeia da Nogueira, hoje Vila Nogueira de Azeitão. Esta Igreja determinou assim a implantação da “roçio” da vila (atual Praça da República).

Em 1759, Azeitão é elevado a concelho de sua sede Vila Fresca de Azeitão.

Em 1786, a sede do concelho de Azeitão passou de Vila Fresca de Azeitão para a Aldeia Nogueira, também elevada a vila nessa época. Em 1855, a Reforma Administrativa extinguiu o concelho de Azeitão, que integrava as povoações de São Lourenço e de São Simão, sendo assim, incorporado no concelho de Setúbal.

Hoje, Azeitão é a designação utilizada para referir um conjunto de povoações (Brejos de Azeitão, Vendas de Azeitão, entre outros) que alcançam o expoente máximo de interesse turístico nas vilas Nogueira e Fresca. A União das Freguesias de Azeitão (São Lourenço e São Simão) é uma freguesia portuguesa do concelho de Setúbal, com 69,32 km² de área e 18,977 habitantes.

3.2. | ENVOLVENTE

O planeamento estratégico-defensivo medieval (séc. XII-XIV) aliou três castelos da zona para gerir o desenvolvimento da península de Setúbal, hoje denominada por “Costa Azul”: S. Jorge/Muralhas de Lisboa, Sesimbra e Palmela. A estes acrescentou-se o Outão e a cerca de Setúbal (séc. XIV-XV) e, mais tarde ainda, a Torre de Belém e a Torre de S. Sebastião da Caparica (séc. XV-XVI). No século XVII, depois de 1640, toda a costa foi reforçada por fortes, fortins e baterias de protecção costeira e artilharia.

A estrada ao longo da qual se situam maior parte das povoações que compuseram o antigo limite de Azeitão (E.N. 10) permitia o acesso a Sesimbra, Palmela, Setúbal e Lisboa, esta última por intermédio de Coina ou de Cacilhas. Hoje ainda tal se verifica, apesar de melhoramentos no seu trajeto, agora complementada pela auto-estrada (A2).

A circulação principal da península de Setúbal era feita entre Sesimbra e Palmela. A ligação a Lisboa, secundária, intersectava a via principal na região de Azeitão, havendo mesmo um porto fluvial (Porto Quembras), junto a Aldeia de Irmãos. Esta condição implicou que Vila Nogueira de Azeitão assumisse um papel central desta região.

Azeitão situa-se a norte do vale da Serra da Arrábida, considerada um dos mais valiosos patrimónios mundiais e admirado Parque Natural Português. Além do seu surpreendente aspeto paisagístico, esta serra tem atributos botânicos e zoológicos de importância científica pela presença de espécies únicas no Mundo. A serra ergue-se do mar a sul formando várias praias: Portinho, Creiro, Figueirinha Galapinhos (melhor praia do Mundo 2017), Galápos, Praia da Anicha, que concorrem com as vizinhas: Tróia, Sesimbra, Meco e praias da Caparica.

A Arrábida serviu também de cenário da vitória de D. Afonso Henriques sobre os mouros de Badajoz que vinham em auxílio de *Cezimbra* (Sesimbra).

A Casa Ducal legou-nos um convento franciscano, de arquitetura rara e localização favorecida na serra, antiga comenda e reguengo da Ordem de Sant'Iago, muito admirado pelos visitantes da região. Está ligado a figuras como Frei Martinho de Santa Maria, São Pedro de Alcântara, Frei Agostinho da Cruz e o poeta Azeitonense Sebastião da Gama, “poeta da Arrábida”, consagrado com um museu homónimo em Vila Nogueira.



Fig. 15 - 16 | Aspetos da Serra da Arrábida

3.3. | EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA E FUNCIONAL

O património cultural é riquíssimo, tendo sido eleição de habitação de nobres e aristocratas que descobriram neste sítio as suas raízes e uma consonância entre História e Tradição. A Casa de Aveiro, e outras linhagens, que com ela privaram, as atrativas circunstâncias do local e a imediação das praias, motivaram a construção de quintas e solares, alguns ainda existentes contribuindo para o embelezamento da região.

O sopé da Serra da Arrábida conta com a presença humana há milénios, mas foi sobretudo a partir do século XV, com D. Pedro e D. Constança infantes de Portugal e futuros herdeiros da Coroa, que Azeitão ganhou prestígio, com a instalação de famílias nobres que buscavam o clima ameno, a beleza, a tranquilidade e a abundância em caça e pesca. Constroem então palacetes e quintas brasonadas, verdadeiros centros de lazer onde passavam longas temporadas. As quintas, os palácios e as fontes que se espalham por este território são testemunhos desses tempos. Estes infantes possuíram uma “casa de campo e respetiva quinta” (atual Palácio das Salinas, propriedade da Casa do Povo de Azeitão).



Fig. 17 | Vista Sul da Vila

Contemporaneamente, especialmente desde meados do século XX, o território de Azeitão reúne estabelecimentos e equipamentos que satisfazem as necessidades dos habitantes, tendo as condições necessárias para a administração dos interesses da sua população. Atrai novos residentes para as suas urbanizações, vocacionadas para as classes média e média-alta que têm surgido em toda esta área, expandido-se sobretudo a norte da rua principal (Rua José Augusto Coelho).

A nova Queijeira da Quinta de Camarate e as duas novas Adeegas da Bacalhôa e de José Maria da Fonseca, sendo a última uma das maiores da Península Ibérica, bem como o Centro de Exposições Industriais AERSET, já encerrado, a empresa de transportes “Os Belos”, uma das maiores do país, já extinta, são ou foram exemplos do vigor da indústria local, que potencializaram o turismo e a oferta de emprego, fomentando o setor terciário. Surgiu, assim, um Hipermercado, uma estação de comboios Fertagus nas proximidades e uma rede de transportes rodoviários de rápido acesso a Lisboa, Setúbal e regiões confinantes. O interesse pela região causou um melhoramento dos equipamentos sociais e recreativos, tais

como a Piscina Municipal e um Pavilhão Desportivo, e o Hospital da Misericórdia, Escola Primária e Básica 2/3, um dos maiores mercados mensais da Área Metropolitana de Lisboa, entre outros empreendimentos de carácter público.

Grande parte dos atractores locais centram-se na Rua José Augusto Coelho: exemplos disso são o Palácio dos Duques de Aveiro, a Igreja de S. Lourenço, a Fonte dos Pasmados e a casa-museu da empresa vinícola José Maria da Fonseca, Igreja da Misericórdia, Pelourinho.

Hoje, Azeitão vale pela paz bucólica, pelo peso da História, simpatia dos habitantes e, em particular, pelas experiências gastronómicas que oferece, reconhecidas em todo o país. (ver anexo 11.2.7.)



Fig. 16 | Vista Norte da Vila



Fig. 17 | Limites territoriais de Vila Nogueira de Azeitão e localização da Quinta dos Duques de Aveiro



Fig. 18 | Localização da Quinta dos Duques de Aveiro na Vila | Vista aérea panorâmica do Palácio

4 | MONUMENTO – PALÁCIO DOS DUQUES DE AVEIRO

4.1. | HISTÓRIA

| ORIGEM: OS DUQUES DE AVEIRO



Fig. 19 - 20 | Convento Dominicano de Santa Maria da Piedade

O seu início relaciona-se com o Convento de Nossa Senhora da Piedade da Ordem de S. Domingos. Este foi edificado em terrenos cedidos por Estêvão Esteves, um devoto rico azeitonense, sob o mecenato de D. Duarte e sua mulher Rainha D. Leonor em 1435. Devido a impedimentos incidentais e falta de fundos apenas foi terminado em 1443, sendo que já ameaçava ruína em 1624.

Vila Nogueira de Azeitão, sob o reinado de El-Rei D. Manuel I (1521-1522) era, e já, considerada um dos lugares de Vilegiatura (ver capítulo 4.2.) favorito da nobreza do Reino, situação que se virá a acentuar durante o reinado de D. João III, aliás fornecendo uma confortável alternativa a outro pólo de vilegiatura da capital – Sintra. Tal originou o surgimento do Palácio dos Aveiros, um exemplo severo e majestoso do Renascimento Clássico.

Foi mandado erguer por D. Jorge de Lencastre (1481-1550), filho bastardo de D. João II, Duque de Coimbra e último grão-mestre da Ordem de Sant'Iago, principal responsável pela administração da Comenda de Santa Maria da Arrábida, o qual tivera sido aforado de um terreno junto ao mosteiro dominicano, para usufruto de longas épocas de descanso, lazer e outras atividades como a caça.

Detentor de terrenos herdados de seu pai nas regiões de Coimbra, Aveiro e Torres Novas determinou que os seus titulares, descendentes varonis, empregassem o apelido Lencastre, em virtude de o Duque de Coimbra ser trineto de D. Filipa da Lencastre.

Ao primogénito de D. Jorge, D. João de Lencastre (1501-1571), foi concedido o grau de Duque de Aveiro, por obséquio de D. João III. A Casa de Aveiro viria a ser considerada a segunda maior Casa de Portugal, a seguir à Casa de Bragança, em abastança, bens, direitos e distinções.

No Palácio habitaram o 1º Duque de Aveiro e sua mulher D. Brites e posteriormente as três descendências diretas: 1º e 2º Duques de Aveiro, e por último, o 3º Duque de Aveiro D. Álvaro e D. Juliana, casados em 1555.

O 2º Duque de Aveiro viria a falecer na Batalha de Alcácer Quibir e uma sucessão de mortes na descendência influenciaram contundentemente a história de uma família elegida pela desfortuna.

A Casa de Aveiro possuiu também o domínio útil de “toda a Serra da Arrábida” por aforamento que lhe concedeu a respetiva comenda. O pagamento do foro era feito ao contador da Ordem de Sant'Iago e só terminou aquando do sequestro e inventário dos bens da Casa Ducal que precederam à sua extinção em 1760.

Júlio de Castilho na sua obra “A Ribeira de Lisboa” fala-nos dos três palácios que o Duque de Aveiro possuía. Um no castelo, onde depois se fez o hospital dos soldados, outro no Largo da Esperança, em Santos-o-Velho, e o de Azeitão. O livro de Castilho trata a margem do Tejo desde Madre-de-Deus até Santos-o-Velho



Fig. 21 | Memórias Históricas e Genealógicas dos Grandes de Portugal, p. 19

e, se, no entanto, menciona o palácio em Vila Nogueira de Azeitão, o de Belém não é referido.

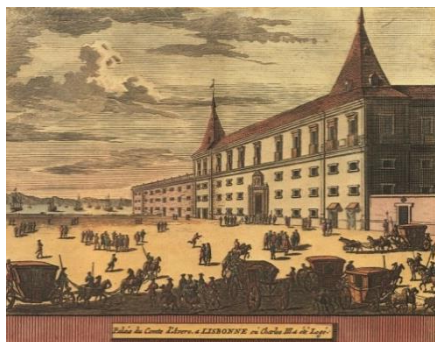


Fig. 22 | "Palais du Comte d'Aveiro á Lisbonne où Charles III a été logé" | 1707

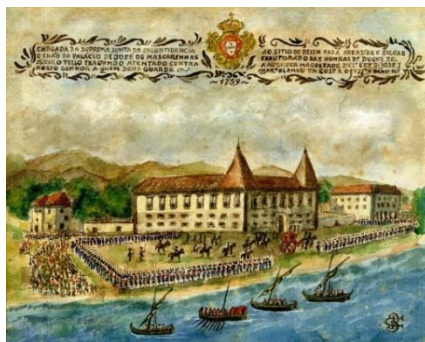


Fig. 23 | "chegada da suprema junta da inconfidencia ao sitio de belem para arrazar e salgar o chão do palácio de jozê de mascarenhas exautorado das honras de duque de áveiro pello exacrando atentado contra a augusta magestade d'el'rey d. Jozê i nosso senhor a quem deos guarde 1759 bertolameo da costa o fez anno 86 v" | 1759

| O PROCESSO DOS TÁVORAS E A QUEDA DA CASA DE AVEIRO

A queda em desgraça da casa de Aveiro ocorre no reinado de D. José I. D. José de Mascarenhas, 8º Duque de Aveiro, casado com D. Leonor de Távora e Lorena, terá, - assim o acusaram - planeado o atentado ao Rei, pela não aprovação do casamento do seu filho D. Martinho com a primeira filha do Duque do Cadaval, menor de idade. Esta intenção tinha por objetivo unir as duas poderosas Casas – Cadaval e Aveiro.

O delito foi malogrado e o Marquês de Pombal aprontou em segredo a destruição da Casa de Aveiro, o fim das honras e regalias de português, vassalo e criado do paço, os títulos de doação à sua Casa, a degradação da Comenda de Sant'Iago, e a condenação à tortura.

A dissolução da Casa e Ducado de Aveiro ficou concluída por carta régia em 16 de Dezembro de 1758.

Os padres jesuítas, que participavam nas confissões da Casa Real, foram considerados envolvidos no atentado, e os considerados conspiradores foram encerrados nas masmorras do Forte da Junqueira. Os restantes ficaram aprisionados no Palácio dos Duques de Aveiro, sob a escolta do desembargador dos agravos da Casa da Suplicação, Dr. Agostinho de Novais de Campos até à sua morte em 1765. Substituiu-o o Dr. Agostinho Machado de Faria até 1776, quando faleceu.



Fig. 24 - 25 | Execução do Duque de Aveiro | Brasão Ducal de pedra picado por traição



Fig. 26 | Padrão no Beco do Chão
Salgado | 1979

Em Belem ha um sitio que durante muitos annos era apontado com horror. Referimo-nos ao Chão Salgado. Encontra-se na rua Direita de Belem, e lá mandou a camara, depois do meado do século XVIII, collocar uma memória, recordação de uma das mais atrozes vinganças do marquez de Pombal.

Entre o largo do chafariz e a travessa a Este, junto da calçada do Galvão, estava o palacio do duque de Aveiro, que occupava toda essa área. Alli mesmo é que foi collocada a ignóbil memória, depois de arrasado o prédio e salgado o terreno: uma columna cylindrica da altura de cinco metros, rematada em fôrma de pyra, e rodeada de cinco anneis de pedra, symbolisando as cinco pessoas da familia do duque de Aveiro, que tomaram parte na conjuração contra D. José I. (Castilho, 1981)

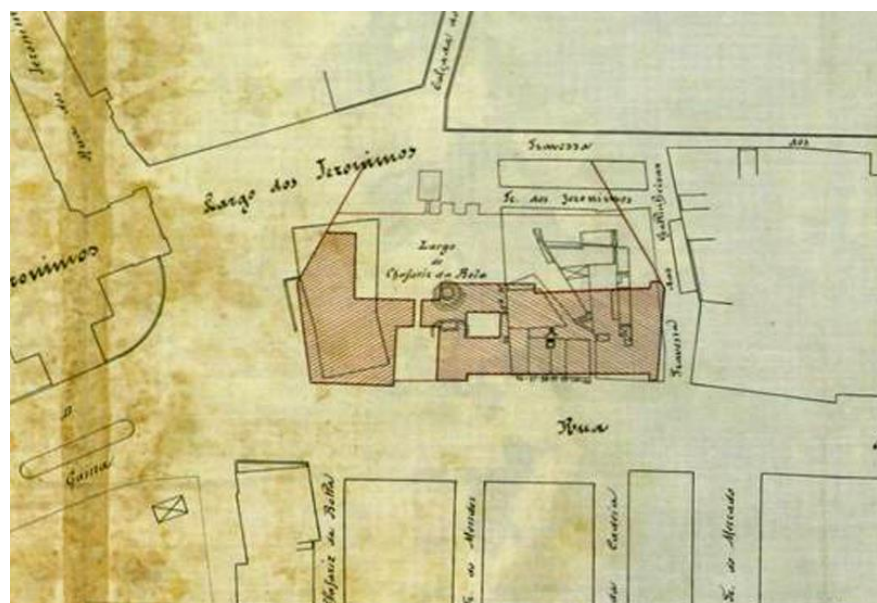


Fig. 27 | Expropriações na Rua de Belém (detalhe); linha vermelha - periferia do Chão Salgado onde está compreendido o atual Largo do Chafariz da Bola; preenchimento a vermelha - palácio do Duque de Aveiro José Mascarenhas antes de ser arrasado, segundo uma planta de 1717 | 1916

| CARACTERIZAÇÃO DO PALÁCIO

No Aveiro esta estampada a renascença clássica pura nas suas linhas – a janela com cornija e frontão com busto no tímpano, o mezzanina, pequenos claros, pórtico emoldurado em colunas dóricas com entablamento da mesma ordem, cunhais rústicos. (Rasteiro, 1898, p.11, ver anexo 11.2.1. e 11.2.2.)

É constituído por um corpo de três pisos, com extensão de 30 metros. Um piso em semicave, um piso térreo de pé direito duplo e uma sala única, e um 1º piso sobre o corpo central. Está dividido em três alas formando um H, gerando um amplo pátio de entrada, a norte, e um pátio mais privado, a sul.

No andar superior há sete janelas, das quais a central e as laterais estão ornamentadas com frontais triangulares em cujo tímpano se colocaram bustos.

O andar inferior tem seis janelas, e mezaninos que ladeiam um pórtico monumental, emoldurado por colunas dóricas, sobre o qual estão as armas ducais. Uma escadaria em pedra, extensa e imponente, de dupla rampa – outrora embelezada com dez estátuas de mármore – permite o acesso a uma larga varanda/terraço que reveste a metade inferior do corpo central, na qual se encontra a porta principal do palácio.



Fig. 28 | Estampa VI: Palácio do Duque de Aveiro em Villa Nogueira de Azeitão | 1895

O corpo central é flanqueado por dois mais baixos, de 12 metros de largura, os quais têm três janelas e mezaninos. Um terraço ajardinado acompanha as alas e os corpos laterais, continuando-se com o primeiro patamar da escadaria que dá acesso à entrada nobre do edifício.

As salas da ala esquerda eram os aposentos dos proprietários do palácio e têm oito janelas. Existiu, no extremo sul, uma passagem para a tribuna que os Duques detinham sob a porta principal da igreja do convento de Nossa Senhora da Piedade. Esta passagem e tribuna foram derrubadas pelo terramoto de 1755. As salas desta ala tinham um pé-direito mais baixo e as suas portas e janelas eram de menor dimensão, contrastando com as dos restantes espaços do palácio. Esta ala possuía ainda uma extensa semicave onde estava instalada a adega.

Nas traseiras da fachada principal situavam-se as dependências da criadagem, cozinhas e o pátio onde ficava a capela particular denominada Capela de São João Baptista, mas nada mais se sabe para além da sua existência.

O Palácio foi submetido a melhoramentos consideráveis, apesar das alterações que se seguiram e a falta de manutenção apropriada lhe tenham retirado parte da magnificência concedida pelas melhorias. Ainda estão por determinar a sua data de construção e o destino dos planos arquitetónicos nos quais foi baseado e dos planos de alterações, se existirem.

O palácio tinha uma boa coleção de azulejos dos séc. XVI e XVII. Os do séc. XVI estavam na parede exterior virada ao pomar (atual vinha), quatro painéis com alegorias às quatro estações ou aos quatro alimentos. Diz-se que estarão hoje no interior da ala ocidental, recolhidos por António Porto Soares Franco. Do séc. VII

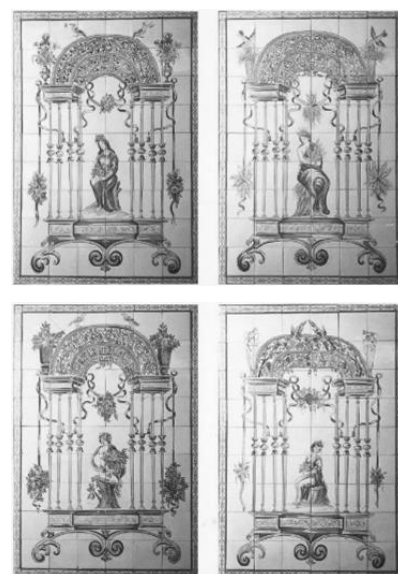


Fig. 29 | Azulejos das Quatro Estações, séc XVI

podem ver-se ainda os belos azulejos de padrão no lambril da sala central do piso térreo.



Fig. 30 | Azulejos na loggia e no interior do palácio

| PROPOSTA DE AUTORIA DO PALÁCIO

Embora não exista nenhum documento que comprove autoria, pode atribuir-se a planta mestra, senão a totalidade do projecto, ou pelo menos a fase correspondente ao corpo central e ao desenvolvimento das alas ainda somente em "U", a António Rodrigues (1525?-1590), apontando para datas de cerca de 1571 em diante.

Com António Rodrigues, assiste-se ao despontar da moderna disciplina da Arquitectura e do Arquitecto enquanto profissão. As suas obras, certamente menos importantes que a sua prática enquanto professor e mestre - a Igreja de Santa Maria da Graça, Setúbal (1563) e a Igreja de Santa Maria da Atalaia, Fronteira (c. 1570) - revelam, uma via "interna", portuguesa, do classicismo, uma espécie de "paladianismo" lusitano que

tem sido identificada com o chamado “estilo chão”, mas que é muito mais do que uma simples solução pragmática. (Pereira, 2011, cap. VII, p. 189)

Ora, é a proximidade de António Rodrigues com Setúbal (e Palmela) e Alcácer do Sal (onde ergue a Capela Das 11.000 Virgens, c. 1550), que leva Paulo Pereira a atribuir, provisoriamente, àquele notável arquiteto e erudito, a traça do Palácio de Azeitão. Marcado pelo chamado “estilo chão”, ou mais propriamente pela singeleza pragmática mas matematicamente precisa da melhor intitulada “arquitetura chã” (George Kubler) reporta-se a uma corrente que terá grande fortuna na arquitetura portuguesa de finais dos séculos XVI e XVII, e chegando mesmo ao século XVIII devido à tradição de ensino, da qual ele foi um dos protagonistas.

Sabendo embora de obras posteriores, não custa admitir que Rodrigues seja o primeiro projetista do palácio, seguindo-se-lhe uma coerente edificação nos mesmos pressupostos estilísticos, até cerca de 1610, pelo menos.



Fig. 31 | Fachada principal/Norte do Palácio



Fig. 32 | Fachada lateral/Este do Palácio

| INDUSTRIAL

Em 1775, o Palácio é doado por D. João VI a Magalhães & Larché para a fundação da primeira Fábrica de Chitas do País, funcionando até 1847, visando o desenvolvimento industrial português. (ver anexo 11.2.3.)

Inicialmente, a firma não singrou, e por isso, D. Maria I atribuiu um subsídio aos fundadores e a um seu sucessor, Raimundo Pinto de Carvalho. O Palácio destinou-se à estamperia e tinturaria, e construiu-se nas imediações, em terreno

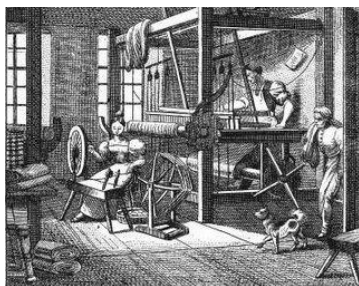


Fig. 33 - 34 | "Neuer Orbis Pictus für die Jugend", 1835 | pormenor da Planta da Carta que contém as aldeas d'Azeitão | 1790

aforado aos religiosos do Convento de Nossa Senhora da Piedade, um edifício de 80 metros de comprimento, com dois pisos, designado a teares e fiação, atualmente pertença de José Maria da Fonseca, Vinhos.

No final do século XVIII trabalhavam na Fábrica de Azeitão cerca de 400 trabalhadores, de ambos os sexos e diversas nacionalidades.

Em 1821, morre Raimundo Pinto de Carvalho, a fábrica é encerrada e vendida a dois irmãos – António e Francisco José Miranda – que criam a Real Fábrica de Azeitão para produção de tecidos e estamparia em algodão e seda. Posteriormente a sua função é interrompida e procede-se o seu aluguer a uma empresa que passa a denominá-la por Fábrica Nacional de Fiação e Tecidos, gerida por José António Morais Mantas até 1846. Nesta altura, os operários abandonam-na para intervirem na Guerra Civil da Maria da Fonte (1846), chefiada por Morais Mantas.

| PÚBLICO E PRIVADO

A Fazenda Nacional toma posse da Fábrica em 1873, vendendo-a a um comerciante de São Tomé, António Carvalho. O edifício encontrava-se bastante degradado, exceto a ala oeste, alugada ao conselheiro Eduardo Barreiros, o qual recebia visitas do Infante D. Afonso.

Uma das salas do Solar foi utilizada como teatro, com capacidade para 400 pessoas, aquando da fundação da Sociedade de Recreio Azeitonense, onde depois houve sessões de cinema sonoro. Até 1940 funcionou como Casa do Povo de Azeitão.

No início do presente século, o Palácio foi vendido em hasta pública a José Oliveira Boal que o deu às suas três sobrinhas, tendo estas repartido o espaço em três frações autónomas e apropriado cada parcela às suas necessidades práticas.

| TERRENOS

As parcelas a nascente do palácio, dantes os jardins sobrantes de um terreno maior, aos poucos foram sendo alienadas. Configuram-se como uma, mas de valências diferenciadas.

A primeira, mais a sul, de 9.235,5 m² dos quais 3.095 m² são área consolidada, e as restantes urbanizáveis. (atual vinha)

A segunda, a norte, com 9.028,8 m², toda em área consolidada, e 320,7 m² de construção em ruínas. (atual pomar)

O sistema de distribuição de água, que abrange uma rede de poços e condutas, tornou-se antiquado, por desuso e carência de manutenção, necessitando de uma modernização. O pomar e a vinha devem reenquadrar-se num novo projeto paisagístico.

É desejável a ligação destes elementos agrícolas ao Palácio, qualquer que seja a sua apropriação, dada a valorização que adicionaria ao edificado.

O terreno influencia a apreciação do Palácio, desfrutando-se dos elementos de água existente e das ruínas, complementando a função de lazer que o Palácio pode adquirir como quinta de recreio reativada.

As quintas de recreio e os seus respetivos valores caracterizam os seus arranjos exteriores e a forma como este universo de componentes, aparentemente isolados, constituíam um todo.

4.2. | QUINTA DE RECREIO

No séc. XV, a denominação *Villeggiatura* estava associada à crescente vontade de construir *villas*, como por parte da família Medici. Surgiu, assim, o fim da casa fortificada, consequência de um sentimento de segurança exterior. Estas *villas* tinham um papel fundamental no espaço periférico do território em que se inseriam, estavam integradas na cultura cristã da cidade e eram o local onde coabitavam o ócio e o negócio ou a vida ativa e a contemplativa. As Quintas de Recreio são a materialização arquitetónica da *Villeggiatura*.



Fig. 35 | Villa Aldobrandini de Frascati (no sopé de uma Serra, à semelhança da quinta em análise)

As Quintas de Recreio eram a residência secundária de elementos da Coroa, Nobreza e Alto Clero pela posse de propriedade fundiária ou poder económico. Esta permitia produções agrícolas, passeios, caçadas e fugir das epidemias da capital, e dependia do estatuto socioeconómico, nível cultural e duração das estadias.

As Quintas eram construídas sobre habitações ou casas de campo, existentes, de modo a engrandecê-las através de modelos italianos, e, primeiramente, serviam apenas como unidades agrárias, só ganhando depois a identidade de evasão.

Como unidades agrícolas de policulturas (vinho, azeite, produtos hortícolas, árvores de fruto, cereais) abasteciam a cidade próxima e algumas exportavam para a Europa e Ultramar.

Como quintas suburbanas, os seus proprietários tinham a possibilidade de tratar dos seus afazeres na cidade e voltar a casa ao final da tarde para desfrutar da herdade.

A ideologia humanista estrutura o espaço nas quintas beneficiando a serenidade, a beleza e a vida campestre, em detrimento do alvoroço, interesses e ambições associadas à cidade.

A riqueza resultante das Descobertas originou uma vaga de construção deste tipo de quintas devido ao investimento proveniente do comércio do Oriente. Estas conjugavam assim lazer, ócio, recreio, investimento e rendimento económico.

A localização e carácter destas construções eram determinadas pela riqueza e diversidade paisagística, aliadas a condições climáticas agradáveis, disponibilidade de água, bons solos e vistas panorâmicas.

A competência e expressividade formal da arquitetura não demonstravam sempre a posição socioeconómica dos donos, mas sim o fim a que serviam (longos/curtos períodos, cultura/mentalidade, arquitetos/construtores). Posteriormente, a chegada do ouro e diamantes do Brasil permitiram melhoramentos no séc. XVIII.

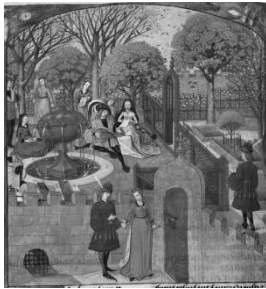


Fig. 36 | *Roman de la Rose* (hortus conclusus) c. 1300,

Do seu programa e estruturação espacial faziam parte:

A. A casa do proprietário: terreiro/pátio de entrada/de honra; sala de entrada/casa de fora; casa de jantar; cozinha; capela (salas, corredores, quartos, câmaras, ante-câmaras)

B. Os jardins e áreas de produção agrícola:

B.1. Propriedade rústica: hortas, pomares, edifícios de apoio à exploração agrícola e pecuária, habitações de trabalhadores rurais.

B.2. Lazer: jardins formais, pavilhões, fontes, lagos, pombais, mata.

A natureza aqui obedece a uma geometria racionalizada, como um reflexo de uma ordem cósmica/divina – ideal renascentista. Os espaços verdes eram equiparados ao jardim de Éden como respeito ao símbolo do último paraíso, à origem do homem – *hortus conclusus*.

4.2.1. | ANALOGIA COM A QUINTA DE CALHARIZ

Uma nova cultura introduzida pelo Renascimento no séc. XVI proporcionou a construção de autênticas Villas suburbanas, de programa espacial equivalente às Villas da Toscana – que lhes serviram de modelo -, em Azeitão e, também, em Sintra, (...). (Pires, 2013, p.266)

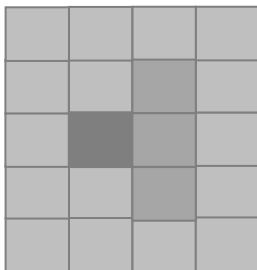


Fig. 37 | Casa, Quinta e Envolvente do Palácio dos Aveiros (desenho matricial)

No séc. XVII origina-se, em Azeitão e imediações, uma nova estruturação arquitetónica da Quinta de Recreio em Portugal – a planta em U axializada. Esta denota-se na Quinta do Calhariz (Sesimbra) e na Quinta dos Duques de Aveiro, revelando sobriedade e privação de componentes ornamentais nos seus edifícios. O primeiro, de caráter mais horizontal, de implantação dependente somente do terreno, e o segundo, de escala urbana, resultado da sua grande altura e relação direta com a rua principal de Vila Nogueira. Ambos estão relacionados com os jardins através da respetiva fachada lateral de maior comprimento.

Nestas duas quintas anunciam-se influências “serlianas” como na ampla *loggia* sobre o jardim da Quinta dos Duques de Aveiro e no pequeno pátio, estruturado unicamente por um arco e duas colunas iguais por lado, na Quinta do Calhariz (ver anexo 11.2.4.). Esta ordem arquitetónica também definiu geometricamente as janelas e portais, entre outros.

Foram construídas fontes e lagos com a função de tanques/depósitos de água para rega das áreas agrícolas, que se afirmam como componentes arquitetónicos determinantes para a definição ambiental dos jardins – o que se pode dever à influência dos jardins islâmicos da Andaluzia, apesar de escalas arquitetónicas diferentes.

Nos seus jardins destaca-se um espelho de água situado fora da geometria matricial das quintas, demarcando a transição entre o natural geometrizado dos jardins e a natureza.

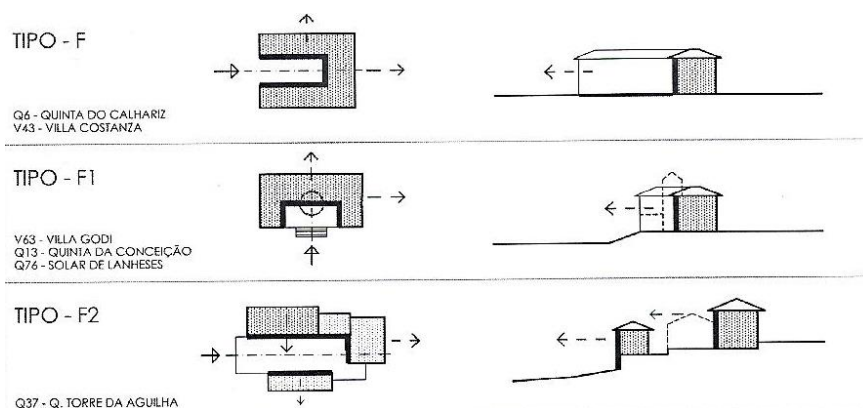


Fig. 38 | Configuração formal e espacial da Villa Ou Quinta de Recreio como complexo arquitetónico – a forma da planta do edifício principal, a sua estrutura arquitetónica – relação com entidades espaciais e volumétricas | 2013

| QUINTA DO CALHARIZ E CASA DE CALHARIZ

A Quinta do Calhariz é composta por dois pátios, o de entrada e o de serviço, duplicidade que se pode dever a ampliações no espaço da casa e até à mudança da sua entrada e fachada principal para o lado oposto do original. Os corredores do edifício principal são como percurso contínuo à volta de pátios interiores.

A composição arquitetónica centralizada geometricamente com estrutura biaxial ortogonal, que a estética humanista havia introduzido, assim como o formalismo do desenho dos canteiros e na plantação, materializam-se nas quintas mais importantes e de carácter mais erudito na região de lisboa, como a do Calhariz. A regularidade formal e características topográficas mais suaves, conjugadas num mesmo espaço da quinta.

Inserida no Parque Natural da Serra da Arrábida, a Casa de Calhariz é uma propriedade privada de 1000 hectares com acesso privilegiado às praias de Sesimbra, Meco e Arrábida.



Fig. 39 - 40 | Salão de Eventos | Palácio

O complexo habitacional é constituído pelo Palácio do Calhariz e pelas dependências agrícolas próprias de uma herdade ainda em funcionamento. Este espaço histórico oferece a sensação de um total isolamento do buliço urbano e a experiência de uma vivência rural.



Fig. 41 | Casas de Turismo

A história secular da Quinta, a beleza do património construído, os jardins e fontes, os achados arqueológicos de povoados pré-históricos e as vistas deslumbrantes de uma propriedade inserida num parque natural são algumas das muitas razões para prestar uma visita à Quinta e usufruir das casas de turismo.

A transição da Quinta do Calhariz para a atual casa de Calhariz trata-se de um exercício de continuidade, sem adições contemporâneas, decorrendo da própria forma “desconcentrada” como a herdade se oferece. Acertos pontuais, que tendem a integrar a modernização de equipamentos, não interferiram com a configuração do conjunto – porque de um conjunto se trata – antes sublinham a possibilidade de redenção e realinhamento da utilização turística sem compressões e acrescentos mediante um projecto de gestão coerente e com a escala certa para o edificado pré-existente.

4.3. | EVOLUÇÃO TIPOLOGICA PALACIANA

A tipologia palaciana surge de sucessivos arquétipos que cronologicamente vão dando bases ao que hoje consideramos ser um protótipo de um Palácio.

Do século XII ao século XV desponta a estrutura “Torre Medieval” que, mais tarde, entre os séculos XIV e XV sofre um acréscimo resultando na “Torre com corpo anexo”. Nos séculos XV e XVI o “Palácio Torreão” é definido através da Torre e um corpo anexo que ganha tendência a expandir-se. De 1500 a 1530 o palácio anterior encontra a “ordem” na sua formalização, surgindo assim o palácio de “Planta em ‘L’”. Em consideração com este modelo em L, desponta o Palácio da Bacalhôa em Vila Fresca de Azeitão, de variações formais específicas de influência renascentista e influências orientais.

Nos anos entre 1550 e 1600 surge o “Palácio em ‘U’”, que sofre modificações e interpretações descontínuas até 1800, sendo a Palácio do Calhariz um exemplo.

Do século XVI até aos anos de 1560/1570 ergue-se a Quinta das Torres, da autoria de António Rodrigues, situada entre as vilas Nogueira e Fresca de Azeitão, num contexto mais erudito de influência italiana.

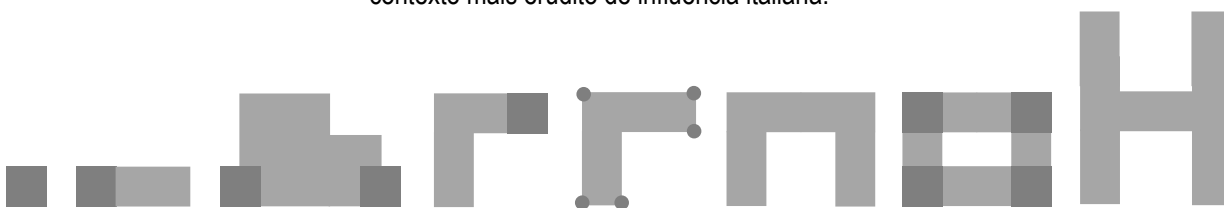


Fig. 42 | Evolução tipologia palácio | Torre, Torre com corpo anexo, Torreão, em L, variação em L (com cubelos, na Quinta da Bacalhôa), em U (Quinta do Calhariz), Quinta das Torres, em H (Quinta dos Aveiros)

4.4. | POTENCIALIDADES DO PALÁCIO

É monumento nacional, classificado edifício de interesse público, em 1977.

O corpo original foi parcialmente destruído pelo terramoto de 1755, mas não ficou completamente comprometido, mantendo a sua configuração e presença, apesar de sucessivas intervenções (ver subcapítulo seguinte). Este subdivide-se em três

classes arquitetónicas, não sendo dissociáveis, pois todas cooperam para o atual carácter do mesmo.

Originalmente proporciona espaços de alto valor arquitetónico. Salas amplas onde a luz flui, proporções bem calculadas e notáveis acabamentos. O pé-direito no piso térreo é duplo, e nos demais é único mas com considerável vão. As comunicações são feitas de sala para sala, característica palaciana. O salão de entrada é ladeado por duas escadarias de acesso ao piso intermédio e primeiro piso. Este, de grandes proporções e detentor de uma luminosidade admirável e vista panorâmica, corresponde, às cotas da rua principal da vila, a um excelente 5º piso.

A importância arquitetónica poderá ser valorizada através de limpeza, restauro e da aplicação de reforços estruturais pontuais (revisão das fundações, cálculo de pesos e de estabilidade fundacional, drenagens exteriores, melhoramentos estruturais com esticadores ao nível dos entre-solos, reposição de pisos com reforço em vigota de aço reversível ancorada, parede-a-parede), seguidos da restituição das antigas funções ou novos usos compatíveis.

Do período industrial surgem espaços desmedidos, de carácter funcional e despreocupação estética, sombrios e de acabamento fraco, quando existente. Estes, vocacionados para uma maior intervenção, permitem fortalecer novos usos e a demarcação de novos espaços, podendo servir as zonas de maior importância.





O Palácio atual emerge assim da subdivisão prática-administrativa que resulta da divisão da propriedade por três herdeiras e da tentativa de rentabilização do espaço, através de aluguer. O papel relevante foi a manutenção do existente, evitando a ruína, pois que as intervenções que se seguiram subdividiram espaços ou criaram novos, expropriados de atributo arquitetónico e de qualidade pobre de construção (ver plantas em anexo 12.2.6.).

O Palácio é um edifício de potencial subaproveitado, sendo possível restituir a sua magnitude, aliada à renovação funcional e técnica, compatível com a rentabilidade.

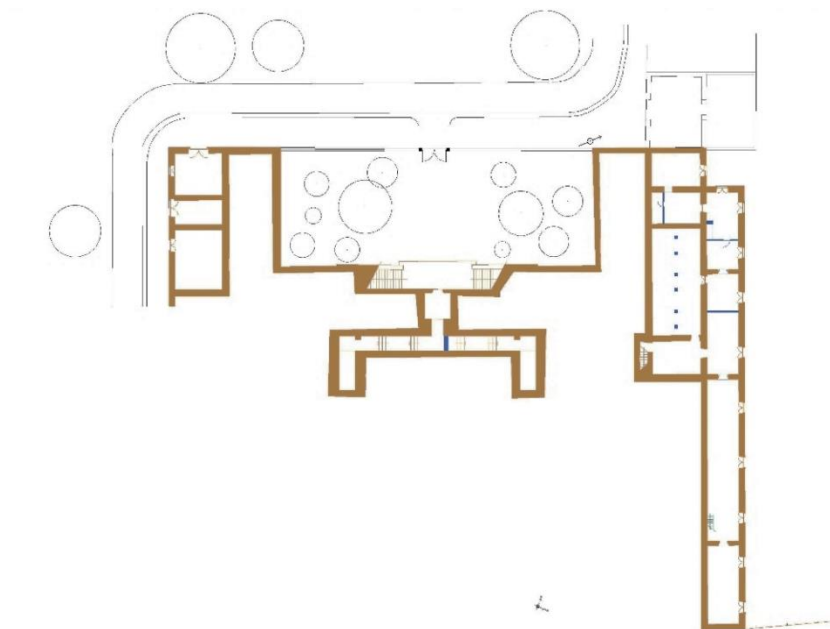


Fig. 43 | Rossio/Praça da República, Palácio dos Duques de Aveiro e Convento Dominicano de Santa Maria da Piedade

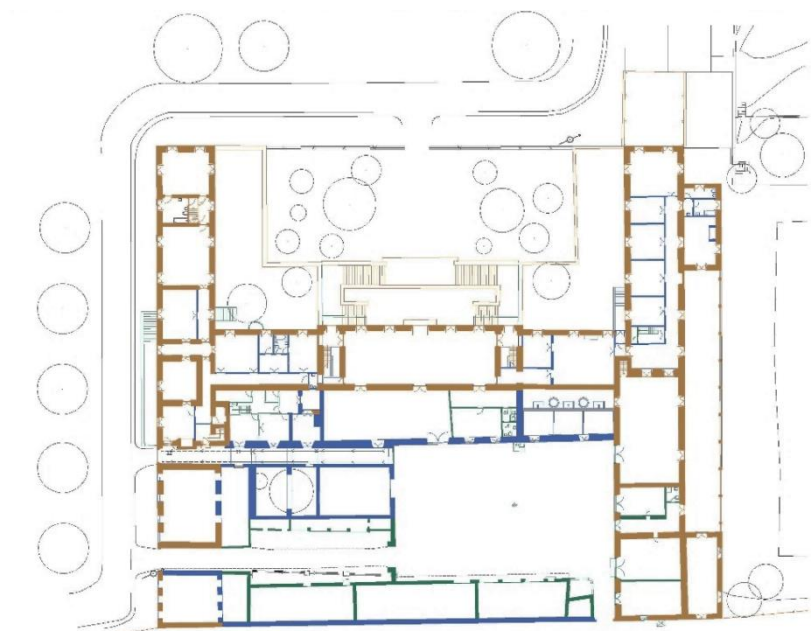
4.5. | EVOLUÇÃO FORMAL DO PALÁCIO

Legenda	
anterior ao terramoto de 1755	
entre 1755 até séc. XX	
séc. XX	

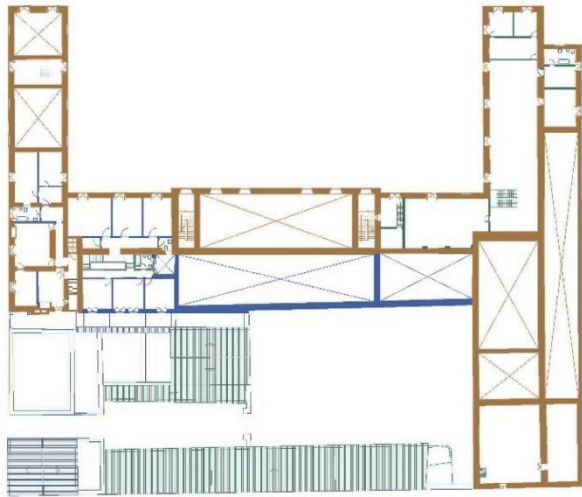
Levantamento executado e registado pelo Arquiteto Frederico Carvalho.



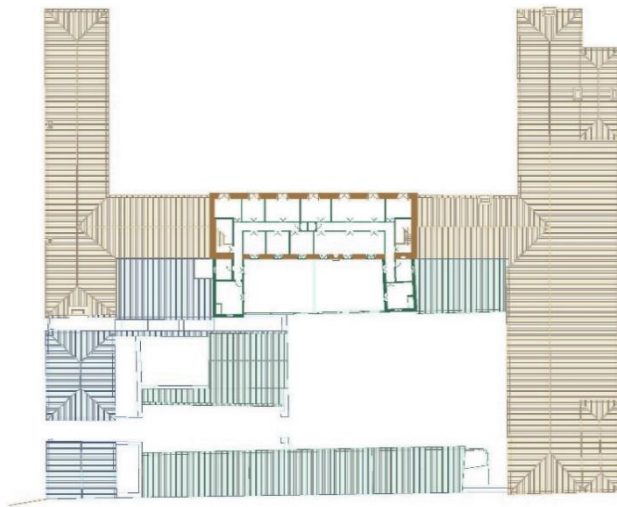
Planta da semi-cave



Planta do piso térreo



Planta do piso intermédio



Planta do piso 1

5 | REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA

5.1. | RESTAUROS, TRATADOS E CARTAS

Memento mori. | Lembra-te que és mortal. (expressão latina da Roma Antiga relativa à vida após a morte e à imortalidade da alma)

Tratando-se de um projeto de reabilitação, pretende-se pois compreender este conceito e de que forma difere das temáticas de restauro e conservação. Através de um estudo sobre a evolução histórica das teorias associadas a estes temas, torna-se desejável abordar o projeto mais consciente e fundamentadamente para que se valorize a identidade da pré-existência. A expressão enunciada denuncia assim a intenção de lidar com a “morte” do edifício enquanto a casa senhorial que foi, mas também com a possibilidade de um “renascer” da alma na medida em que algo pode ser feito e restituído àquele palácio.

A escolha de preservar edifícios deriva do reconhecimento do seu valor patrimonial e do anseio de consentir que perdure na memória. A evolução da sociedade acarreta, no entanto, a necessidade de apropriar estes monumentos, que “ontem” serviram de suporte a um uso, mas que entretanto, por diversas razões, caíram em desuso. É da ambiguidade entre preservação e apropriação que nasce o conceito da reabilitação.

A preservação do património, e naturalmente, a reabilitação, teve origem no século XVIII, na época da Revolução Francesa (1789/99). Nestes tempos, desencadeou-se uma sucessão de “ofensivas” a monumentos, que levaram à sua deterioração e extinção. Contudo, a crescente estima pelo património, originou a necessidade de definição de normas e um fio condutor de atuação que permitisse proteger esses monumentos. Foi assim necessário, salvaguardá-los e principiar o debate sobre a metodologia de conservação e restauro.

Com base nestes desenvolvimentos, propagou-se por toda a Europa o objetivo comum da proteção do monumento, cujas teorias e práticas diferiam consoante o pensamento dos responsáveis nacionais surgindo três tendências de restauro.

5.1.1. | RESTAURO ESTILÍSTICO

França | século XIX | Viollet-le-Duc

Restaurer un édifice, ce n'est pas l'entretenir, le réparer ou le refaire, c'est le rétablir dans un état complet qui peut n'avoir jamais existé à un moment donné. (Viollet-le-Duc, 1838)

Para Viollet-le-Duc, todos os acrescentos de épocas anteriores deveriam ser destruídos, de modo a restituir “cientificamente” o original. Tendo o estilo inicial

como referência, restaurar um monumento implicava reconstruí-lo, se em ruína, ou reintegrar elementos que faltam à sua estrutura.

Os generais-inspetores dos “Monumentos de França”, Ludovic Vitet e Prosper Mérimée, acreditavam que a reconstrução tinha de recorrer a cópias semelhantes dos componentes do edifício em questão ou de edificado circundante. O objetivo seria a conservação dos valores históricos nacionais que os monumentos ofereciam e a preservação da identidade nacional ao ser propagada através de imagens arquitetônicas. Desenvolve-se, então, um processo de cópia verídica de valor próximo ao original.

A noção estilística não era uma iconografia petrificada no tempo, mas sim, uma evolução da relação entre regras e as possibilidades técnicas e formais do “hoje”. O restauro não era tido em conta como uma nova arquitetura, pois era um projeto baseado no rigor puro do estilo, sem sobrar lugar para a criatividade e influências pessoais.

Como relator dos “*Bâtiments Civils*” (instituição encarregada do inventário e restauro do património medieval) em 1838, as intenções de Viollet salvaram monumentos e até cidades, da destruição. A reconstituição resultante causou, por outro lado, danos irreparáveis de conteúdo estilístico e afetaram a autenticidade, assim como o valor dos monumentos. A ideia de monumento histórico e os esforços de salvaguarda passaram assim a remeter para a preservação dos valores nacionais seguindo um ideal de alguma maneira, museológico.

5.1.2. | RESTAURO ROMÂNTICO

Inglaterra | século XIX | Ruskin

Restoration, so called, is the worst manner of Destruction (...) Do not let us deceive ourselves in this important matter; it is impossible, as impossible as to raise the dead, to restore anything that has ever been great or beautiful in Architecture. (...) Take proper care of your monuments, and you will not need to restore them. (Ruskin, 1989, p.19)

We have no right whatever to touch them (the monuments). They are not ours. They belong partly to those who built them, and partly to all the generations of mankind who are to follow us (...). (Ruskin, 1989, p.20)

A tendência de “Conservação Rigorosa”, oposta à de Viollet-le-Duc, resultava de uma reação negativa perante o restauro enunciado anteriormente, tendo sido divulgada por John Ruskin e William Morris. Este último foi o que mais difundiu esta tendência através do movimento “*Arts and Crafts*” e da “*Society for the Protection of Ancient Buildings*”.

Os ideais deste restauro defendiam a escala universal que a noção de monumento deve atingir, e a salvaguarda do património arquitetónico.

Ruskin opôs-se à cultura de massas resultante da industrialização e revela a vontade de “continuar” o passado. Este aceitava a consolidação dos monumentos, desde que não fosse visível, e consentia o reforço da estrutura, quando esta se

encontrava em risco de se danificar. Defendia as reparações pontuais, mas rejeitava a cópia ou adições aos elementos originais.

O restauro de acordo com o espírito da época presente conduz à destruição de ideias, valores e ideais morais históricos que tomaram corpo nesses edifícios – o arquiteto deve construir para a eternidade – dando-se assim extrema importância à nostalgia.

5.1.3. | RESTAURO ARQUEOLÓGICO

Itália | início do século XIX a início do século XX | Valadier e Stern, Boito

No innovation should be introduced in the shape and proportions, nor in the ornaments of the building, unless to exclude those elements that in a time after the construction were introduced by the caprice of the new generation. (Papa Leão XII, 1823)

O completar e consolidar com base em investigações precisas, que determinam opções de restauro, originaram um restauro arqueológico. Neste método, os elementos originais podiam ser aproveitados e os vazios preenchidos com cópias que não atingiam as falsificações, ao ponto que se denote uma coesão estética unitária quando observada de longe.

Como pioneiros desta conceção surgiram Stern e Valadier, sendo que esta tendência teve por base os escritos do Papa Leão XII e posteriormente, os princípios estabelecidos pelo arquiteto italiano Camilo Boito em “*Conserver ou Restaurer*”, que serviram de base para a primeira legislação italiana sobre a temática da proteção dos monumentos. Boito assume uma posição intermediária, emprestando a Ruskin o valor de autenticidade do monumento e a Viollet-le-Duc a legitimidade da restauração, desde que fundamentada e claramente identificável. Com esta carta, o arquiteto abriu o caminho para os modernos princípios de ética de conservação-restauração.

5.1.4. | RESTAURO CIENTÍFICO

Itália | primeira metade do século XX | Giovanonni

Tratava-se de avançar com a tese do restauro científico (Restauro Scientifico), presumindo pela absoluta bondade da intervenção de restauro “puro”, com predomínio da consolidação, mas admitindo a anastilose como critério útil (mas derradeiro) de intervenção. Embora tenha estado na base da Carta de Restauro italiana de 1931, os seus métodos não foram imediatamente conhecidos em Portugal. Como outros métodos, as suas propostas acabaram por ter ecos-tardios, mas mesmo assim ecos em todos aqueles que defendem, hoje mesmo, o restauro minimalista. (Pereira, 2000, p.24)

O nome de Gustavo Giovannoni (1873-1947) surge como advogado do respeito integral pelo monumento, já que este não admitiria reinvenções mas apenas reconstruções.

Em certa medida, estes critérios podem ser também considerados precursores, mas foi sobretudo a sua contribuição para a valorização do enaltecimento urbano que marcou o seu método. Doravante, também, o tecido urbano envolvente deveria fazer parte de considerações patrimoniais, pelo que o “higienismo” a que muitos procederam, com o da libertação do monumento para a sua melhor fruição e visibilidade, não tinha mais sentido. De algum modo, agora, a cidade, a urbe, era também monumento.

O efeito de todas estas teorias viriam a ser expressas por Cesare Brandi (1906-1988) na sua principal obra – entre uma multiplicidade de ensaios e reflexões sobre a arte e história – intitulada *“Il restauro. Teoria e pratica”*, de 1963 e sucessivamente reeditada, sendo hoje o nome (e a obra) de referência para o restauro em geral e, em especial, no que respeita às intervenções em património edificado. Exerceu uma influência duradoura e dele partiram as mais expressivas propostas que conciliaram obra de restauro, a reabilitação, e a obra-nova com a necessária refuncionalização de partes de edifícios de modo a assegurar a sua sustentabilidade e uso. Segundo Brandi, aquilo que define o restauro é uma tomada de consciência, uma responsabilidade assumida pelos diversos intervenientes num processo complexo, *“il momento metodologico del riconoscimento dell'opera d'arte, nella sua consistenza fisica e nella sua duplice polarità estetica e storica, in vista della trasmissione al futuro”*.

Os seus ensinamentos encontram-se expressos na “Carta de Restauro Italiana,” de 1972, que por sua vez faz eco da famosa “Carta de Veneza”, de 1964, que foi, à sua maneira, o primeiro documento universal, inspirado pelas teorias “brandianas”, a assumir uma posição de equilíbrio e ponderação de acordo com os avanços científicos e ideológicos do pós-guerra e com a necessidade de acordo estético entre diversos níveis de intervenção, devidamente graduados e sempre obrigatoriamente registados e testemunhados na própria obra.

5.2. | PROJETOS DE REFERÊNCIA

Os projetos de referência que se seguem partem de uma pesquisa inicial, sendo que as suas influências projetuais servem como balizas para o projecto a delinear. Os primeiros casos de estudo são aqueles que classicamente podem ser mencionados dentro da cultura arquitetónica portuguesa contemporâneas no que respeita ao diálogo do “antigo” com a “obra-nova” e a refuncionalização dos edifícios, todos eles de grande impacto histórico-artístico. São, quase todos, adaptação a pousadas, mas disso mesmo se necessita atendendo ao programa seguido no projecto que se propõe. Do mesmo modo, o Palácio dos Aveiros contém em si o mesmo grau de importância monumental que os exemplos abaixo apontados. Não é por se tratarem de mosteiros que se podem descartar tais “casos de estudo”, já que, repetindo, o programa é hoteleiro, por um lado, mas também porque as questões suscitadas pelas pré-existências foram sendo

resolvidas de maneiras diversas pelos arquitetos protagonistas das reabilitações e adaptações, o que se afirma de grande utilidade.

Os restantes casos incidem já sobre estruturas de tipologia palaciana, mas não possuem a versatilidade, ou melhor, o impacto patrimonial e afirmativo dos exemplos anteriores. Alguns casos apresentados mais à frente (5.2.10. p.e.) inserem-se na segunda questão de trabalho, incidindo nas ambivalências de um edifício e no que este pode oferecer a uma comunidade em termos de diversidade de funções espaciais num só edifício, e na articulação destas.

Outros edifícios serão analisados, devido às suas semelhanças tipológicas e históricas em relação ao edifício a reabilitar, a fim de uma consciente e fundamentada criação de roteiro turístico que envolva as terras de Azeitão (ver capítulo 7.4.).

5.2.1. | MOSTEIRO DE SANTA MARINHA DA COSTA | POUSADA

Guimarães | séc. IX-XVIII | Fernando Távora/Enatur, 1991



Fig. 44 | Alçado poente | Corpo novo em tons de vermelho | 2011

Trata-se de um dos primeiros exemplos – no que foi pioneiro – da adaptação de um Mosteiro muito degradado numa Pousada, no início daquilo a que Paulo Pereira intitula o “ciclo das Pousadas/ENATUR”. O trabalho desenvolveu-se mediante um profundo processo de estudo das pré-existências, através de escavações e análise arqueológica.

Tais critérios de intervenção, e segundo os mesmos princípios, devem ser informados pela história da arte e pela história da arquitetura (ou pela arqueologia), exercendo, por este meio, uma contínua crítica dos gostos, para se perceber através deles a acumulação particular das épocas e do tempo (curto ou longo) em cada edifício. Assim se podem integrar as diversas dinâmicas, rápidas e lentas, metaforicamente geológicas e históricas (ou conjunturais) de cada imóvel, num entendimento do tempo e da sua sedimentação. (Pereira, 2000, p.36)

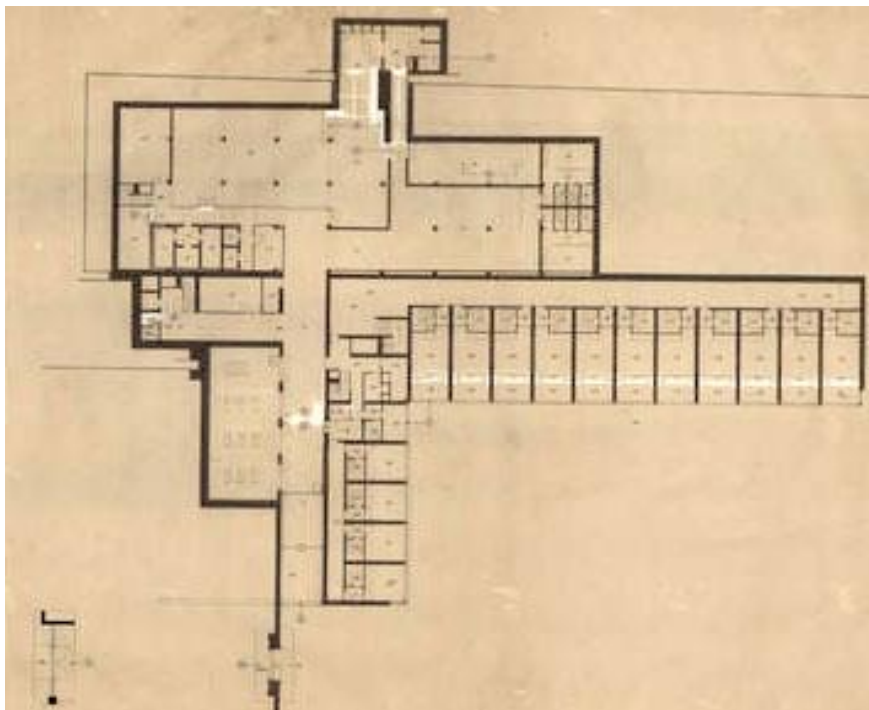


Fig. 45 | Planta do corpo novo – piso térreo (na realidade, piso -1)

Távora modificou minimamente o conjunto que existia, apenas promovendo o restauro de todas as alas destinadas a uso hoteleiro. Ou seja, o próprio edifício foi material de projeto, e foi-lhe conferindo um conjunto de novas funções com a menor transformação possível dos espaços e da sua vocação inicial, como sejam a sala do capítulo ou o refeitório, bem como as alas com as antigas celas dos monges.

A leitura do edifício e as suas fases anteriores são mantidas e clarificadas, “ascendendo a parte integrante da História de uma poderosa estrutura em lenta e continuada transformação”. (Lobo, 2006, p.120)

É de realçar a forma como Távora resolveu o problema do “programa de re-uso”: “No exterior, porém, atendendo ao programa, acrescentou duas alas de quartos, mediante o desenho de um edifício de linguagem moderna, com planta em “L” (...) e oferecendo de cada quarto uma vista panorâmica através de grandes janelões (...) protegidos por encaixilhamento moderno em cor sangue de boi, cor utilizada para os caixilhos da parte antiga do mosteiro e em voga na arquitectura monástica minhota do século XVII-XVIII. Adoptou um sistema com uma métrica precisa, evocando, (...) as górgias características de cidades minhotas (...) A configuração é lançada, baixa, quase de expressão monovolumétrica, implantada a meia encosta a uma cota inferior à da base do edifício principal do Mosteiro e Igreja, apresenta uma linguagem moderna que interpreta a paisagem e, simultaneamente, obedece à dinâmica a que um monumento deste tipo conduziria (como, de facto, conduziu), caso a sua vida se tivesse prolongado, o que acabou por acontecer através da sua conversão em pousada. A parte de “obra-nova” adquire o mesmo valor simbólico que a “obra-antiga”.” (Pereira, 2005)

Távora contribuiu para a continuação da vida do convento, conservando-o e mantendo a sua identidade, criando novos espaços resultantes da necessidade de responder a novas condições programáticas.

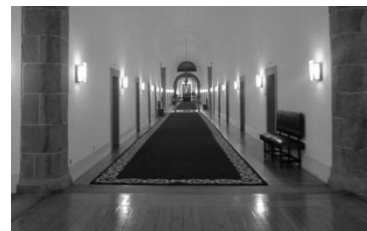


Fig. 46 | Corredor do dormitório original reabilitado

Acredita-se ser um dos exemplos mais felizes de adaptação com obra-nova associada e, em certo sentido, mantém-se como exemplo máximo deste tipo de intervenção. De tal forma assim o é que, a filosofia do projecto que aqui se adota não poderia deixar de tomar esta obra de Fernando Távora como um ponto fértil de reflexão: a relação do pré-existente no palácio de Azeitão com a componente de obra-nova obedecerão, também, a uma lógica “herdada”, isto é, à possibilidade de uma continuidade de vida útil (que se pretende) do Palácio. A obra-nova irá seguir critérios – como a ortogonalidade dominante no conjunto pré-existente, os alinhamentos de muros e respetiva expressão complanar sem que existam ruturas da lógica construtiva, pelo contrário, recuperando até métricas antigas e jogando com elas.

5.2.2. | MOSTEIRO FLOR DA ROSA | POUSADA

Crato | séc. XIII | Carrilho da Graça, 1995



Fig. 47 | Pormenores do contacto antigo-novo

No Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa, o antigo e o contemporâneo fundem-se. Este hotel de luxo no Crato é um exemplo da recuperação de um edifício histórico aos tempos modernos, sem perder o ambiente conventual, calmo e tranquilo.

Nesta Pousada encontramos edifícios distintos de épocas distintas, como o Paço acastelado gótico, a Igreja gótica manuelina e compartimentos conventuais renascentistas e mudéjares.

Ao longo dos anos, o complexo da Flor da Rosa sofreu várias intervenções. Em 1995, o Paço e o Mosteiro-Fortaleza foram adaptados a Pousada. Esta intervenção permite apreciar uma “testemunha” do início da história de Portugal: a obra de recuperação do enigma de carácter guerreiro, monástico e palaciano.

A intervenção de João Luís Carrilho da Graça no Mosteiro de Flor da Rosa resultou de uma encomenda do IPPC, de 1989, no quadro da sua reconversão em Pousadas, na altura sob tutela da ENATUR.



Fig. 48 | Ala nova

O partido tomado pelo arquitecto – refere Paulo Pereira e Jorge Rodrigues – baseava-se, de resto, nos princípios da Carta de Veneza e na distinção entre o “novo” e o “velho”. Partiu de uma estratégia já utilizada, por exemplo, por Fernando Távora num projecto inicial e pioneiro, o da Pousada de Santa Marinha da Costa, em Guimarães. A ideia foi a de interpretar o edifício como uma sucessiva estratificação das épocas, com construções correspondentes a cada

uma dessas épocas em termos de programa, de linguagem, de expressão e de utilização. Isto é, tratava-se agora de dar um novo destino à Flor da Rosa, que para além de casa-forte, igreja, mosteiro e colégio, para além das épocas que ali se somaram em termos de intervenção – os séculos XIV, XV, e XVI, passaria agora a contar com a valência hoteleira e com uma intervenção do século XX. Naturalmente o século XX, com linguagem do século XX. Assim, aconteceu, de facto. (Pereira, Rodrigues, 2009, p. 132)

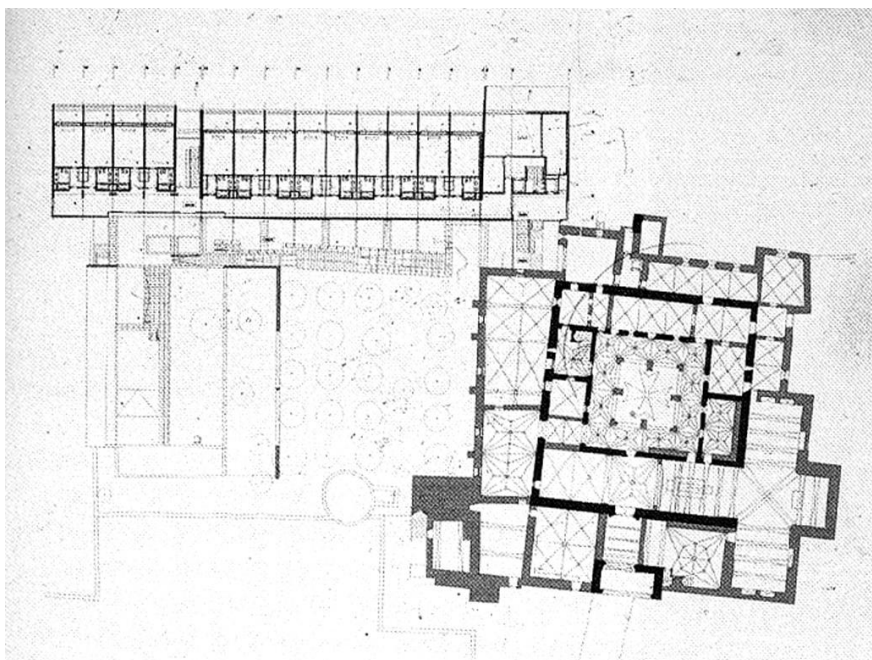


Fig. 49 | Planta do piso térreo

Carilho da Graça, informado pela história do monumento, teve em conta contingências de programa e nem sempre se poderá dizer que as soluções foram plenamente conseguidas. Mas promoveu um projecto que reuniu a recuperação e restauro de espaços do antigo mosteiro e a sua articulação com a componente de obra-nova.

Trata-se, porém, de uma “obra nova” com marca autoral – neoplástica ou neomodernista – sem outros compromissos com as pré-existências a não ser a sua disposição como corpo extenso e horizontalizado, de dois pisos, acrescentado a poente do edifício e tocando-o ao de leve, por um dispositivo de pala, no vértice noroeste.

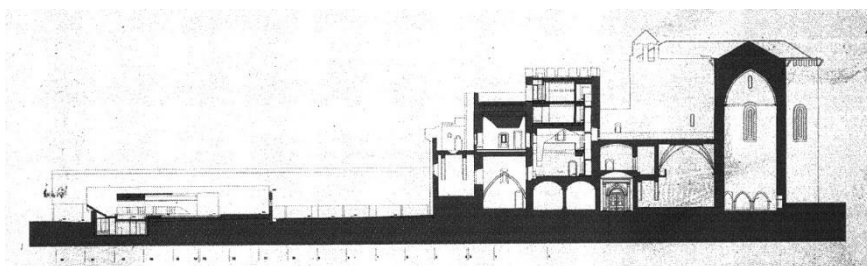


Fig. 50 | Corte este-oeste



O que mais interessa é a intervenção nos espaços pré-existentes – sala do capítulo, refeitório, nas torres e no sistema de articulação vertical, bem como a reinvenção de tetos, alguns já perdidos: parte das torres encontravam-se “ocas”; outras a necessitar de intervenções de acabamentos e restauro/consolidação, com revisão integral de pavimentos.



Fig. 51 | Pormenores do interior

São poucos os quartos que se instalaram na zona antiga, reabilitando, aliás, os pisos nobres das torres. Um deles, que pode ser considerado a “suite” da pousada, encontra-se precisamente no andar nobre da torre média, no espaço que a tradição diz ser o “Quarto de D. Nuno” por se acreditar que foi ali que o Condestável nasceu. (...) Este quarto possui amplo pé direito e a cobertura é feita de caixotões de madeira no jogo geométrico de assimetrias extremamente inventivo e não sem evocar traços desconstrutivistas. Este tipo de cobertura é utilizado em algumas áreas antes “ocas” de modo a condicioná-las e a domesticá-las. (idem, p.133-134)

É nestes quartos e áreas de transição, portanto, que se desenvolve a intervenção propriamente de reabilitação. O arquiteto conseguiu impor um conjunto de tetos suportados nos elementos estruturais, criando formas planas e em angulação. Foi criado um efeito de animação espacial e de modulação de luz acentuando a verticalidade pelas fendas, ou inclinando os planos de modo a refletirem a luz das janelas. Não possuem textura, uma vez que estes planos desencontrados coam a luz natural e obtêm valores lumínicos inovadores.

Há, no entanto, um lado negativo: a parte não-afeta à pousada do monumento não foi objeto de qualquer restauro a não ser recentemente (2009-2010). Isto enfatiza aquilo a que Paulo Pereira chamou o lado “pretextual” de muitas destas intervenções, em que conta mais o cumprimento de um programa do que a revitalização do monumento propriamente dita.

5.2.3. | CONVENTO DE ARRAIOLOS | POUSADA

Arraiolos | séc. XIII | João Paulo dos Santos, 1993-1996



Fig. 52 | Fachada e áreas reabilitadas e recondicionadas

O sentido projetual adotado por João Paulo Santos, no quadro do ciclo das Pousadas que ENATUR, foi a do mínimo protagonismo, mas impondo uma linguagem contemporânea discreta que, no entanto, não deixa de ser uma marca

do tempo. Foi no entendimento, mais uma vez, da história do edificado e da sua potencial continuidade que foram desenhadas novas valências hoteleiras que respeitam a métrica do conjunto original e as cérceas. O corpo novo adota uma linguagem neomoderna, e oferece uma fachada plana, revisitando a arquitetura chã e, em parte, a arquitetura tardo-manuelina que é a do convento, mas sem qualquer inclinação pitoresca.

A austeridade dos volumes, a métrica dos vãos e os materiais usados, com predomínio para os revestimentos em cal branca, mas com uso de materiais tradicionais como o tijolo operam uma transição sem contrastes acentuados entre a obra-antiga e a obra-nova.

O claustro foi fechado com vidro, eventualmente a concessão mais evidente para refuncionalização deste espaço de passagem, verdadeira rótula de todo o edifício, mas foi efetuada uma redistribuição de áreas, mantendo-se o piso térreo reservado às funções de carácter público, e optando-se pela manutenção do destino de uso da antiga sala do capítulo, reconduzindo a sala de estar o antigo refeitório.

O restaurante abre para uma vista privilegiada sobre a paisagem, e sobre o novo pátio. Os quartos foram organizados no piso superior do corpo novo.

Inspirador pelo respeito pela pré-existência e pela articulação do novo e do antigo, este projecto inscreve-se na categoria daqueles que, ao mesmo tempo, contribuem para uma reinterpretação das linguagens quinhentista e tardo-quinhentista, o que pode ser igualmente observado na proposta elaborada nesta TFM, onde este sentido de continuidade pretenderá estar presente, sem quaisquer intuítos imitativos.



Fig. 53 | Ala nova

5.2.4. | MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BOURO | POUSADA

Amares | séc. XII | Eduardo Souto de Moura, 1997



Fig. 54 | Vista norte (entrada) | Claustro

O projeto tenta adaptar, ou melhor, servir-se das pedras disponíveis para construir um novo edifício. Trata-se de uma nova construção, onde intervêm vários depoimentos (uns já registados, outros a construir) e não da reconstrução do edifício na sua forma original. Para o projeto, as ruínas são mais importantes que o "Convento", já que são material disponível, aberto, manipulável, tal como o edifício o foi durante a história.

O arquiteto não pretendeu com essa atitude construir uma exceção, procurando a originalidade do manifesto, mas sim cumprir uma regra de arquitetura, quase sempre constante ao longo do tempo. Durante o projeto, o "desenho" tentou encontrar a lucidez entre forma e programa.

A obra de Eduardo Souto Moura *"irá desenvolver-se já mediante uma indagação em torno da plasticidade das formas modernas, em especial da herança de Mies van der Rohe e do minimalismo que lhe é consequente. Naturalmente, o projectista irá utilizar o granito, tal como o fazia Távora, mas cada vez mais distante de propósitos vernaculares ou regionalistas, integrando-o como elemento expressivo, decorativo até, embora por vezes pareça utilitário."* (Pereira, 2007, p. 250)

A revitalização patrimonial foi sempre manifesto interesse do autor, e um dos mais emblemáticos trabalhos que realizou foi integrado no ciclo das Pousadas, com a recuperação e instalação da Pousada no Mosteiro cisterciense de Santa Maria de Bouro.

Desde logo Souto Moura assumiu a ruína como fonte de inspiração e ligação ao território evitando desvirtuar a imagem que se tinha fixado pelo menos desde havia cem anos até à sua intervenção. *"Aqui, as galerias ou quadras do claustro nas partes respeitantes ao circuito público ficaram 'abertas'. Para manter o valor visual do conjunto sem contrariar a sua antiga marcação na paisagem, o projectista optou por instalar uma cobertura em placa, totalmente lisa e francamente 'corbusieriana', sobre a qual dispôs vegetação."* (Pereira, 2007, p. 250)



Fig. 55 | Vista tardoz

A imagem de conjunto, pese embora a modernização ao nível infraestrutural, realiza uma síntese entre a obra pré-existente, o programa novo que era exigido, usando uma linguagem neomoderna, e mantém o "espírito do lugar".

Mesmo assim, questões que se prendem com a harmonização de infraestruturas, a simplificação necessária e a instalação das infraestruturas pesadas, trouxeram inconvenientes, como trarão sempre, uma vez que o programa acaba sempre por sobredeterminar as opções do projetista. Todavia, registre-se que o edifício foi, neste caso, integralmente restaurado com exceção do templo, esse de gestão estatal direta e intervencionado gradualmente.

Perante duas hipóteses, optou-se por recusar a consolidação pura e simples da ruína para uso contemplativo, apostando por injetar materiais, usos, formas e funções *entre les choses*, como dizia Corbusier. O "pitoresco" é uma fatalidade que acontece e não a vontade de um programa.

5.2.5. | CONVENTO DAS BERNARDAS | FÁBRICA DE MOAGEM | HABITAÇÃO

Tavira | séc. XVI-XVIII/ séc. XIX-XX | Souto de Moura, 2010



Fig. 56 | Vista Este

Trata-se de uma intervenção de reabilitação e adaptação da ruína do antigo mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, também conhecido como Mosteiro, ou Convento, de S. Bernardo e do braço feminino. Souto Moura decidiu conferir-lhe um uso habitacional. A intervenção saldou-se pela criação de um complexo habitacional de 78 fogos, com um corpo novo, onde foram projetados mais 21 fogos.



Fig. 57 | Vista do pátio

Esta questão do uso torna-se caso de interesse e relevo, face à monotonia de outros casos de adaptação de antigas estruturas e edifícios a uma utilidade contemporânea – ensaiam-se novas ideias, sem os complexos e contenções de um passado recente, onde a culturização do património arquitetónico seria, porventura, o dever da sociedade. Assente isto, torna-se também claro que a tipologia do mosteiro e/ou convento prima por uma assinalável adaptabilidade e capacidade de acolher uma nova funcionalidade, de um modo geral. (José, 2016)

A racionalidade do edifício, pese embora ter sido “adulterado” na sua adaptação a fábrica de moagem, ajudou na opção. As habitações são temporárias e, portanto, compreendem uma dimensão hoteleira no seu seio. Deve-se isto à sua racionalidade construtiva e tipológica: o convento contém em si a essência do edifício multifuncional, desempenhando todo um leque de usos para as monjas. Assim, Souto Moura avançou para uma adaptação a habitação temporária, muito diferente da habitual pousada histórica, e foi bem-sucedido em termos de gramática.

A relevância das Bernardas é importante quanto à sua vertente construtiva, material e física: o acabamento dado às fachadas (a coloração amarelada em tom pastel) faz transparecer o inacabado com a presença da rugosidade do material, a textura das alvenarias irregulares, e permite a percepção da alvenaria contrastante com o betão liso, colocando o acrescento por oposição ao original, unidos pela coloração da superfície.

5.2.6. | MOSTEIRO CONVENTO DE TIBÃES | HOSPEDARIA

Mire de Tibães | séc. VIII-XVII/ VII-XIX | João Carlos dos Santos, IPPAR, 1999-2003/2005; inaugur. 2010



Fig. 58 | Mosteiro e reabilitação da ala sul | Mosteiro e reabilitação da ala nascente e claustros

O Mosteiro de S. Martinho de Tibães foi fundado no século VI, em período de domínio suevo, tendo sido depois arrasado e reconstruído no último terço do século XI. Sucessivas alterações deram-lhe a sua configuração final, que se estabiliza em meados do século XVIII, tornando-se na Casa-Mãe dos beneditinos em Portugal.

O projecto de revitalização pode ser considerado exemplar no panorama português e europeu. Com efeito, “a recuperação do conjunto tem-se feito gradualmente e através de intervenções minimalistas que integram (ou reintegram) funções antigas (tal foi o caso da Casa Paroquial). O mesmo se pode dizer do respectivo projecto de musealização que obedece a princípios essencialmente interpretativos. No caso de Tibães é assim possível entender até que ponto o monumento passou a funcionar como estaleiro-experimental: nele, têm sido (ou irão ser) adotados todos os tipos de variantes em termos de critérios de intervenção, desde o restauro anastilótico, passando pela recuperação pura e simples (a componente ruína é previsto manter-se), até à obra-nova ou ‘de raiz’.” (Pereira, Calado, Passos Leite, 2001)

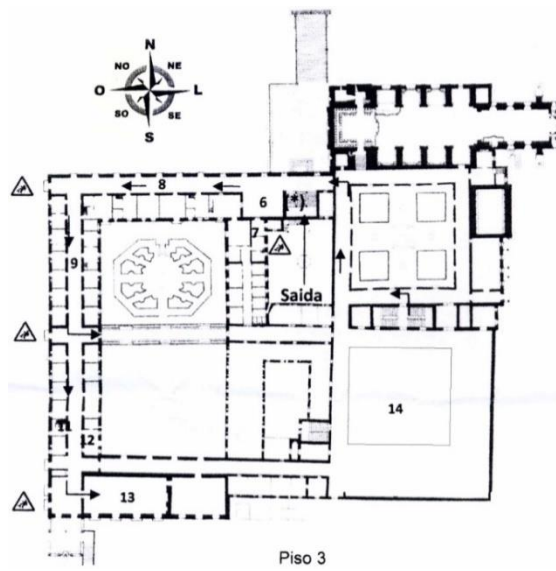
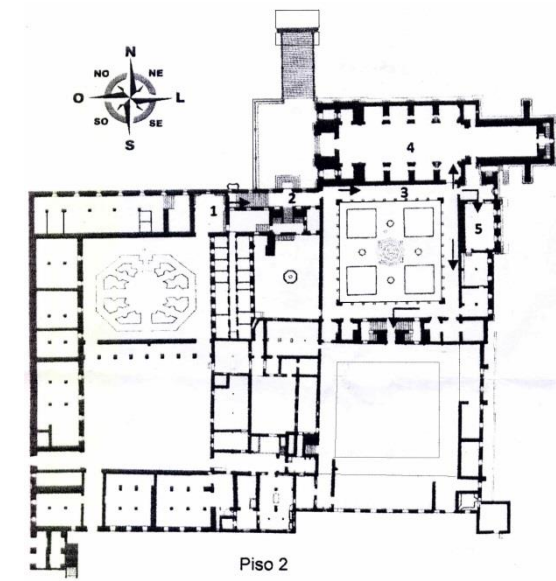


Fig. 59 | Plantas | piso 2, piso 3, pormenor piso 3



Fig. 60 | Vista aérea

O partido adotado foi, portanto, o ideal: a reafecção de uso. Com efeito foi projetado “dentro” do edifício uma nova Casa Paroquial, todos os percursos foram reabilitados segundo regras de restauro afinadíssimas e exigentes, e construiu-se com uma linguagem moderna, contemporânea, mas chã e elegante, uma Hospedaria, que permite ao Mosteiro funcionar como lugar de encontros, workshops, exposições e retiros criativos.

A cerca, de 40 hectares, foi objeto de uma intervenção de restauro, premiada internacionalmente, e hoje foi devolvida não apenas à fruição dos visitantes, mas também à própria comunidade de Mire de Tibães, que explora parte dos recursos agrícolas da cerca mantendo a vocação inicial do território. Pode afirmar-se que se trata de um dos primeiros projetos “sustentáveis” no quadro do restauro patrimonial, recuando o destino hoteleiro, e provendo um polo cultural e socioeconómico para este lugar.

5.2.7. | PALÁCIO FONDACO DEI TEDESCHI | COMERCIAL

Veneza | séc. XIII | Atelier OMA, 2009



Fig. 61 - 62 | Pátio Interior | Último piso

A restauração do Fondaco dei Tedeschi, encomendada pela família Benetton, consistiu na transformação do edifício numa loja. Localizado perto da Ponte Rialto, este Palácio é um dos maiores e mais reconhecíveis edifícios de Veneza. Foi posto de troca para mercadores alemães, alfândega na época de Napoleão, e correios na de Mussolini. O Fondaco permanece como um testemunho secreto e silencioso da era mercantil de Veneza, na atual crescente despovoação em Veneza. Foi duas vezes reconstruído devido a incêndios (século XVI), manipulado no século XVIII e sujeito a intervenções radicais no século XX para acomodar os correios sob o regime fascista.

Os seus projetistas foram Rem Koolhaas, Ippolito Pestellini e Silvia Sandor e a marca do arquiteto holandês encontra-se bem presente. Trata-se de uma refuncionalização partindo de um restauro a que acrescem inúmeras novas funções e consequentes transformações espaciais com impacto estrutural. Pode ser considerando um tipo de intervenção radical, sem que a configuração externa do edifício seja afetada, mantendo mesmo assim, a lógica interna do edifício pré-existente, a necessitar de um amplo trabalho de reforço estrutural e de recuperação.

O trabalho realizado, não isento de polémica, deixa à vista as cicatrizes das intervenções renascentistas e dos anos 4 do século XX, mas ao mesmo tempo dá-nos deste modo uma noção da passagem do tempo. Não é, porém, uma intervenção leve, muito pelo contrário: é pesada e custosa, e a necessidade de assegurar um funcionamento de cortilhe-praça, que não era a função inicial, de modo a transformar o palácio num espaço/centro comercial, obrigou a um rompimento dos circuitos verticais com rampas e escadas e um acesso ao terraço.

O Fondaco dei Tedeschi reativa-se assim, como um importante ponto de destino para turistas e venezianos; uma loja de departamento urbana contemporânea, palco de diversas atividades desde compras, eventos culturais, encontros sociais e atividades da vida quotidiana. A renovação mantém a vitalidade e adaptação do Palácio, evita reconstruções nostálgicas do passado e desmascara a imagem pura de um edifício histórico, permitindo novas perspetivas e desvendando a substância real do edifício como um “acumular” de autenticidades.



Fig. 63 | Terraço

5.2.8. | HABITAÇÃO UNIFAMILIAR | CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE CASCAIS

Cascais | início séc. XX | ARX, 2007



Fig. 64 - 65 | Alçado principal | Interior do novo volume

Surge do antigo “Chalet Madalena”, que os arquitetos optaram por preservar, e as suas relações com a terra, não propriamente devido às características arquitetónicas modestas, mas porque obedece a uma tipologia característica do Estoril, cujos exemplares estão a ser demolidos e substituídos por apartamentos ou escritórios que enchem a totalidade dos lotes, não deixando espaço para jardim e bloqueando a interação visual.

O interior da casa foi reconstruído respeitando a tipologia cruciforme da distribuição espacial da casa original, mas adaptada às necessidades atuais. A maioria das salas do novo programa são pequenas e projetadas para o ensino de música, individual ou em grupos. Esta característica levou o atelier a responder às restrições acústicas, tanto nas salas de aula como no auditório de 120 lugares.

O acrescento de obra-nova insere-se na prática do atelier, de raízes desconstrutivistas, e corta decididamente com o passado. Atendendo porém à modesta expressão do edifício que necessitava de refuncionalização e novo uso, bem como de obras de recuperação, o arrojado corpo novo, abrindo-se para o tardoz do edifício e jardim contíguo, assume uma linguagem contemporânea,



Fig. 66 | Vista tardoz

inspirando-se em dominantes “gráficas” e de “projeção” de linhas da edificação pré-existente, reinterpretando e mudando as escalas. A fachada é referenciada por novas cores que lhe introduzem uma nota contrastante, pese embora manter toda a métrica original.

5.2.9. | PALÁCIO DE NOVY DVUR | ABADIA

Novy Dvur | séc. XVII | John Pawson, 2002-2015



Fig. 67 | Vista aérea

Um caso em que se pode dizer que é funcionalmente inverso ao que se propõe neste trabalho, mas que, ao mesmo tempo, se sintoniza com o sentido da intervenção proposta.

É um testemunho de capacidade de adaptação e realização. A encomenda parte de um pressuposto curioso já que é um palácio em ruínas que dá origem a um mosteiro novo: o Mosteiro de Nossa Senhora de Novy Dvur na República Checa. Portanto, a origem do edifício remonta não a um mosteiro propriamente dito, mas antes a um grande solar abandonado, datável do século XVIII. Foi reocupado e organizado em mosteiro da Ordem de Cister. John Pawson inspirou-se na Abadia cisterciense de Sept-Fons, em França, a casa-mãe da abadia checa.

A história é ainda mais curiosa: o abade que pretendia a criação do novo mosteiro convidou John Pawson, depois de conhecer um dos seus projetos: a *boutique* Calvin Klein que o arquiteto tinha desenhado.

É este facto que estabelece uma ponte entre a contemporaneidade e o passado, e a função, neste caso, de reativação religiosa para uma comunidade.

O minimalismo do trabalho de Pawson correspondia, afinal, aos princípios de contemplação e oração, de limpidez e organização dos cistercienses. Trata-se de uma comunidade atualmente com 20 monges e o edifício antigo foi remodelado para os acolher, embora possa acolher cerca de 36 ou mais monges. O aspeto despojado convidava a Ordem a estabelecer-se ali, e foi inclusivamente erguida

uma igreja com a nova traça, contemporânea. Disse Pawson: “An absence of visual and functional distraction supports the goal of monastic life: concentration on God.”



Fig. 68 | Igreja nova | Vista da igreja a partir do claustro novo

Quanto à luz “Devem-se valorizar os espaços abertos e criar impacto com a incidência da luz sobre eles”. (Pawson, 2002, p.49). Diz-nos Pawson: “A igreja possui uma planta que relembra o românico, mas uma expressão volumétrica, que acompanhando embora este “fechamento” românico, nos parece como plenamente moderna ou hiper-moderna, com uma definição de cantos e esquinas bem recortadas no sistema de contrastes fortes, que a luz e a sombra enfatizam pelo lado exterior.” (Dias, 2015)

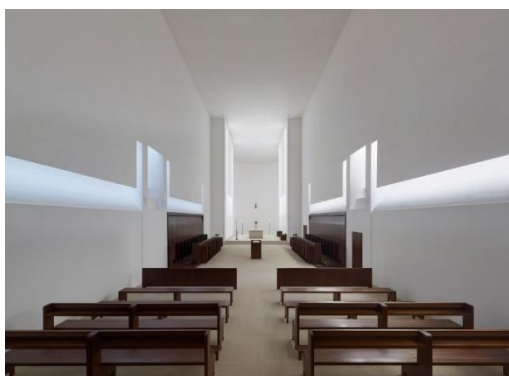


Fig. 69 | Interior da igreja | Abadia Le Thoronet

Acrescenta Ana Dias, que “A nada disto foi estranha a reflexão de John Pawson sobre a abadia cisterciense de Le Thoronet. Um livro com as suas reflexões foi o resultado dessa investigação, em que a luz é elemento presente, sobretudo em termos de modulação”.

É, portanto, a prática, a absoluta experiência, o conhecimento do passado, e um acompanhamento das linguagens contemporâneas que permitem hoje criar espaços abertos e dedicados à devoção. Nestas criações existe como que uma linha directora que vai desde o paleo-cristianismo até à contemporaneidade. E essa linha é a que nos diz que é a luz – a Luz –, o principal elemento, o guia para um caminho de realização material e de tradução do imaterial: dar a ver o invisível. (Dias, 2015)

Trata-se de um “ponto de chegada” na pesquisa das linguagens. O nosso respeito, ou que pretendemos exprimir de forma veemente, no projecto proposto, é a da leitura corresponsável de linguagens antigas, mas jogando com obra-nova que a respeite. Exercendo a continuidade como necessidade, como elemento fundamental para a coerência do projecto, mesmo em termos funcionais, dando conta de um corpo arquitetónico que não cessou de evoluir mas sempre com uma naturalidade que só uma pesquisa das formas pode consagrar.

5.2.10. | PALÁCIO CADAVAL

Évora | séc. XIV | anos 90



Fig. 70 - 71 | Vista oeste | Vista este

Atualmente é residência da Duquesa de Cadaval e família, embora a igreja e parte das salas estejam abertas ao público todo o ano.

O Palácio Cadaval tem sido palco de manifestações culturais temporárias: o Festival Évora Clássica, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian; o Festival Os Orientais e o Festival de Músicas Sagradas de Évora. Com frequência, recebe também pontualmente grupos corais para atuações abertas, solistas, grupos musicais e exposições de arte internacionais.

Durante séculos, o Palácio de Cadaval tem sido um cenário de grandes ocasiões sociais, casamentos e reuniões familiares e local para encontros mais privados ou grandes acontecimentos públicos.

No âmbito em que atua, este objeto arquitetónico apresenta-se como um dos poucos que manteve um *continuum*, pese embora intervenções já no decurso da vigência da chamada “*ideologia do património*” (Paulo Pereira) e, sobretudo, no século XX, sem sobressaltos e apenas obras de manutenção e conservação. A presença continuada do seu uso, a persistência de práticas usuais, costumeiras, conferem ao palácio um grau de autenticidade, que se reflete na sua utilidade, na sua capacidade de integrar valências dialogando com a contemporaneidade, sem concessões a acrescentos ilegítimos ou, com adições, mas orgânicas, e decorrentes da passagem do tempo, ou seja, sem interrupções ou cortes estilísticos. Mantém, por isso, uma coerência formal e estrutural que se surpreende logo na sua apresentação e configuração exterior.

5.2.11. | PALÁCIO DE SETEAIS | HOTEL

Sintra | séc. XVIII | José Luis Teixeira Pinto/Tivoli Hotels & Resorts, 2005



Fig. 72 | Alçado principal | Interior



O Tivoli Palácio de Seteais está localizado na Serra de Sintra e oferece vistas desafogadas para o castelo dos Mouros e o Palácio da Pena.

No conjunto, edificado sob projecto atribuído a José Costa e Silva, entre 1787 e 1802, de traça neoclássica, existem dois corpos de planta composta — a ala esquerda, com planta em U, que se desenvolve à volta do pátio interior, e a ala direita, com planta retangular. As fachadas principais são simétricas, de dois registos. As salas da ala esquerda são pintadas com frisos de flores e grinaldas, salientando-se a Sala Pillement, com cenas figurativas da autoria de Jean Baptiste Pillement, e a Sala da Convenção, com alusões marítimas mitológicas.

Realce ainda para a escadaria ampla, de dois braços e três lanços, dando acesso ao andar inferior.

O restauro foi eminentemente cuidado e versou sobre a capacidade hoteleira, que apresenta agora 30 quartos, com remodelações necessárias na ala esquerda. Mas todo o interior, nas componentes originais, foi restaurado integralmente, ajustando-se o desenho dos quartos à realidade de hotel de luxo, sem interferência no edificado. A intervenção mostra assim uma contenção assinalável, que se coaduna com os exemplos de continuidade anteriores.



Fig. 73 | Vista tardoz

6 | PROPOSTA URBANÍSTICA

As ambições e os projetos de uma requalificação e revitalização do núcleo antigo de Vila Nogueira de Azeitão remontam aos anos 70, ou talvez antes.

Em 1973, foi elaborado um estudo integrado num conjunto de estudos do mesmo tipo, para o Núcleo Central da cidade de Setúbal. Este levantamento e investigação foi levada a cabo por um arquiteto, de seu nome, A. Vasco Massapina Carvalho, enquanto cumpria serviço militar, a fim de registar os “*graves problemas que afetam a Vila, de ordem arquitetónica e urbanística*”.

Nas medidas de ação imediata deste estudo constam referências à Praça da República, ao Palácio do Duques de Aveiro, “*antigo Convento*” e a “*todos os espaços urbanos considerados de qualidade, de acordo com a respetiva terapêutica*”.

Numa análise de 2012, executada pela Câmara Municipal de Setúbal menciona-se a necessidade de delimitação de áreas de reabilitação urbana nos centros históricos de Setúbal e Azeitão. Refere a morfologia própria da malha urbana de Vila Nogueira, classificada segundo o Plano Diretor de Setúbal como Núcleo Histórico de Azeitão, não muito divergente da existente no século XIX, apenas tendo sido preenchidos alguns vazios urbanos, mas a estrutura manteve-se.

Os critérios urbanísticos para a delimitação de requalificação urbana da Vila tendem a ser obrigados a coexistir com as dinâmicas da Rua José Augusto Coelho (antiga Rua Direita) e da Praça da República, constituintes urbanos principais.

Situação do Estado de Conservação do Edificado do Casco Histórico de Vila Nogueira de Azeitão

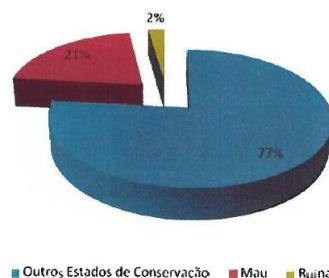


Fig. 74 | Gráfico com percentagens referentes ao estado de conservação do edificado com dados de 2010 | 2012

O Rossio (Praça da República) foi palco de grandes acontecimentos ligados diretamente à história de Vila Nogueira e todas as Vilas de Azeitão. Desde a execução dos Távora até aos festejos locais atuais. É o espaço público, por excelência, e o único exemplar do seu género, em Azeitão. (ver anexo 11.2.5.)



Fig. 75 | (...) suprimido o trânsito de veículo intenso. A localização dum convento na parte mais elevada, do pelourinho, do Palácio dos Duques de Aveiro (I.I.P.), bem como o chafariz, fornecem-lhe condigno ambiente desde recuperado. (Carvalho, 1973, ficha nº1)

Entretanto foi extraído o posto de abastecimento que se encontrava na Praça e removido o estacionamento para autocarros de turismo a sul desta, elemento que se avistava logo no acesso à Rua José Augusto Coelho. Em substituição deste estacionamento foi desenvolvido um passeio de maior margem, com elementos como bancos, arborização e uma escultura representativa dos vinhos produzidos em Azeitão.

Esta Rua é a artéria fundamental e génese de todo o aglomerado e agregou, desde sempre, para além de comércio, também algumas das casas mais nobres. Esta já não sustenta as necessidades de tráfego automóvel, nem as de estacionamento, uma vez que, dentro do núcleo, não existem espaços vocacionados para o efeito. Esta artéria, essencial no acesso ao núcleo, e na distribuição no seu interior, encontra-se descaracterizada, necessitando por isso de uma solução alternativa, para que lhe possa ser restituído o carácter de via comercial, com melhores condições para o tráfego pedonal.

Fig. 78 | (...) deveria ser estudado um novo esquema viário. (...) no caso de o trânsito de veículos ser suprimido. Deveria ser considerada, pelo menos nalguns locais, como rua comercial de peões. (Carvalho, 1973, ficha nº2)

No estudo de 2012 pela CMS foi desenvolvida uma proposta destinada a circulação pedonal na via principal da Vila com o intuito de reformular, modernizar e embelezar todo o centro histórico da Vila, não chegando a obter financiamento.



Fig. 76 - 77 | Praça da República antes e depois | ?, 2016



Fig. 79 - 80 | Vista conjectural após intervenção no espaço público na Rua José Augusto Coelho | 2012

Fig. 81 - 82 | Rua José Augusto Coelho | Rua Casquilho

7 | PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Antes de propor; recuperar; Antes de construir; readaptar e aproveitar; Antes de sobrecarregar ou mutilar, simplificar e clarificar. (Eduardo Souto Moura)

7.1. | ESTRATÉGIAS DA MEMÓRIA



Fig. 83 | Maquete-conceito

Este projeto inicia-se com uma série de intenções relacionadas com a Memória do Palácio e da Vila em questão.

Na maquete-conceito, a pedra calcária representa o Palácio; o espelho, a Água; e os ramos de videira e o arame, a Vinha. Simbolicamente, estes elementos vão ser a estrutura que vai manter o Palácio, e a sua Memória, “de pé”, ativo e vívido. Objetivamente, estes elementos da Quinta vão ser as razões para uma maior rentabilização deste património em termos funcionais e programáticos.

Em cada tomada de decisão está implícito um propósito memorial. Conforme os esquemas da Fig. 84 surgem assim:

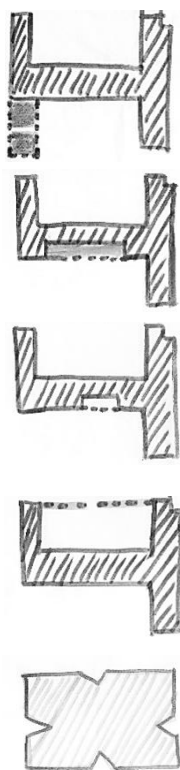


Fig. 84 | esquemas-estratégias

| o “Lembrar” da forma original do Palácio. Recorreu-se à preservação dos dois volumes do século XIX a Oeste, não procurando desta maneira uma reconstrução palaciana que não faria juz ao restante Palácio, e estando estes volumes perfeitamente enquadrados com o edificado envolvente da Praça.

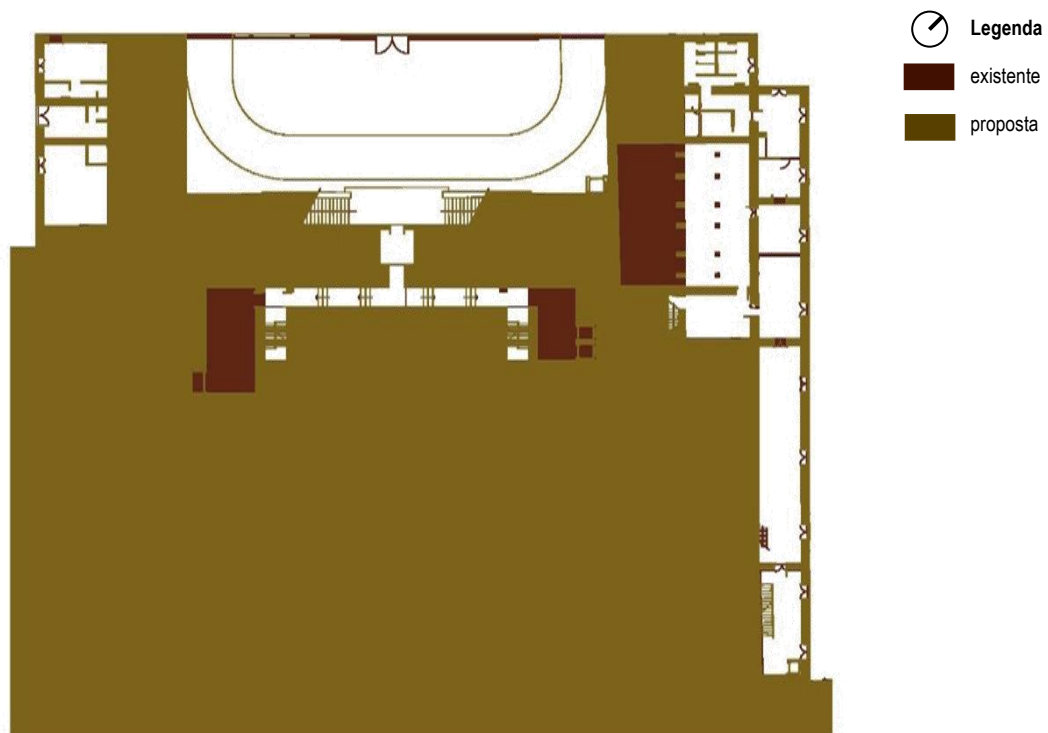
| o “Intervir” na forma atual. Esta resultou de inúmeros “adultérios” na fachada Sul. Procurou-se reformular os corpos construídos entre o terramoto de 1755 até ao século XX, por forma a consolidar o tardo do Palácio.

| o “Afirmar” da fachada original. Relacionado com o ponto anterior, optou-se pelo recuo do corpo reformulado até à que seria a fachada original do Palácio no alçado Sul. Isto resultou na demarcação da entrada para o Hotel por parte dos hóspedes que a ele tenham acedido por viatura própria.

| o “Devolver” do pátio de honra. Procurou-se devolver o Palácio à Vila também por forma físico-simbólica através da eliminação do muro e gradeamento que o separava da Praça. O material retirado devido a esta escolha tomada seria posteriormente reusado como elementos paisagísticos ornamentais no jardim da Quinta.

| o “Reativar” da Quinta de Recreio. Restituindo o valor de lazer que advém desta tipologia, por meio da reposição dos elementos “água”, salvaguarda das áreas de cultivo e regadio, e criação de jardim formal.

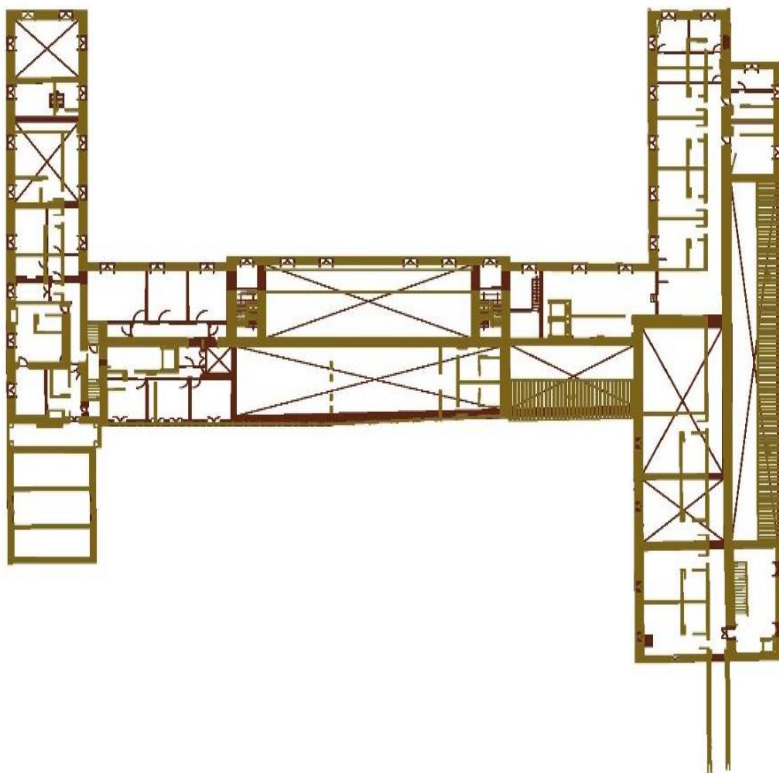
7.2. | O “ANTES E DEPOIS” DO PALÁCIO



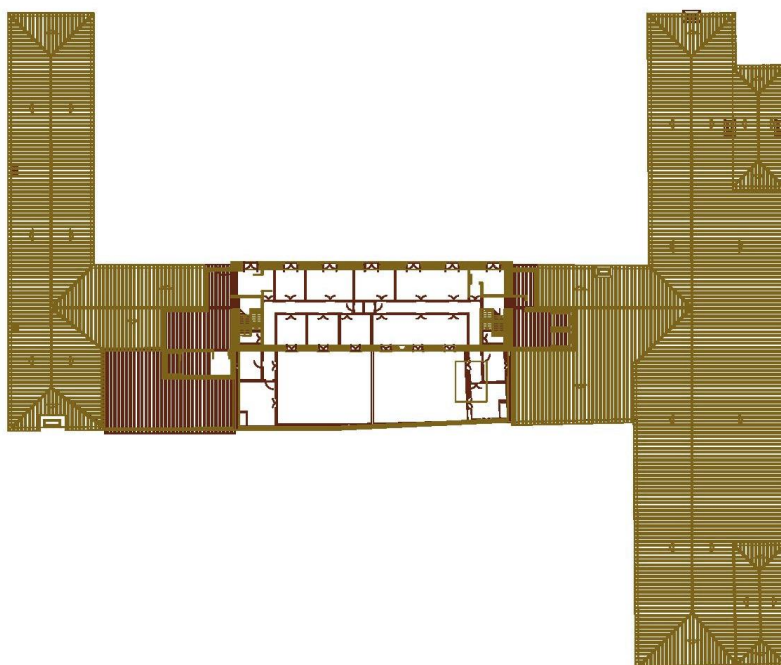
Planta do piso -1



Planta do piso 0



Planta do piso 1



Planta do piso 2

7.3. | PROGRAMA PROPOSTO

O programa total terá como funções principais, de uso permanente, o Hotel e o Museu. O programa abrange o Palácio e os novos volumes, que resultam de alinhamentos com este.

Os espaços distribuem-se pelo edificado pré-existente, aquando uma reestruturação, e pelos dois novos edifícios previstos implantar na Quinta. A Quinta divide-se essencialmente em três patamares:

Pomar | No primeiro (cota mais baixa) é preservado o Pomar, sendo esta fração da Quinta praticamente intocada a nível projetual.

Vinha | O segundo patamar incide na Vinha, cultura tão celebrizada nesta Região. Neste desenvolve-se um edifício de aluguer para eventos, “Edifício Vinho”, acompanhando o desnível da Quinta e o muro que o demarca.

Água | O terceiro inclui uma sequência de componentes “Água”, que acompanham o desenho do regadio na Quinta (de Sul para Norte): tanque, piscinas, fonte e tanque (conservado). Complanarmente, projetou-se o “Edifício Água”, relacionado com o serviço de ofertas do Hotel. Este plano contém também uma reinterpretação de jardim formal e uma grande extensão de pérgula (Pires, 2013, p.276-77) a ladear a Quinta a Oeste.

A obra-nova adota a ortogonalidade dominante no edificado pré-existente, os alinhamentos de muros e respetiva expressão sem que existam ruturas da lógica construtiva, pelo contrário, recuperando até métricas antigas e reinterpretando-as, como as dimensões de vãos e arcadas. Colocaram-se os acrescentos por analogia ao original, equiparados através da coloração e materialidade.

Respeita-se a pré-existência e a articulação do novo e do antigo, onde o sentido de continuidade está presente, sem quaisquer intuitos imitativos.

Pretende-se uma leitura responsável de linguagens antigas, mas jogando com obra-nova que as respeite. A continuidade surge como necessidade, como elemento fundamental para a coerência do projecto mesmo em termos funcionais. Trata-se de um corpo arquitetónico que não cessou de evoluir, mas sempre com uma naturalidade que só uma pesquisa das formas pode consagrar.

O programa de ocupação dos espaços, pautado pelo respeito por todos os espaços que se encontram no “original” e devolução de outros a esta traça, dotados, quando compatível, de novos usos e tira o máximo partido do que já existe para recriar novos espaços, com um mínimo de implicações possível.

Enquanto Quinta de Recreio que fora outrora necessita de uma conservação e consolidação coesa.



Fig. 85 | Desenho ilustrativo da proposta

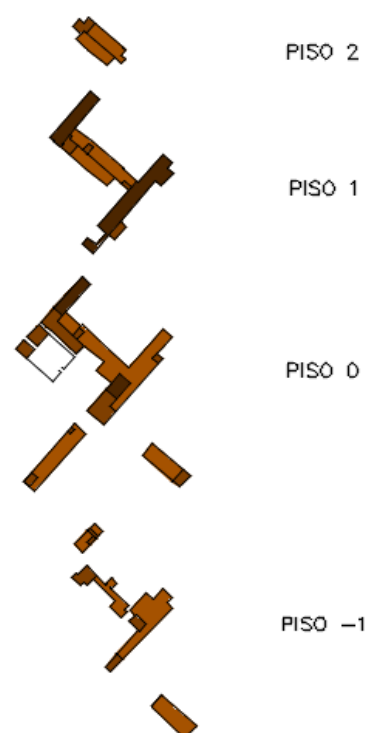
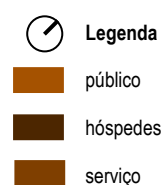


Fig. 86 | Diagrama de usos

7.3.1. | TABELAS DE ÁREAS

TOTAL	13 977.0 m2	100 %
HOTEL	3 283.8 m2	24 %
EDIFÍCIO ÁGUA	461.1 m2	3 %
EDIFÍCIO VINHO	575.4 m2	4 %
MUSEU	444.1 m2	3 %
QUINTA	9 213.2 m2	66 %

Espaço	Nº de espaços	Área total (m2)	Área Relativa ao Total (%)
HOTEL	95	3 283.8	24
[Largada de passageiros	-	620.4	-]
Recepção	1	140.6	4
Sala de Estar	2	140.7	4
Adega e Ante-Câmara	1	97.3	3
Sala de pequeno-almoço e Varanda	1	280.1	9
Salão polivalente, Sala de Estar e Terraço	1	204.8	6
I.S. (núcleo)	3	59.0	2
Espaços dos funcionários/serviço	23	571.9	17
Quartos	21	571.6	17
Bar e Salão de Jogos	1	177.9	5
Restaurante e Terraço	1	326.9	10
[Estacionamento hóspedes (lugares)	21	576.9	-]
[Estacionamento funcionários (lugares)	16	454.2	-]
Circulação interior e Criptopórtico	-	607.5	19
[Circulação exterior e Terraços	-	1 257.4	-]
Lojas	2	105.5	3

EDIFÍCIO ÁGUA	12	461.1	3
Recepção	1	32.7	7
Balneário/I.S. (núcleo)	2	72.4	16
Ginásio	1	66.9	15
Circuito: Sauna, Banho Turco, Jacuzzi	1	35.0	6
Sala de massagem	2	45.6	10
Espaço Criança	1	15.3	3
Espaços dos funcionários/serviço	4	61.6	13
Circulação interior	-	131.6	29
[Circulação exterior	-	671.7	-]

EDIFÍCIO VINHO	5	575.4	4
Salão de eventos	2	353.4	61
I.S. (núcleo)	1	41.8	7
Terraço	1	94.3	16
[Estacionamento (lugares)	23	603.9	-]
Espaços dos funcionários/serviço	1	52.3	9
Circulação interior	-	85.9	15
[Circulação exterior	-	224.5	-]

MUSEU	7	444.1	3
Receção	1	20.8	5
Sala exposição permanente	1	176.8	40
Sala exposição temporária	1	88	20
Sala de Estar	1	27.4	6
I.S. (núcleo)	1	58.2	13
Espaços dos funcionários/serviço	2	72.9	16

QUINTA	6	9 213.2	66
Piscina	2	309.8	3
Tanque	1	483.6	5
Jardim Formal	1	760.9	8
Pomar	1	2 970.9	32
Vinha	1	1 035.7	11
Circulação (caminhos pedonais)	-	363.3	4
Terreno restante	-	3 289.0	36

7.3.2. | MATERIALIDADE



Fig. 87 | Materialidades exteriores

Na escolha da materialização dos espaços interiores e exteriores deste projeto procurou-se uma coerência de textura e coloração entre o pré-existente e as novas intenções para este conjunto.

| Calçada de Granito: A primeira aproximação ao Palácio, feita pela Praça da República, requer um abrandamento dos veículos para valorização do aspeto contemplativo e devido ao novo carácter mais pedonal da Praça. O acesso ao Hotel por parte dos funcionários é também “tingido” por este pavimento para uma continuidade da Praça.

| Macadame: Para os percursos de veículos dentro da Quinta optou-se por um pavimento que se enquadrasse de forma subtil na envolvente paisagística. Nos caminhos pedonais junta-se a coloração vermelho-tijolo para uma relação com os pavimentos de tijoleira, alguns reaproveitados, do Palácio.

| Tijoleira: Apresenta-se como elemento que delimita os espaços comuns e de circulação, portanto, os de maior afluência, funcionando como um tipo de sinalética de pavimento. Os espaços exteriores, como terraços e varandas de dimensão considerável, incluem-se também nas zonas pavimentadas com este material.

| Madeira: Permite um ambiente mais acolhedor e quente. Está presente nos quartos e espaços comuns de menor afluência pública.

| Azulejo: Tira-se partido do vasto património azulejar, tanto interior como exterior, recorrendo à restauração de aqueles que surjam danificados e corroídos. Mantém-se a sua imponência nos lambris dos espaços comuns, de que se tem conhecimento.



Fig. 88 | Materialidades interiores

8 | ROTEIRO ARQUITETÓNICO

O presente projeto tem como objetivo primordial reabilitar o edifício em causa e relacioná-lo com outros de caráter semelhante nas proximidades. Ao adicionar este palácio reabilitado, a um circuito turístico de edificado de tipologia e épocas semelhantes, originar-se-ia um total aproveitamento dos vestígios históricos incluídos em terras de Azeitão. Este roteiro, existente de momento, apenas em condições imaginárias, poderia eventualmente converter-se num estado mais físico e oficial.

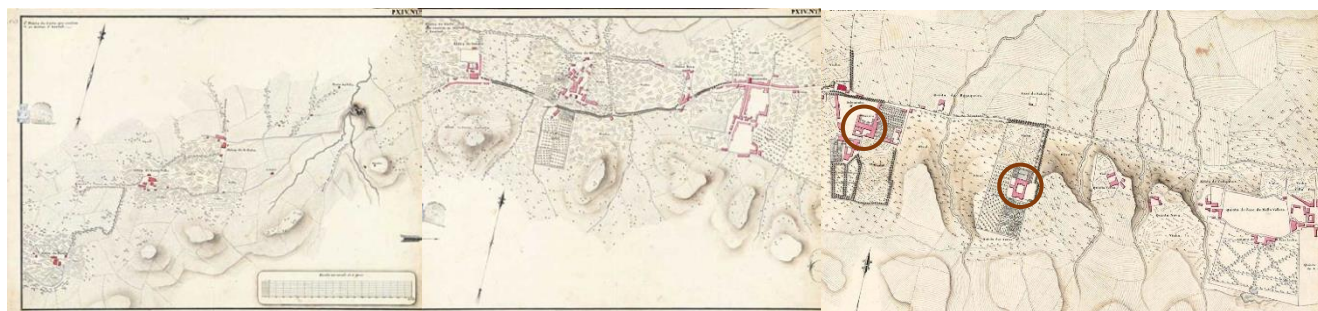


Fig. 89 | Planta da Carta que contém as aldeias d'Azeitão | Quinta dos Aveiros e Quinta das Torres assinaladas, respetivamente | 1790

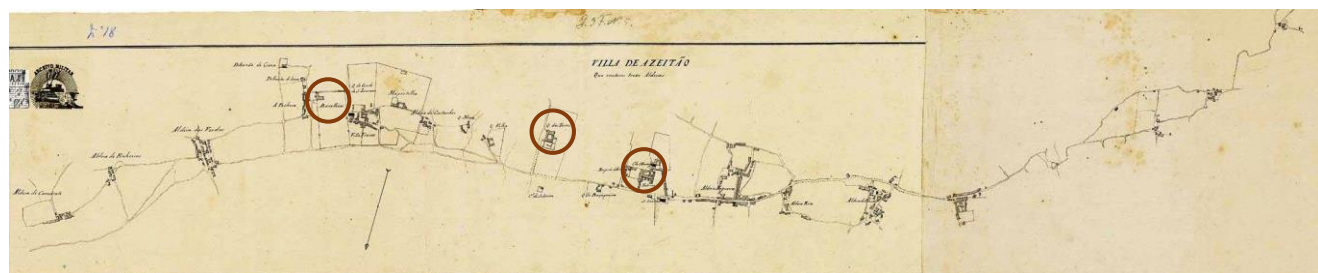


Fig. 90 | Villa de Azeitão, Que contém treze Aldeias



Fig. 91 | Percurso do Roteiro Arquitetónico

O percurso teria a duração de 15 minutos (sem paragens) e abrangeria as Vilas Fresca e Nogueira de Azeitão, as sedes de concelho de Azeitão inicial e posterior, respetivamente, sendo que esta última é de momento são ambas sedes de freguesia. Na imagem acima estão representados os pontos de interesse, distinguidos por importância através da cor. Como pontos cruciais, incluindo o início e término do percurso, temos (da direita para a esquerda) a Quinta da Bacalhôa, a Quinta das Torres, a Quinta dos Aveiros e a Quinta da Conceição. Os restantes postos englobam-se também na memória coletiva das vilas em questão, mas são tipos de construções de monumentalidade inferior. Contudo, são edifícios religiosos e fontanários dignos de passagem para uma melhor compreensão do território de Azeitão. Temos, assim (da direita para a esquerda), a Igreja S. Simão, o Convento de São Domingos, o Pelourinho, a Igreja S. Lourenço, a Fonte dos Pasmados, a Igreja da Misericórdia, a Fonte de Aldeia Rica, a Fonte de Oleiros e Capela de S. Sebastião.



Fig. 92 | Centro Histórico de Vila Nogueira de Azeitão

8.1. | QUINTA DA BACALHÔA | MUSEU

Vila Fresca de Azeitão | séc. XVI | Arq. Diogo de Torralva | Bacalhôa
Vinhos de Portugal



Fig. 93 – 94 | Palácio e Jardim-labirinto | Casa de Fresco

Considerada a mais bela da primeira metade do séc. XV é uma antiga propriedade da Casa Real Portuguesa. (ver anexo 11.2.4.)

No século XIV, a propriedade pertenceu, como quinta de recreio, a João, Infante de Portugal, filho do Rei D. João I. Herdou-a sua filha Dona Brites, casada com o segundo Duque de Viseu e mãe do Rei D. Manuel I. Os edifícios, os muros com torreões de cúpulas aos gomos e também o grande tanque mandados construir por Dona Brites chegaram aos nossos dias.

Em 1528, a quinta seria vendida a D. Brás de Albuquerque, filho primogénito de D. Afonso de Albuquerque. Este, além de o ter enriquecido com belos azulejos, mandou construir a "casa de prazer" junto ao lago e dois pavilhões junto aos muros laterais. Nos finais do século XVI, fazia parte do morgadio pertencente a D. Jerónimo Teles Barreto – descendente de Afonso de Albuquerque. Este viria a ser herdado por sua irmã, Dona Maria Mendonça de Albuquerque, casada com D. Jerónimo Manuel, conhecido pela alcunha de "Bacalhau". É muito provável que o nome "Bacalhôa", pelo qual veio a ficar conhecida a antiga Quinta de Vila Fresca (*Ville Fraiche*) se deva ao facto de a mulher de D. Jerónimo Manuel ser designada da mesma forma.

Em 1936, o Palácio foi comprado e restaurado pela norte-americana Orlena Scoville, e o seu neto na década de 1970, de tornando a quinta numa das maiores produtoras de vinho em Portugal. A arquitetura, decoração e jardins foram influenciados pelos diferentes proprietários, inspirados por viagens na Europa, África e Oriente. A coleção de azulejos portugueses do séc. XV e XVI, que adorna a quinta, evoca desenhos mouriscos. O visitante poderá apreciar peças únicas de colecionismo, incluindo o primeiro azulejo datado em Portugal.

Atualmente pertence à Fundação Berardo cujo patriarca é o Comendador José Berardo. A 23 de Junho de 1910 foi classificada como Monumento Nacional.

O edifício evoca regularidade e equilíbrio. A existência de *loggia* voltada para o jardim e de *loggia* dupla na fachada norte evidencia uma solução muito adotada na arquitetura doméstica portuguesa dos séc. XVII e XVIII. A casa de fresco, integrada nos jardins, é composta por três torreões rematados por telhados piramidais e ligados por arcadas renascentistas.

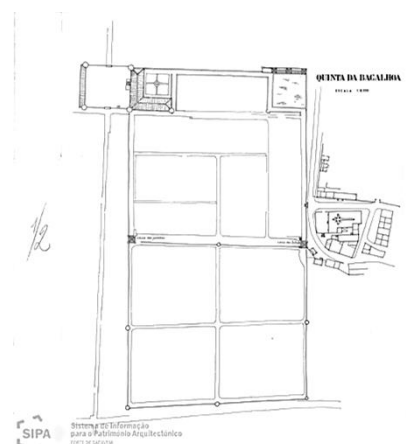


Fig. 95 | Planta da Quinta

8.2. | QUINTA DAS TORRES | EVENTOS

Vila Nogueira de Azeitão | 1560 | Arq. António Rodrigues | Quinta de Catralvos, MALO Tojo Vinhos



Fig. 96 - 97 | Palácio e Casa de Fresco da Quinta das Torres, Vila Nogueira de Azeitão

Quinta cuja casa apalaçada caracteriza-se por denunciar um quadrilátero regular com um torreão em cada ângulo do edifício. No centro do palácio evidencia-se um amplo pátio retangular encerrado, a céu aberto, com uma fonte ao centro. Pátio este delimitado em um dos seus lados por um pórtico bem delineado, encimado por duas pirâmides cujas agulhas sobem acima do edifício. (ver anexo 11.2.4.)

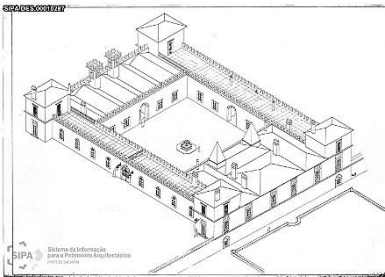


Fig. 98 | Axonometria do palácio

É um dos mais importantes e belos conjuntos arquitetónicos renascentistas do país. No seu interior, quase todas as salas possuem tetos de madeira, portas à romana e painéis de azulejos nas paredes. A norte existe um jardim com um lago de 900 m² no meio do qual sobressai um templete. Todo o conjunto é envolvido por arvoredo, o que cria um ambiente quase idílico.

De conceção nitidamente italiana, disposição regular de portas e janelas, detém elementos expressivamente renascentistas.

“desde a planta ao pórtico palladiano, às pirâmides que coroam o telhado, (...) ao pátio fechado, ao pequeno templo circular no meio do lago”
(Azevedo, 1988, p.47)

O pátio é reconhecido como elemento arquitetónico de influência islâmica. “Na quinta das torres o que há de novo é a mais perfeita integração do pátio e a grande regularidade que a planta revela, e que podemos atribuir às preocupações renascentistas com a harmonia e a simetria” (Azevedo, 1988), solução que também é desenvolvida nos séc. XVII e séc. XVIII.

Hoje funciona como casa privada, cedendo o espaço interior e exterior a eventos.

8.3. | QUINTA DA CONCEIÇÃO | TURISMO DE HABITAÇÃO

Aldeia de Irmãos, Azeitão | 1715 | Serenidade Absoluta, Lda.



Fig. 99 - 100 | Vista oeste | Vista este

A família Cremer edificou um solar dos mais interessantes da região devido às características holandesas (torre-lanternim com uma finalidade meramente decorativa) e portuguesa (beirado e silharias). A designação da quinta esta assinalada pela imagem de Nossa Senhora da Conceição, que encima a entrada do edifício.

A casa é comprida e baixa e tem a forma em “E”. Uma dupla fila de degraus, situada em frente da porta principal, constitui a barra do “E”. Na fachada do edifício existem escadas de pedra com dois lances simétricos dando acesso às salas do primeiro andar. Sobre uma das portas do palácio há o que ainda resta do brasão dos Cremer.

O salão nobre e a capela têm ainda as paredes azulejadas. Santos Simões com exemplares entre 1725 e 1730 (Santos Simões).

A Quinta da Conceição pertenceu posteriormente ao visconde da Lançada, Professor Manuel Bento de Sousa, a seu filho Dr. António Maria Sousa e, mais tarde, a Carlos Ribeiro Ferreira e herdeiros. O palácio foi mandado reconstruir em 1941 por este último, quando estava abandonado, danificado, servindo de curral e capoeira. A quinta encontrava-se, nessa época, alugada na sua quase totalidade.

Este solar, de aproximadamente 800m², encontra-se no estado em que Carlos Ferreira, um dos empreendedores mais prolíficos do seu tempo, o deixou. Este contratou o arquiteto António Lino para o recuperar, apesar de mais tarde ter sofrido vandalismo e abandono nestes últimos 20 anos. Surgiu depois a oportunidade, para os herdeiros de Carlos, de trazer este magnífico edifício de volta a uma vida sustentável como acomodação de luxo e um espaço de eventos no tempo, por volta do seu 300º aniversário.

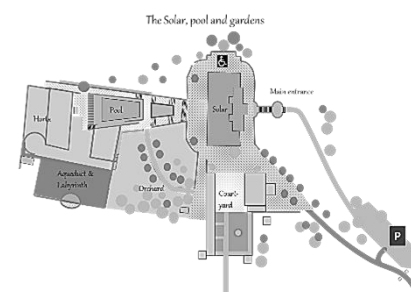


Fig. 101 - 102 | Planta da Quinta Jardim-labirinto e Fonte

9 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do turismo cria frequentemente perturbações no equilíbrio da paisagem cultural sedimentada ao longo dos séculos, agora confrontada com as rápidas mudanças e pressões económicas que se sobrepõem ao seu valor e memória coletiva. | Rui Barreiros Duarte (Pires, 2013, p.9)

A crescente afluência turística que se vem impondo na região de Azeitão, “peca” na possibilidade de alojamento temporário condigno. Esta premissa, quando associada à degradação de imponente património local, sugere uma oportunidade de aproveitamento do seu reconhecido potencial.

O Palácio dos Duques de Aveiro, em Vila Nogueira de Azeitão, e a proposta de reabilitação apresentada, dariam um culminar ao aproveitamento total tanto desta Vila como da inteira Região.

Para além de se ganhar o acesso a esta Quinta de Recreio exemplar, concretiza-se também assim a oportunidade de criação de memórias de vivências, através das possibilidades de um programa hoteleiro-museológico, de 24 sobre 24 horas. Não se pretende, contudo, a massificação desta ideia, daí a não-criação de volumes que contenham mais quartos, mas sim um reaproveitamento contido e refletido, no que a pré-existência pode oferecer.

O património não pode ser intocável, assim como a cidade não deve ser cristalizada no tempo e espaço. Tais noções devem ser substituídas pela apropriação, adaptação e principalmente uso, e devolução à população do Sítio onde o edificado se insere. Pois, a memória, não estando apenas associada à arquitetura, está também vinculada aos bairros, urbes, zonas, cidades, cidadãos, devendo-se pensar assim a Cidade/Vila como um cidadão.

No que toca à Memória, dividi-la difere de fragmentá-la. As épocas permitem a sua divisão teórica e conceptual, mas a sua fragmentação seria a fatal quebra da sua continuidade e encadeamento. A Reabilitação permite uma oposição clara entre os tempos, mas cabe ao projetista encarar como divisão ou fragmentação da Memória das pré-existências.

As pré-existências, no geral, existem em todos os projetos, tanto físicas como memoriais/psíquicas. As de característica monumental não, sendo peças raras, que requerem um maior cuidado de restauro e abordagem. A proposta projetual sugerida neste TFM defende uma lógica de intervenção através da reanimação e reintegração.

10 | BIBLIOGRAFIA

| MEMÓRIA

ANDERSON, Stanford; "Memory in Architecture" in *Daidalos*; nº58, Berlin, Dezembro 1995, pp. 22-37

BOTTON, Alain; *A Arquitectura da Felicidade*; Dom Quixote, 2013

HALBWACHS, Maurice; *La Mémoire Collective*; 2º ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1968 (tradução de autor)

LEITE, António Santos, FELICIANO, Ana Marta; *MEMÓRIA, ARQUITECTURA E PROJECTO: Reflexão e Propostas para uma Reabilitação Sustentada do Património Urbano e Arquitectónico*; By the Book, Edições Especiais, 2016

LOURO, Margarida; *Memória da Cidade Destruída*; Caleidoscópio, 2016

LOURO, Margarida; *Memória da Cidade Destruída*; FA-UTL, 1998

RUSKIN, John; "The Lamp of memory", in *The seven Lamps of Architecture*; Dover Publications, Nova York, 1989

| MONUMENTO

CHOAY, Françoise; *Alegoria do Património*; Editions du SEUIL, Paris, 1992

CHOAY, Françoise; *The invention of the historic monument*; Edições 70, Lisboa, 2000

HUGO, Victor; *Guerre aux démolisseurs*; Minotaure, 2003

LOPES, Flávio; *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado, vol. III*; IPPAR, Lisboa, 1993

PEREIRA, Paulo; "'Lugares de passagem' e o resgate do tempo" in *Estudos/Património*, estudos; nº1, IPPAR, Lisboa, 2001

PEREIRA, Paulo; *Intervenções no Património*; Ministério da Cultura, Lisboa, 1997

RIEGL, Alois; *Modern Cult of Monuments*; 1903

| REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA

AGUIAR, José; *Cor e Cidade Histórica: estudos cromáticos e conservação do património*; FAUP, 2002

COELHO, Paulo; *Arquitectos Portugueses: Fernando Távora*; QuidNovi, 2011

DIAS, Ana Catarina Moreira; *Arquitectura religiosa: A “luz” como instrumento – “teoria da luz”, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura*, FAUL, 2015

JOSÉ, Afonso Florindo Venâncio; *Reabilitar e construir. A memória e o lugar. Intervenção na ruína do Convento Capucho de Portimão, Dissertação e projeto para a obtenção de Grau de Mestre em Arquitectura*; Lisboa FAUL, 2016

LOBO, Susana; *Pousadas de Portugal: reflexos da arquitectura portuguesa do século XX*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006

MENDES, Ana Sofia Vieira Lopes; *Reabilitação de estruturas religiosas desactivadas: O caso do Mosteiro de Santa Maria de Seica*; FA ULISBOA, 2013

PAWSON, John; *John Pawson: Themes and Projects*; Phaidon Press, 2002

PEREIRA, Paulo; “As Formas” in *Minho: Traços de Identidade*; Univ. do Minho, Braga, 2005

PEREIRA, Paulo; *Património Edificado: pedras angulares*; Aura, Lisboa, 2000

PEREIRA, Paulo, CALADO, Luís Ferreira, PASSOS LEITE, Joaquim; *Intervenções no Património, 2000-2006*; Lisboa, IPPAR, 2001

PEREIRA, Paulo, RODRIGUES, Jorge; *O Mosteiro de Flor da Rosa*; Lisboa, IPPAR, col. Monografias, 2009

RUSKIN, John; *The stones of Venice*; da Capo Press, Nova York, 2003

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel; *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle* (10 vols.); Paris, 1854-1868

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel; *Entretiens sur l'architecture* (2 vols.); Paris, 1863-1872

| SÍTIO

CALADO, Margarida; *Cidades e Vilas de Portugal – Azeitão*; Editorial Presença, Lisboa, 1993

CARDOSO, Padre Luís; *Breve Notícia das Freguezias de S. Lourenço e de S. Simão, situadas no limite de Azeitão*; Lisboa, 1747

CARVALHO, A. Vasco Massapina; *Prospecção, Defesa e Recuperação de Áreas Urbanas da Península de Setúbal*; DGSU – Secção de Defesa e Recuperação da Paisagem Urbana, 1973-1975

CASTILHO, Júlio de; *A Ribeira de Lisboa: Descrição Histórica da Margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos-O-Velho*; Lisboa, 1981

DIAS, Maria Helena; “Azeitão” in *PORTUGALLIAE CIVITATES – Perspectivas cartográficas militares*; Instituto Geográfico do Exército, Lisboa, 2008

MACEDO, Isabel de Sousa; "Património Esquecido: O Convento de Nossa Senhora da Piedade em Azeitão" in *Casas Religiosas de Setúbal e Azeitão*; LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e Estuário, Setúbal, 2016

OLIVEIRA, Joaquim; *Freguesia de São Lourenço de Azeitão - Subsídios para a sua Monografia*; 1994

PIMENTEL, José Cortez; *Arrábida. História de uma região privilegiada*; Edições Inapa, Setúbal, 1992

RASTEIRO, Joaquim; "Noticias archeologicas da Peninsula da Arrabida" in *O Archeologo Português, vol. III*; n.ºs 1 e 2, Janeiro e Fevereiro, Museu Ethnographico Português, 1897

RASTEIRO, Joaquim; *Quinta dos Duques de Aveiro*, manuscrito não publicado; Arquivo Distrital de Setúbal, 1893

SEQUEIRA, Gustavo de Matos; *Palácios e solares portugueses* (Col. Encyclopedia pela imagem); Porto, 1980

SOUSA, Frei Luís; *História de S. Domingos, vol.I*; Lello & Irmão Editores, Porto, 1977

SOUSA, Padre Manuel Frango de; *Azeitão a Nossa Terra*; 1ª ed., Jornal de Azeitão, 2013

STOOP, Anne de; *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*; Livraria Civilização Ed., Porto, 1990

VALIDO, Frederico; in *O Azeitonense*, Ano 1, n.º1, 1919

www.jfregazeitao.com

www.azeitao.net

| OBJETO ARQUITETÓNICO

ACKERMAN, James S.; *The Villa, Form and Ideology of Country Houses*; Princeton University Press, Washington, D.C., 1985

ARAÚJO, Ilídio Alves de; *Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)*; comunicação ao Congresso Internacional de Estudos em Homenagem a André Soares, Braga, 1974

AZEVEDO, Carlos de; *Solares Portugueses, Introdução ao Estudo da Casa Nobre*; 2ª ed., Livros Horizonte, Lisboa, 1988

CALDAS, João Vieira; *A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII*; FAUP, Porto, 1999

DGEMN; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*; n.º97, Lisboa, 1967

FERNANDES, Ana Margarida Ribeiro; *Projectar com o Lugar. Reabilitação do Palácio dos Duques de Aveiro*; FA-UTL, 2013

KUBLER, George; *A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706)*; Vega, 2005

PEREIRA, Paulo; *Arte Portuguesa. História Essencial*; Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2011

PIRES, Amílcar Gil; *A Quinta de Recreio em Portugal*; Caleidoscópio, 2013

PIRES, Amílcar Gil; "O Lugar da Villa Renascentista na Arquitectura Portuguesa, Investigação por um Património Sustentável" in *Uma Utopia Sustentável: Arquitectura e Urbanismo no Espaço Lusófono: Que Futuro?*; Edição da FA-UTL, pp. 252-259

PORTELA, Manuel Maria; *Noticia dos monumentos nacionaes e edificios e logares notaveis do concelho de Setubal*; Lisboa, 1882

RASTEIRO, Joaquim; *Inícios da Renascença em Portugal: Palacio e Quinta da Bacalhôa em Azeitão*; Imprensa Nacional, Lisboa, 1895

SILVA, Jorge Henrique Pais da; *Estudo sobre o Maneirismo*; Estampa, Lisboa, 1986

www.patrimoniocultural.pt

www.monumentos.pt

11 | CRÉDITOS E FONTES DE IMAGENS

Fig. 1 - Mercado Mensal no Rossio sem data, cedida por Eduardo Vasco	18
Fig. 2 Palácio dos Duques de Aveiro, em Azeitão desenho do natural por J.Vaz na revista "O Ocidente" Nº176, Ano 1883, pág. 251 - 252	19
Fig. 3 - 4 Pelourinho Arraial 1907, Cliché do Cent. Phot. Academico-Lisboa, cedidas por Eduardo Vasco	20
Fig. 5 - 6 Pelourinho Arraial 1907, Cliché do Cent. Phot. Academico-Lisboa, cedidas por Eduardo Vasco	20
Fig. 7 - 8 Mercado do Gado Rua da Misericórdia 1907, Cliché Alvaro Torres Cliché do Cent. Phot. Academico-Lisboa, cedidas por Eduardo Vasco	20
Fig. 9 Rua Direita – Aspeto geral na chegada do cirio da Senhora d'Arrabida 1907, Cliché do Cent. Phot. Academico-Lisboa cedida por Eduardo Vasco	21
Fig. 10 Ermida/Capela da Memória no Convento Velho da Arrábida 2014, www.arquivodarrabida.blogspot	22
Fig. 11 - 12 Villa Nogueira (Azeitão) - Antigo Palacio do Duque d'Aveiro Villa Nogueira (Azeitão) - Rocio - Antigo convento da ordem de S. Domingos, Mercado do Gado 1907, Cliché do Cent. Phot. Academico-Lisboa, montagem da autora	23
Fig. 13 Vista Norte do Palácio sem data, cedida por Eduardo Vasco	23
Fig. 14 Localização de Vila Nogueira de Azeitão sem data, www.jfregazeitao.com	24
Fig. 15 - 16 Aspetos da Serra da Arrábida sem data, www.jfregazeitao.com	25
Fig. 17 Vista Sul da Vila sem data, www.visitsetubal.com.pt	26
Fig. 18 Localização da Quinta dos Duques de Aveiro na Vila Vista aérea panorâmica do Palácio sem data, www.jfregazeitao.com 	27
Fig. 19 - 20 Convento Dominicano de Santa Maria da Piedade sem data	28
Fig. 21 p. 19 Memórias Históricas e Genealógicas dos Grandes de Portugal, 3.a edição	28
Fig. 22 "Palais du Comte d'Avero á Lisbonne ou Charles III a été logé" 1707, Biblioteca Nacional de Portugal	29
Fig. 23 "chegada da suprema junta da inconfidencia ao sitio de belem para arrazar e salgar o chão do palácio de jozé de mascarenhas exautorado das honras de duque de áveiro pello exacrando atentado contra a augusta magestade d'el'rey d. Jozé i nosso senhor a quem deos guarde 1759 bertolameo da costa o fez anno 86 v" 1759, Fonte: Isabel Mello e Castro	29
Fig. 24 - 25 Execução do Duque de Aveiro Brasão Ducal de pedra picado por traição fotografia da autora	29
Fig. 26 Padrão no Beco do Chão Salgado "Aqui foram arrasadas e salgadas as casas de José de Mascarenhas, exauctorado das honras de duque de Aveiro e de outras, condemnado por sentença proferida na suprema junta de inconfidência, em 12 de janeiro de 1759. Justificado como um dos chefes do barbaro e execrando desacato que na noite de 3 de setembro de 1758 se havia commettido contra a real e sagrada pessoa de D. José I. N'esle terreno infame se não poderá edificar em tempo algum." 1979, Neves Águas, Arquivo Municipal de Lisboa	30
Fig. 27 Expropriações na Rua de Belém (detalhe); linha vermelha - periferia do Chão Salgado onde está compreendido o atual Largo do Chafariz da Bola; preenchimento a vermelho - palácio do Duque de Aveiro José Mascarenhas antes de ser arrasado, segundo uma planta de 1717 1916, Arquivo Municipal de Lisboa	30

Fig. 28 Estampa VI: Palacio do Duque de Aveiro em Villa Nogueira de Azeitão 1895, Inícios da Renascença em Portugal: Palacio e Quinta da Bacalhôa em Azeitão, p.118	31
Fig. 29 Azulejos das Quatro Estações, séc XVI cedido por Joaquim Oliveira	31
Fig. 30 Azulejos na loggia e no interior do palácio sem data, cedidas por Joaquim Oliveira.....	32
Fig. 31 Fachada principal/Norte do Palácio sem data, www.panoramio.com .	33
Fig. 32 Fachada lateral/Este do Palácio sem data, Investimento Imobiliário ...	33
Fig. 33 - 34 "Neuer Orbis Pictus für die Jugend" pormenor da Planta da Carta que contém as aldeias d'Azeitão 1835, Ilustração de J.E. Gailer 1790, Conrado Henrique Niemeyer e Maximiano José da Serra, Arquivo DIE/GEAEM	34
Fig. 35 Villa Aldobrandini de Frascati (no sopé de uma Serra, à semelhança da quinta em análise).....	35
Fig. 36 Roman de la Rose (hortus conclusus) c. 1300, ilustração do poema de Guillaume de Lorris e Jean	36
Fig. 37 Casa, Quinta e Envolvente do Palácio dos Aveiros (desenho matricial)	36
Fig. 38 Configuração formal e espacial da Villa Ou Quinta de Recreio como complexo arquitetónico – a forma da planta do edifício principal, a sua estrutura arquitetónica – relação com entidades espaciais e volumétricas 2013, A Quinta de Recreio em Portugal, p.359	37
Fig. 39 - 40 Salão de Eventos Palácio sem data, www.casadecalhariz.pt	37
Fig. 41 Casas de Turismo sem data, www.casadecalhariz.pt	38
Fig. 42 Evolução tipologia palácio Torre, Torre com corpo anexo, Torreão, em L, variação em L (com cubelos, na Quinta da Bacalhôa), em U (Quinta do Calhariz), Quinta das Torres, em H (Quinta dos Aveiros) autora.....	38
Fig. 43 Rossio/Praça da República, Palácio dos Duques de Aveiro e Convento Dominicano de Santa Maria da Piedade sem data, www.visitsetubal.com.pt ...	39
Fig. 44 Alçado poente Corpo novo em tons de vermelho 2011, Arquitetos Portugueses: Fernando Távora, p. 56 www.panoramio.com	46
Fig. 45 Planta do corpo novo – piso térreo (na realidade, piso -1)	47
Fig. 46 Corredor do dormitório original reabilitado www.commons.wikimedia.org	47
Fig. 47 Pormenores contacto antigo-novo www.pousadas.pt	48
Fig. 48 Ala nova www.pousadas.pt	48
Fig. 49 Planta do piso térreo	49
Fig. 50 Corte este-oeste	49
Fig. 51 Pormenores interior	50
Fig. 52 Fachada e áreas reabilitadas e recondicionadas www.pinterest.com www.pousadas.pt	50
Fig. 53 Ala nova www.tripmondo.com	51
Fig. 54 Vista norte Claustro fotografias da autora	51
Fig. 55 Tardoz fotografia da autora	52
Fig. 56 Vista Este www.guiadacidade.pt	53
Fig. 57 Vista do pátio www.guiadacidade.pt	53
Fig. 58 Mosteiro e reabilitação da ala sul Mosteiro e reabilitação da ala nascente e claustros www.visitportugal.com www.comarteecultura.wordpress.com	54
Fig. 59 Plantas piso 2, piso 3, pormenor piso 3 J.C. Santos e equipa diretiva do MSMT, IPPAR.....	55
Fig. 60 Vista aérea www.rehab.greenlines-institute.org	56
Fig. 61 - 62 Pátio Interior Último piso www.archdaily.com	56
Fig. 63 Terraço www.archdaily.com	57

Fig. 64 - 65 Alçado principal Interior do novo volume www.archello.com	57
Fig. 66 Vista tardoz www.archello.com	57
Fig. 67 Vista aérea www.archidose.blogspot.com	58
Fig. 68 Vista da igreja a partir do claustro novo Igreja nova www.pinterest.com	59
Fig. 69 Interior da igreja Abadia Le Thoronet www.pinterest.com	59
Fig. 70 - 71 Vista oeste Vista este www.palaciocadaval.com	60
Fig. 72 Alçado principal Interior.....	61
Fig. 73 Vista tardoz www.archdaily.com	61
Fig. 74 Gráfico com percentagens referentes ao estado de conservação do edificado com dados de 2010 Delimitação de Áreas de Reabilitação Urbana, CMS, 2012.....	62
Fig. 75 (...) suprimido o trânsito de veículo intenso. A localização dum convento na parte mais elevada, do pelourinho, do Palácio dos Duques de Aveiro (I.I.P.), bem como o chafariz, fornecem-lhe condigno ambiente desde recuperado. (Carvalho, 1973, ficha nº1).....	62
Fig. 76 - 77 Praça da República antes e depois ?, 2016.....	63
Fig. 78 (...) deveria ser estudado um novo esquema viário. (...) no caso de o trânsito de veículos ser suprimido. Deveria ser considerada, pelo menos nalguns locais, como rua comercial de peões. (Carvalho, 1973, ficha nº2).....	63
Fig. 79 - 80 Rua José Augusto Coelho Rua Casquilho ?, 2016.....	63
Fig. 81 - 82 Vista conjectural após intervenção no espaço público na Rua José Augusto Coelho 2012 Delimitação de Áreas de Reabilitação Urbana, CMS.....	63
Fig. 83 Maquete-conceito autora.....	64
Fig. 84 esquemas-estratégias autora.....	64
Fig. 85 Esquemas representativos das Estratégias da Memória autora.....	67
Fig. 86 diagrama de usos autora.....	67
Fig. 87 Materialidades exteriores.....	70
Fig. 88 Materialidades interiores.....	70
Fig. 89 Planta da Carta que contém as aldeas d'Azeitão Quinta dos Aveiros e Quinta das Torres assinaladas, respetivamente 1790, Conrado Henrique Niemeyer e Maximiano José da Serra, Arquivo DIE/GAEM (desenho incompleto), montagem da autora.....	71
Fig. 90 Villa de Azeitão, Que contém treze Aldeias Arquivo Militar de Lisboa, cedido por Pedro Marquês de Sousa.....	71
Fig. 91 Percurso do Roteiro Arquitetónico www.google.pt/maps , montagem da autora.....	71
Fig. 92 Centro Histórico de Vila Nogueira de Azeitão desenho da autora.....	72
Fig. 93 - 94 Palácio e Jardim-labirinto Casa de Fresco fotografias da autora.....	73
Fig. 95 Planta da Quinta sem data, SIPA.....	73
Fig. 96 - 97 Palácio e Casa de Fresco da Quinta das Torres, Vila Nogueira de Azeitão www.casamentos.pt , www.visitsetubal.com.pt	74
Fig. 98 Axonometria do palácio SIPA.....	74
Fig. 99 - 100 Vista oeste Vista este fotografias da autora.....	75
Fig. 101 - 102 Planta da Quinta Jardim-labirinto e Fonte www.quintadaconceicao.pt	75

12 | ANEXOS

| ÍNDICE

12.1. A PRAÇA E A QUINTA.....	85
12.2. DOCUMENTOS DE APOIO	86
12.2.1. DOCUMENTO 1.....	86
12.2.2. DOCUMENTO 2.....	88
12.2.3. DOCUMENTO 3.....	90
12.2.4. DOCUMENTO 4.....	91
12.2.5. DOCUMENTO 5.....	105
12.2.6. DOCUMENTO 6.....	106
12.2.7. DOCUMENTO 7.....	111
12.3. DIAGNÓSTICO PARTICIPADO	114
12.4. REGISTO FOTOGRÁFICO	122
12.5. PEÇAS DESENHADAS.....	125

12.1. | A PRAÇA E A QUINTA



Fig. 1 | PRAÇA | Rossio de Azeitão | www.google.pt/maps



Fig. 2 | QUINTA - Terrenos do Convento Dominicano Santa Maria da Piedade | O Palácio, a Quinta a ela associada, e o Convento | www.google.pt/maps

12.2. | DOCUMENTOS DE APOIO

12.2.1. | DOCUMENTO 1

RASTEIRO, Joaquim; *Quinta dos Duques de Aveiro*, manuscrito não publicado; Arquivo Distrital de Setúbal, 1893

Capítulo III – Origem dos Solares de Aveiro e Azeitão (página 25)

Acerca do Livro de Azeitão Outubro de 1898

“No advento da Renascença, os architectos, cheios de respeito pelos praxes e regra precedentemente estabelecida, tentavam acomodar o passado ao presente. Os palácios da nobreza e os príncipes tinham foras consagradas pelo uso e conveniências – quatro corpos rectilíneos ligados deixavam entre si um espaço descoberto para onde abria a entrada principal da habitação; pavilhões ou torres, que elevava dos ângulos, dominavam o edifício sobre a planta de um palácio fortaleza...

A escadaria italiana de dupla rampa é utilizada.

Se a unidade do traçado expressa matematicamente a direcção a vontade num só sentido, a variedade nos tectos e azulejamento, a circunstância de ser sobre abobadada. O pavimento da alla ocidental em quanto todos os demais apontam sobre o vigamento pode significar épocas diferentes na construção. Há tecto elevado com grandes apainelados, há o elavado á pessoa como e diz em carpinteria, também em grandes painéis quadrangulares ou triangulares almodadads com olduras; duas salas seguidas à de Baile e que dão sobre varanda do jardim, teem tectos “soffito” com caixotões e pendentes no encruzamento das molduras de belle effeito e a que a pintura decorativa daria maior realce. No azulejamento encontram-se bellos azulejos de superficie lisa, desenho variado, bellas côres e aprimorado gosto; ha o azulejo branco, formando com quadrilongos azues ou verdes a grade ou rede indicativo de tempo mais atrasados; em volta da grande varanda coberta que dá sobre o jardim até se empregou o tijolo emoldurado em azulejo quadrilongo. (Fig 101)

Não devera pois tratar-se desproposito atribuir-se à edificação a mais de um senhor.

Na sala de Baile o azulejamento distingue-se de todo o outro, é bicolor e feito de propósito para vãos, que tinha ornamentos, desenho medido, mas caprichoso grinaldas e umas figuras de fantasia e tinta branca sobre fundo azul. (fig.9)

O fino guarnecimentos interiores das portas e janelas é de mármore da Arrábida polida; o tecto hemisférico é estucado, com longos arabescos a fresco (fig. 3) pi cimalha muito ornamentada (fig. 4) devindo-se ainda pintados óvalos e denticulos.

Esta obra é indubitavelmente das galerias (louvada ou varanda) com granpolécia pelo duque D. Álvaro.

Nas traseiras do palácio há um pátio atulhado de reles casinhas, algumas até de taipa, encontram-se ali o oratório particular da casa e para o mesmo pátio dão janelas e portas das cozinhas e outras dependências. Este espaço apertado entre o palácio actual e o mosteiro não dá lugar a que ali pudesse ter existido edificações capazes de alojar os duques. Se o D. João de Lencastre em 1539 habitou o palácio quase pode certificar-se não haver sido ele o edificado, pelas razões atrás expostas, no entanto não repugna aceitá-lo com reforma ou complemento dos trabalhos de seu pai; depois do falecimento deste. Se o tipo era errado no princípio do séc. XVI, se D. Jorge por 1520 a podia ter escolhido, sobejariam já no paiz por 1550 architectos que traça p sobre agulhas formas o solar dos duques de Aveiro.”

Capítulo IV – O Palácio e as suas dependências (página 30)

“O palácio, severo e magestoso, na sua estrutura, é vasto e de um só andar; apenas sobre o corpo central se ergue uma espaçosa sala de sete janellas de frente. Symetrias em todas as suas partes, não se deverá dar(?) dos preceitos da arte clássico-italiana, sem rendilhados nem curvas de qualquer espécie, tudo n'elle obedece à linha horizontal do prumo e à esquadria implacáveis.

A unidade, já dizia Platão, é um dos característicos essenciais da belleza; o bello é a harmonia da medida e das proporções e, se esta regra fosse infalível, o palácio seria um primor cativante. Nobre e imponente nas formas só parece talhado para as recepções cerimoniais até à entonação da voz, cadencia das palavras e... (?) reduzidas à miniatura as proporções do edificio seria um bom modelo ichnographico, nunca, porem um adorno delicado de gabinete elegante.

O corpo central mede uns 30 metros de frente, domina, com a sua altura as restantes construcções: ladeam os dois corpos de uns 5 metros cada um ligando-se por eles às alas que flanqueiam um vasto terreiro adentro pela frente.

Terraços ajardinados acompanham entre alas e corpos (?) principaes a unirem-se ao patamar medio dessa escadaria que dá acesso á entrada nobre edificio. Sessenta janellas, mezzaninas e portas abrem-se sobre o terreiro. Todas as janellas são fartas(?), rasgadas, ornadas de simples cornijas e por cima de cada uma d'estas uma mezzanina.

O aparelho rústico, em voga na época, teve modesta e bem calculada applicação aqui apenas para fazer sobressair os cunhais dos ângulos do palácio, ou, a modo de pilastras, para dividir os diferentes corpos e quebrar a monotonia da continuidade.

Uma larga escadaria dupla, partindo do centro, dobra-se sobre si e, formando 2 lanços convergentes, dá acesso a uma varanda ampla que serve de contraforte do corpo central e para ella abre a porta principal da casa. Foi do corpo, conforme as boas regras, que se quis imprimir mais movimento architectónico, juntando-o à uniformidade comum. Esta fachada é de 2 andares, dividida por pilastras em trez corpos. No andar superior ha sete janellas; as duas dos corpos extremos e a do centro são ornadas e com frontões triangulares em cujos tympanos se metteram bustos.

(...)”

RASTEIRO, Joaquim; "Noticias archeologicas da Peninsula da Arrabida" in *O Archeologo Português*, vol. III; nºs 1 e 2, Janeiro e Fevereiro, Museu Ethnographico Português, 1897

a palavra *portella* para significar uma cortadura no alto dos montes e lugar de passagem; assim ha: *portella da Cruz*, ou das *Necessidades*, *portella do Grillo*, *portella do Forno-da-cal*, *portella da Sardinha*, *portella da Lage* e a *portella* de que a cima fallei, já occupada pela aldeia.

Do mesmo modo se emprega a palavra *porto* designando passagem de ribeiras no fundo dos valles; assim: *porto da Lorangeira*, na estrada de Azeitão a Setubal, com uma ponte de 1872; *porto da Villa*, na abandonada estrada de Azeitão a Sezimbra, com uma ponte de seculo passado; *porto de Cambas* na estrada que substituiu a anterior, com uma ponte de 1880 no lugar de outra antiga; *porto Felho*, alem de Coima-a-Velha, sem ponte. E no concelho de Sezimbra: *porto do Concelho*, *porto da Apostiga*, atravessado pela estrada de Sezimbra a Almada; *porto Calheiro* numa ribeira que vai desaguar na Albufeira.

— *Casal do Bispo* é uma propriedade nos limites de Coima-a-Velha, com uma casa no alto de um monte bastante elevado e junto das ruínas do velho castello de Coima. Chama-se *do Bispo* por haver pertencido a D. Belchior Belliago, bispo de Fex. Este Belliago estudou em Paris, leu humanidades em Coimbra, philosophia e theologia; escreveu em latim com muita elegancia e pureza: cfr. adiante, pag. 36, nota.

10. Fortificações, ou edificios attribuidos aos Mouros na voz do povo

O *Castello dos Mouros*, ou *Jogo dos Mouros*, na serra da Arrabida. Fallarei d'elles no quesito «Montes fortificados». As *Coras da Moura* na quinta do Anjo, de que atrás já disse. O *Castello de Coima*, de que noutra parte direi. Uma represa de aguas no fundo da quinta da Moura, proximo á Ajuda, propriedades do Conde Armand.

11. Monumentos-palacios

— O palacio da Bacalhõa pela fórma e disposição das suas construcções, pelos seus azulejos e medalhões esmaltados, pela significação artistica do conjuncto, é um monumento a que bem caberia a guarda do estado.

— O palacio dos duques de Aveiro entra tanto na historia patria desde o seculo XVI, que é um despertador permanente dos factos, epochas e homens mais notaveis de Portugal. Edificado pelo mestre de Sant'Iago, D. Jorge de Lencastre, recorda D. João II, o *homem*, o *príncipe prefeito*, o grande rei e reformador. Occupado durante a dominação castelhana pelos duques Lencastres, rivaes dos Braganças, foi nelle que Filipe III veio em 1619 visitar os duques D. Juliana e D. Alvaro,

ao passeio que se desviava do solar de Villa-Vieosa. Aqui nasceu o primeiro duque de Abrantes, tronco dos duques de Abrantes e Liffares de Hespanha; nasceu tambem D. Maria de Guadalupe, duquesa de Arcos e de Aveiro, distincta pelas suas qualidades, lettras e genio artistico. O ultimo Aveiro, José de Mascarenhas, réo do regicidio de 1758, aqui foi preso com sua mulher, filhos e familiares. No palacio foi a custodia dos jesuitas, quando expulsos para Italia; d'aqui saíram para bordo do brigue S. Nicolau, continuando ainda custodia de outros padres, que sobrevieram. É renascença pura e pela epocha da sua edificação (fins do primeiro quartel do seculo XVI) seria nelle, talvez, que se estrocou aquelle estylo sem mescla.

— O palacio de Calhariz, entre Azeitão e Sezimbra, é um magnifico e vastissimo edificio. Tem uma serie de salas que abrem sobre um esplendida varanda. Os *mezzanini* foram aproveitados pelo primeiro duque de Palmella para darem luz a grande numero de quartos para aposento do grande e escolhido sequito de que elle se fazia acompanhar. Esta obra, restauração do palacio e jardins, quadros, mobilia, foi dirigida pelos scenographos e architectos Rambois e Cinati; a remodelação da cultura dos vastissimos terrenos foi entregue a um milanês, Gagliardi; tudo cõres de 1850. Na capella é notavel o altar de famoso mosaico e bellas columnas salomonicas de excellente marmore. Na quinta ha copadas alamedas, bons lagos, que imitam o natural e, ao norte do palacio, a pequena distancia, um formosissimo pinhal.

12. Igrejas

— Na igreja de S. Lourenço de Azeitão só existe digno de menção o azulejamento que representa a duas côres (azul sobre fundo branco) scenas biblicas; será industria portugueza de fins do seculo XVII. Estes quadros são emoldurados em largas tarjas festonadas de bom gosto e firme execução. Tambem ha na mesma igreja uma *Madona* de barro esmaltado, genero, ou mesmo producção de algum dos Della Robbia.

— A igreja de S. Simão tem as paredes cobertas de azulejo de variado desenho polychrome. É datado de 1648. As imagens da Virgem sob o titulo da *Saude*, a do orago e a do Baptista são em grande vulto de barro colorido; obras do seculo XVI.

13. Ermidas

— A ermida do Bom Jesus, na Arrabida, atrio, jardim circundante ornado de graciosas fontinhas repuxantes e povoado de eyprestes, é

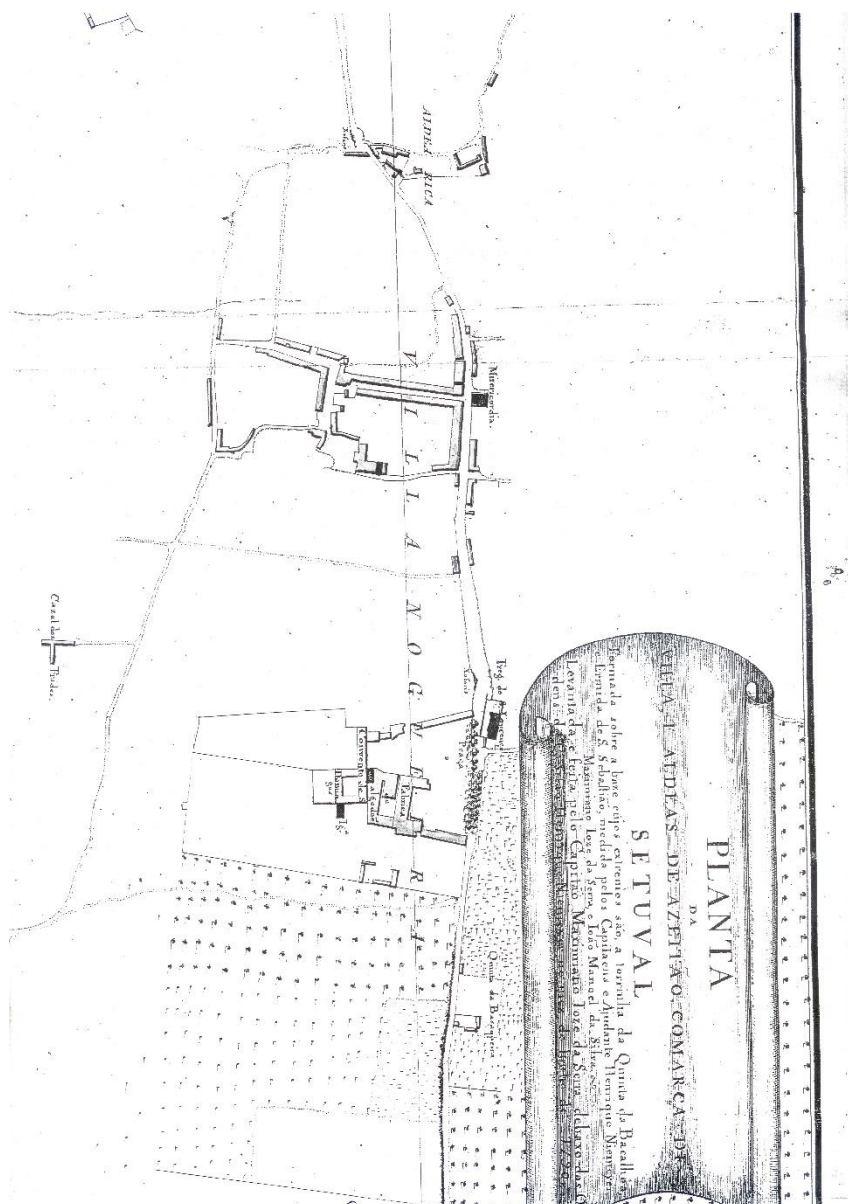
12.2.3. | DOCUMENTO 3

1790, Conrado Henrique Niemeyer e Maximiano José da Serra, Arquivo DIE/GEAEM

“PLANTA DA VILLA, E ALDEAS DE AZEITÃO, COMARCA DE SETUVAL

Formada sobre a baze cujos extremos são, a torrinha da Quinta da Bacalhôa, e Ermida de S. Sebastião, medida pelos Capitaens e Ajudante Henrique Niemeyer, Maximiano Joze da Serra, e João Maoel da Silva.

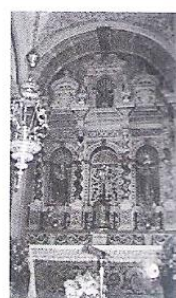
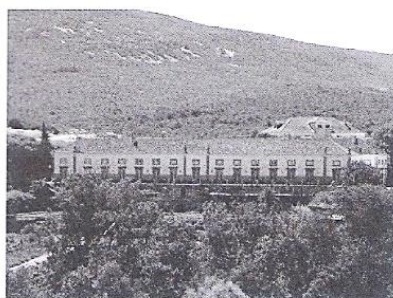
Levantada, e feita pelo Capitão Maximiano Joze da Serra debaixo das Ordens do Capitão Henrique Niemeyer no mez de Junho de 1790.”



12.2.4. | DOCUMENTO 4

PIRES, Amílcar Gil; *A Quinta de Recreio em Portugal*; Caleidoscópio, 2013

| TIPO F | QUINTA DO CALHARIZ, VILLA CONSTANZA



Localização: CALHARIZ, Sesimbra

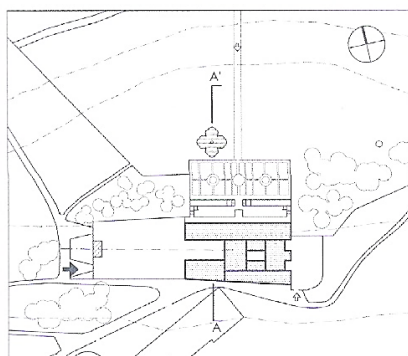
Construção: séc. XVII

Autor:

TIPO - F

QUINTA DO CALHARIZ

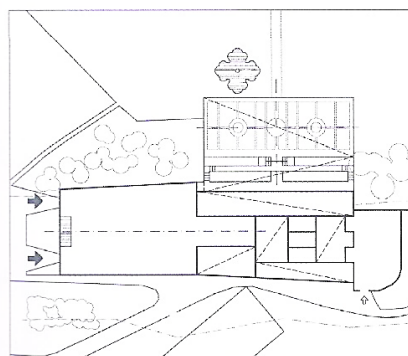
Q6



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO / ACESSOS



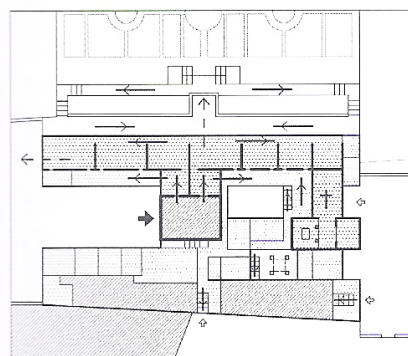
RELAÇÃO COM O TERRENO / ORIENTAÇÃO DOMINANTE



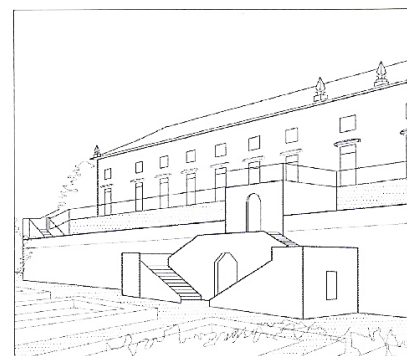
ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL / GEOMETRIAS



ACESSO PRINCIPAL / CHEGADA



RELAÇÃO ESPAÇOS-CIRCULAÇÃO / VISTAS / HIERARQUIAS



ENQUADRAMENTO NO LUGAR

➔ ACESSO / ENTRADA
→ CIRCULAÇÃO

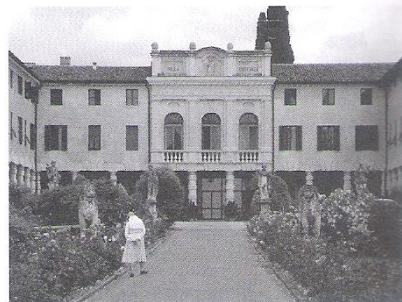
--- → VISTAS
- - - - - EIXO DE SIMETRIA

LAGO 1 2 3 CIRC. HIERARQUIA ESPACIAL CAPELA

QUINTA DO CALHARIZ

Q6

TIPO - F



Localização: SANTA SOFIA DI PEDEMONTE – Verona

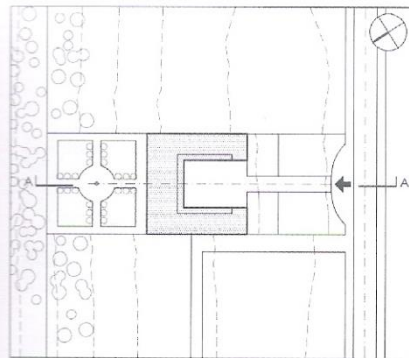
Construção: séc. XVII

Autor:

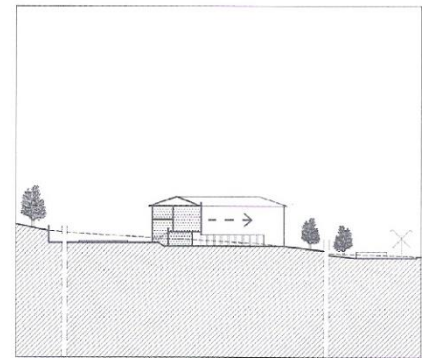
TIPO – F

VILLA COSTANZA

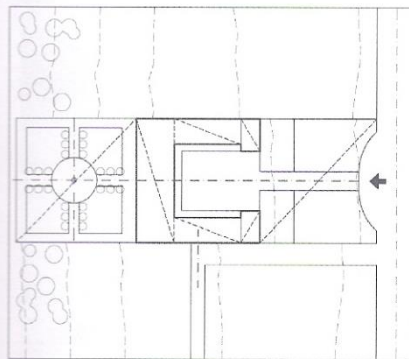
V43



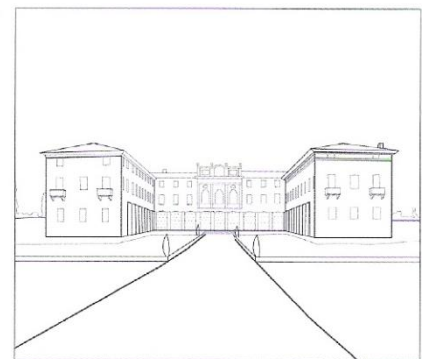
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO / ACESSOS



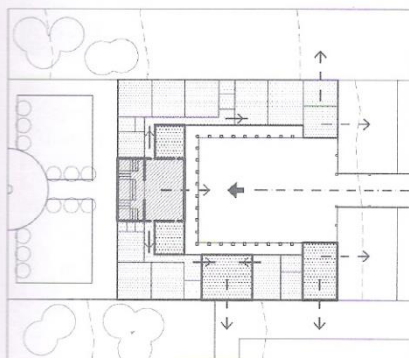
RELAÇÃO COM O TERRENO / ORIENTAÇÃO DOMINANTE



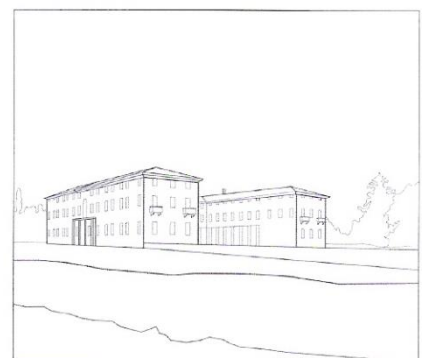
ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL / GEOMETRIAS



ACESSO PRINCIPAL / CHEGADA



RELAÇÃO ESPAÇOS-CIRCULAÇÃO / VISTAS / HIERARQUIAS



ENQUADRAMENTO NO LUGAR

→ ACESSO / ENTRADA
→ CIRCULAÇÃO

-- → VISTAS
- - - - - EIXO DE SIMETRIA

LAGO 1 2 3 CIRC. HIERARQUIA ESPACIAL CAPELA

VILLA COSTANZA

V43

TIPO - F

directa à *simetria central* quando o edifício é entendido como uma entidade espacial com origem num porto estruturante e por ser composto por *elementos equivalentes* que se contrapõem, que se dispõem em torno de dois eixos que se cruzam num ponto central.

5 – Ordem e Geometria Ideal

A racionalidade e regularidade patentes na estruturação formal, espacial e construtiva, evidenciadas no desenho geométrico da Villa Ambrogiana, que tem como elementos geradores da sua composição dois eixos ortogonais com origem num centro geométrico (pátio de planta rectangular), conferem-lhe um carácter de estrutura arquitectónica expressivamente ordenada.

No conjunto edificado são evidentes regras intencionais que estabelecem a relação entre os elementos da forma arquitectónica em geral; existe uma repetição intencional e simétrica de elementos volumetricamente iguais – *torreões* – e a arquitectura dos espaços exteriores é ordenada por uma grelha geométrica regular gerada pelos dois eixos que têm origem no edifício principal e que estruturam formalmente toda a arquitectura da Villa.

À afinidade morfológica entre os elementos volumétricos que definem o edifício, à dupla simetria e às proporções geométricas do seu desenho, está associado um equilíbrio claro e intencionalmente expresso entre as partes que formam o todo construído e que conferem identidade arquitectónica à Villa.

2.1A3 Estruturação do Espaço Arquitectónico⁶²

A análise morfológica e espacial da arquitectura do objecto de estudo tratado nesta investigação tem como objectivo, neste capítulo, o reconhecimento do modo como se estrutura o seu espaço arquitectónico, o estudo do tipo de elementos arquitectónicos ou primários que suportam a sua realização, o modo como as relações estabelecidas a partir do seu uso determinam espaços fundamentais, e o entendimento dos meios disponíveis para a criação de hierarquias espaciais e formais. Os casos de estudo adequados para esta análise estão enquadrados no Tipo F/F1/F2⁶³: Quinta do Calhariz (Q6); Villa Costanza (V43); Villa Godi (V63); Quinta da Conceição (Q13); Solar de Lanheses (Q76); Quinta Torre da Aguilha (Q37).

Quinta do Calhariz (Q6-Tipo F)

1 – Elementos básicos da arquitectura

– Área delimitada

Na Quinta do Calhariz verifica-se a existência de duas áreas limitadas bem definidas. A primeira agrega a casa da quinta, o pátio de entrada (pátio de honra), o

62. Ver Terceira Parte, capítulo 1A3, p. 150.

63. Ver Anexo, p. 400; p. 448-450.

recinto/terreiro em frente à capela (localizada no corpo posterior da casa, oposto à sua entrada principal) e o jardim formal. Os seus limites são materializados por muros em pedra ou pelos socalcos (muros de contenção) que estruturam os planos de nível que servem de base a estes espaços.

A segunda área limitada inclui a anterior, as áreas de pomar, hortas e bosque, localizadas a norte da casa, e as construções de apoio agrícola, a Sul. O seu limite está fisicamente bem definido junto aos caminhos que dão acesso à quinta, mas funde-se com a paisagem nas extensas áreas agrícolas que a envolve, sendo demarcado por agrupamentos ou alinhamentos de árvores, ou por linhas de água.

O espaço arquitectónico da quinta é constituído por um conjunto de espaços contidos e autónomos cujos limites físicos e visuais têm uma leitura totalmente diferente quando são vistos do exterior ou do interior, a partir da casa. Como esta se localiza no ponto mais elevado do terreno, a sua visibilidade da quinta é de continuidade e de agregação espacial, enquanto que do exterior os vários espaços são visivelmente ocultados pelos seus muros de suporte, dificultando o entendimento da relação entre eles.

– Área elevada (ou plataforma)

As superfícies horizontais que definem os espaços principais da quinta – ‘pátio de honra/casa/terreiro posterior’; terraço sobre o jardim formal; jardim formal; pomares e espelho de água isolado – têm diferentes níveis altimétricos que acompanham a pendente natural do terreno. Estas estão relacionadas visual e espacialmente a partir do edifício principal, e os muros que as sustentam fazem a separação visual entre estes planos e o terreno circundante. Os campos espaciais criados estabelecem relações que só são reconhecidas a partir do interior da quinta, dos percursos que têm origem na casa, cuja continuidade espacial entre esta e o jardim formal é garantida pela escadaria de tramos simétricos localizada no centro do terraço (fachada Norte da casa).

– Área deprimida (ou fosso)

Nesta quinta não existem propriamente áreas deprimidas, apesar da localização intermédia – entre a parte mais elevada da quinta e o jardim formal – do plano horizontal que suporta a casa e que define o pátio de honra. Este torna aparente um muro de suporte, a Sul, onde se localiza uma gruta, mas, no lado oposto, a Norte, destaca-se do terreno natural e proporciona uma visibilidade panorâmica para longe – Serra da Arrábida.

O jardim formal, na sua relação de nível muito inferior relativamente à cota soleira da casa, é o espaço mais resguardado visualmente do exterior. O acesso a esta área é feito de forma descendente, a partir dos muros de suporte que definem o pódio em que assenta a casa, o que lhe confere, também, um carácter de área deprimida relativamente a esta, mas na direcção contrária passa-se o oposto

– o jardim abre-se francamente para a paisagem, o que lhe confere uma dimensão visualmente extrovertida.

– Marco vertical e foco visual

Na Quinta do Calhariz existem dois marcos verticais claros, mas com características totalmente diferentes, que identificam lugares bem diferenciados no conjunto espacial das áreas exteriores de recreio. Enquanto um deles tem uma afirmação visual relativamente a todos os espaços de jardim e aos espaços nobres da casa – elemento escultórico localizado no centro do espelho de água – que se afirma, também, como foco visual, o outro – templo de planta circular sobreposto por cúpula – tem uma localização resguardada relativamente aos outros espaços de jardim e da casa. Este templo está implantado no ponto mais alto do pequeno bosque pertencente à quinta, próximo do seu limite poente, e, pelas suas características funcionais – mirante – e formais, não só permite ver toda a envolvente, como é visto ao longo de vários pontos do caminho que dá acesso à quinta, afirmando-se como marco vertical e foco visual para o exterior.

Um outro foco visual está presente na estruturação formal da casa. Trata-se da sua porta principal – ponto de convergência do eixo definido pela própria organização simétrica da sua volumetria (planta em U) e pelo lago que lhe é oposto, localizado junto às entradas, também simétricas, do pátio de honra.

– Superfície vertical e aberturas

Uma das características mais relevantes da arquitectura da Quinta do Calhariz é a afirmação muito expressiva do plano vertical definido pela fachada Norte da casa que confronta o jardim formal. Esta afirma uma escala bastante acentuada relativamente à envolvente, devido à sua grande extensão longitudinal e pelo facto de estar colocada sobre um alto pódio que duplica visualmente a sua altura e enfatiza a sua expressão de frontalidade e de domínio sobre os espaços do jardim.

O ritmo definido pelas suas aberturas reforça a horizontalidade da arquitectura do edifício e reflecte a disposição linear dos espaços mais representativos da casa. Estas aberturas fazem a comunicação física com o amplo terraço que antecede o jardim formal e relacionam visualmente a casa com os jardins e com a envolvente, reforçando o domínio da arquitectura sobre o território.

– Superfície de limite horizontal (cobertura)

Na casa da Quinta do Calhariz encontramos, provavelmente, a cobertura com maior expressividade na afirmação da estrutura arquitectónica de toda a acção construtiva dos casos tratados. Ela não só reforça a horizontalidade expressa na fachada Norte da casa como estabelece o plano último, superior a todos os outros que modelam o terreno nas suas sucessivas cotas, como limite aéreo do lugar construído.

2 – Espaços de aproximação, espaços de transição e hierarquia espacial

A aproximação à Quinta do Calhariz começa por ser feita por um caminho irregular, em leve ascensão, sempre enquadrado por vegetação natural, até alcançar o pátio de honra que antecede o edifício, ponto a partir do qual se torna rectilíneo e focalizado com a sua entrada principal, convergente com o eixo de composição que estrutura a casa.

O pátio de honra será o primeiro espaço de transição entre o espaço público e o espaço privado da casa. Este antecede a entrada principal do edifício e, ao mesmo tempo, confere-lhe uma dimensão de forte representatividade devido à sua integração geométrica com a estruturação formal do edifício – axialidade que faz convergir espacialmente, e em profundidade, todas as dinâmicas de forças visuais e simbólicas para a entrada nobre da casa.

A sequência destes lugares de transição cria uma hierarquia espacial desde o exterior ao edifício – espaço público – até à privacidade do seu interior.

As transições e hierarquias que se começam, aqui, a definir, permitem uma diferenciação objectiva entre a passagem do público para o espaço privado, tanto numa perspectiva funcional como simbólica.

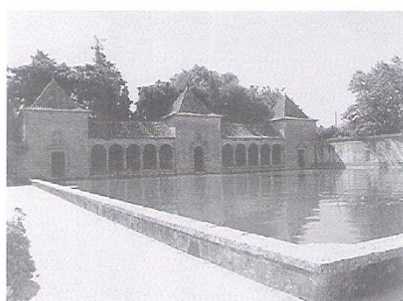
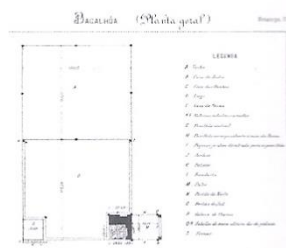
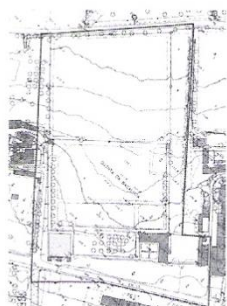
Relativamente à estruturação formal e funcional do edifício, existe uma ordem hierárquica que faz a disposição dos seus espaços e elementos arquitectónicos em relação à sua escala de importância. A partir da entrada nobre acede-se à sala principal do edifício – sala de entrada – que se afirma hierarquicamente como o espaço mais importante da casa, devido à dimensão do seu espaço – maior área e duplo pé-direito – e devido à sua localização – ponto geométrica e funcionalmente central de todo o edifício. A capela, localizada no extremo oposto da casa, e com entrada independente a partir dum recinto exterior próprio, segue-se como segundo na importância hierárquica da casa, mas adquire um valor principal quando assume a sua função de uso público. A sequência de salas localizadas no corpo Norte do edifício, com relação directa com o terraço e jardins – zona nobre – segue-se na importância hierárquica estabelecida. No corpo Sul do edifício localizam-se, no piso superior, espaços de uso estritamente privado – quartos e salas com uso específico – e, no piso inferior, os espaços de serviço, enquadrados no último nível hierárquico.

2.1C1 Tipo/Modelo Arquitectónico⁶⁴

Propomo-nos, neste capítulo, fazer uma exposição objectiva dos conceitos de ‘tipo’ e de ‘modelo’ relativamente às relações espaciais e formais existentes entre a arquitectura da Villa italiana e a da Quinta de Recreio portuguesa. Para o efeito,

64. Ver Terceira Parte, capítulo 1C1, p. 157.

| ROTEIRO ARQUITETÔNICO | QUINTA DA BACALHÔA, QUINTA DA CONCEIÇÃO, QUINTA DAS TORRES



Localização: VILA FRESCA DE AZEITÃO

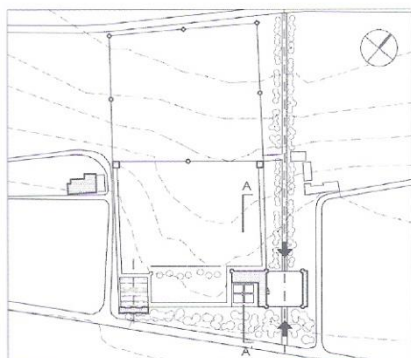
Construção: séc. XVI

Autor:

TIPO – L

QUINTA DA BACALHOA

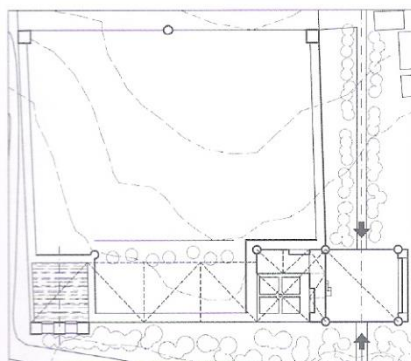
Q3



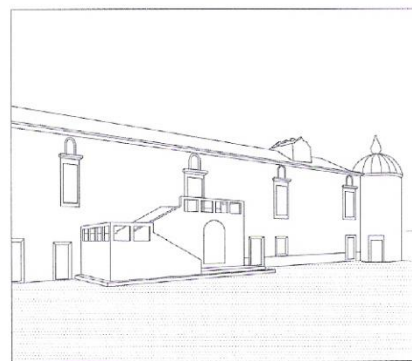
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO / ACESSOS



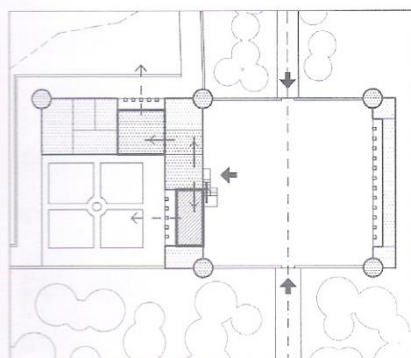
RELAÇÃO COM O TERRENO / ORIENTAÇÃO DOMINANTE



ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL / GEOMETRIAS



ACESSO PRINCIPAL / CHEGADA



RELAÇÃO ESPAÇOS-CIRCULAÇÃO / VISTAS / HIERARQUIAS



ENQUADRAMENTO NO LUGAR

→ ACESSO / ENTRADA
→ CIRCULAÇÃO

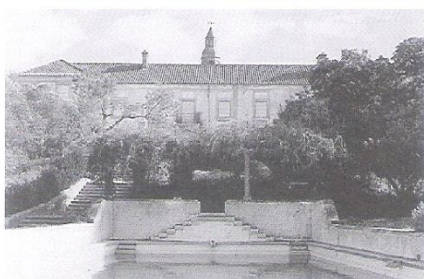
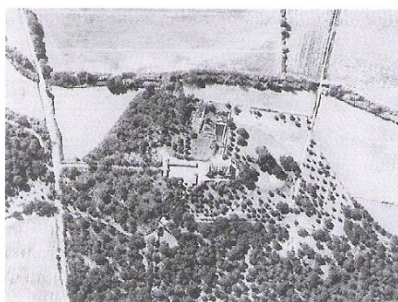
--- → VISTAS
- - - - - EIXO DE SIMETRIA

LAGO 1 2 3 CIRC. HIERARQUIA ESPACIAL CAPELA

QUINTA DA BACALHOA

Q3

TIPO - L



Localização: ALDEIA DE IRMÃOS – Azeitão

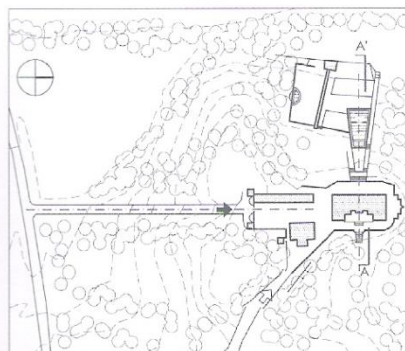
Construção: séc. XVIII

Autor:

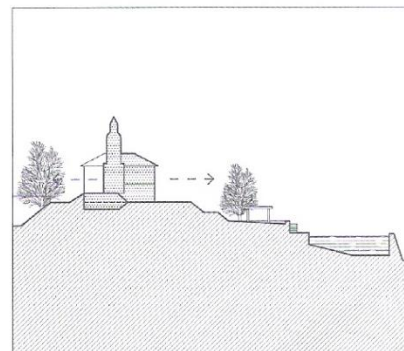
TIPO – F1

QUINTA DA CONCEIÇÃO

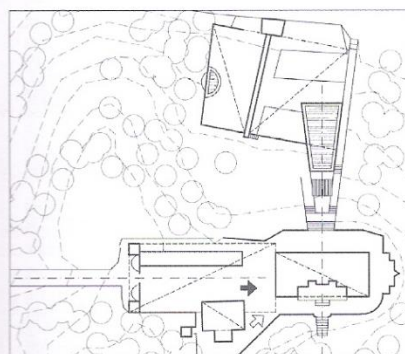
Q13



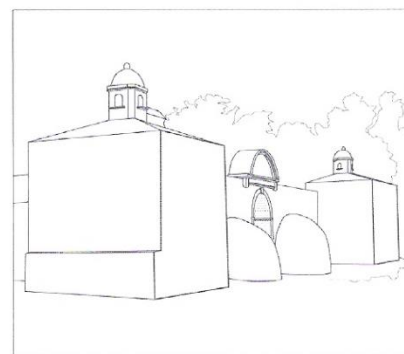
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO / ACESSOS



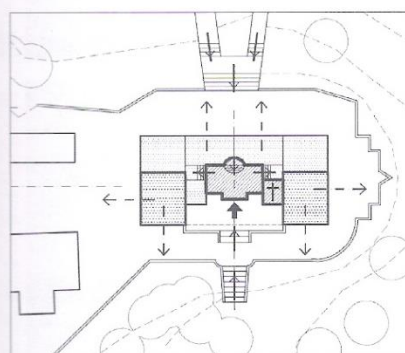
RELAÇÃO COM O TERRENO / ORIENTAÇÃO DOMINANTE



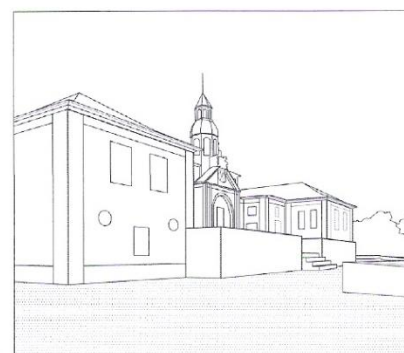
ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL / GEOMETRIAS



ACESSO PRINCIPAL / CHEGADA



RELAÇÃO ESPAÇOS-CIRCULAÇÃO / VISTAS / HIERARQUIAS



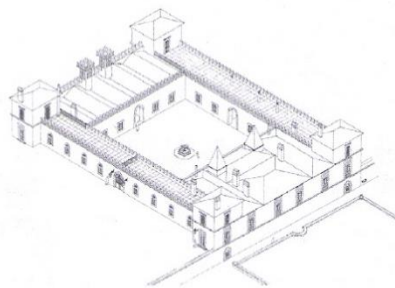
ENQUADRAMENTO NO LUGAR

➔ ACESSO / ENTRADA
➔ CIRCULAÇÃO

--- ➔ VISTAS
- - - - - EIXO DE SIMETRIA

LAGO 1 2 3 CIRC. HIERARQUIA ESPACIAL CAPELA

QUINTA DA CONCEIÇÃO Q13 TIPO - F1



Localização: V. NOGUEIRA DE AZEITÃO

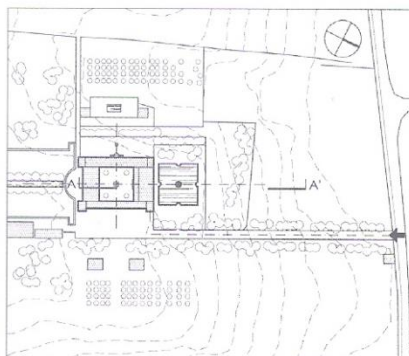
Construção: séc. XVI

Autor:

TIPO – B

QUINTA DAS TORRES

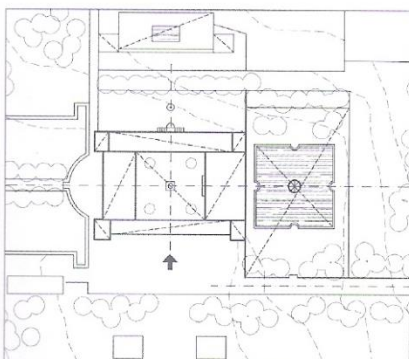
Q39



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO / ACESSOS



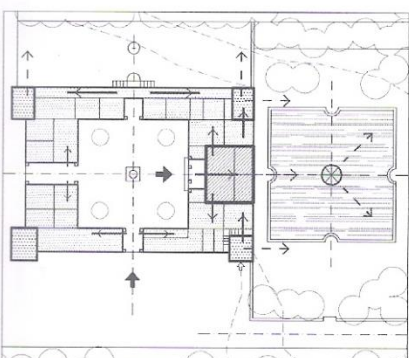
RELAÇÃO COM O TERRENO / ORIENTAÇÃO DOMINANTE



ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL / GEOMETRIAS



ACESSO PRINCIPAL / CHEGADA



RELAÇÃO ESPAÇOS-CIRCULAÇÃO / VISTAS / HIERARQUIAS



ENQUADRAMENTO NO LUGAR

➔ ACESSO / ENTRADA
→ CIRCULAÇÃO

-- → VISTAS
- - - EIXO DE SIMETRIA

LAGO 1 2 3 CIRC. HIERARQUIA ESPACIAL CAPELA

QUINTA DAS TORRES

Q39

TIPO - B

12.2.5. | DOCUMENTO 5

SOUSA, Padre Manuel Frango de; *Azeitão a Nossa Terra*; 1ª ed., Jornal de Azeitão, 2013

P.69

“AZEITÃO A NOSSA TERRA

Nº27

18 Dezembro 1988

Dá-se o nome de rossio a um largo grande e publico.

Nas cidades e nas vilas era assim a sala comum a volta da qual se construíram os edificios. E era nessa sala que se faziam as sessões públicas.

O rossio de vila nogueira foi primeiro terreno da quinta de Lourenço dinis e foi depois terreno dos duques de aveiro e dos frades do convento da piedade.

Já se chamou praça dos duques de aveiro e praça da fábrica, agora porem da pelo nome de praça da república.

Em tempos era sem vegetação e por 1913 plantaram-se arvores que agora tem.

Deslocado o mercado que no rossio se fazia, ficou este apto para outra utilização.

Para que vai servir esta bela sala de visitas?

Já vi uma hipótese em que se optava por transformar o recinto em parque de estacionamento de automóveis. Seria certamente uma solução ótima para quem pensa com a barriga e que vê tudo por um prisma de utilitarismo.

Fala-se também num auditório a implantar numa das partes do rossio. Esta do auditório nem é nova (há mais de quarenta anos que se fala nisso) nem é desprovida de bondade. Todavia em razão do movimento de veículos que se faz no rossio não parece ser a cem por cento o lugar ideal para o auditório, mesmo ficando ele la para os lados do convento. O local ideal para o auditório é a praça das salinas quando alguém tiver a coragem de emendar o que la estão a fazer.

Então, como devia ser o rossio? Há coisas que ficam “saloias” quando se lhes mexe demais, e o rossio é uma delas.

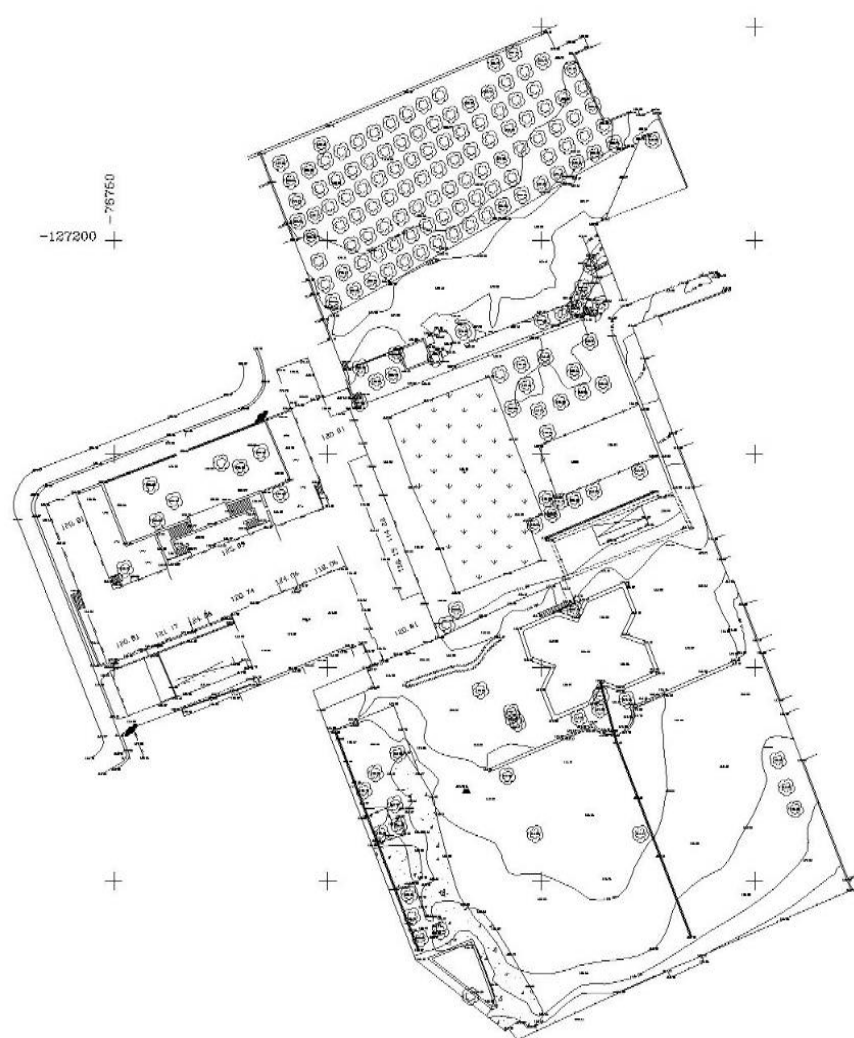
Aqui vai uma hipótese:

Arrancar as árvores que estão em frente ao palácio dos aveiros, para realçar mais o monumento; colocar no centro do recinto que esta em frente do palácio um pequeno monumento em homenagem a todos os benfeitores de azeitão; valorizar o pelourinho arranjando o quadrado limitado pelos quatro marcos que la estão; fazer quatro ou cinco pequenos recintos de convívio com mesa e bancos de pedra; e relvar tudo o resto, para que as crianças possam brincar livremente.”

12.2.6. | DOCUMENTO 6

Plantas, cortes e alçados do Palácio dos Duques de Aveiro, cedidos pelo Arquitecto Frederico Carvalho.

Azeitão, 15 de Setembro de 2003



Levantamento topográfico

| LEGENDA DOS ESPAÇOS

1/34/86/89/92 – Garagem

2/8/29/40/42/53/82/115/124/143/145 – Arrumos

3 – Oficina

4/33/62 – Pátio

5/28/30/39/41/47/59/67-68/72/83/98-99/114 – Hall

6 – Galeria

7/9-17/23/26/36-37/44/90-91/102/123/127-128/130/139/142/149 – Sala

18/22/55/66/71/85/125 – Salão

19/45-46/49/60-61/73-74/87/100/106/112/120/129/136/151 – I.S.

20 – Passagem

21/24-25/43/76/88/101/105/113/117/141/148 – Corredor

27/38/75/104/135/152 – Cozinha

31/52/56/81 – Escadas

32 – Arcada

35/69 – Jardim

48/77-80/95-97/103/109-111/118-119/122/131-132/127/138/140/144/146-147/150 – Quarto

50 – Saguão

51 – Escadaria

54/93 – Armazém

57 – Refeitório

58/65 – Escritório

63-64 – Adega

70/107/153/154 – Terraço

84 – Varanda

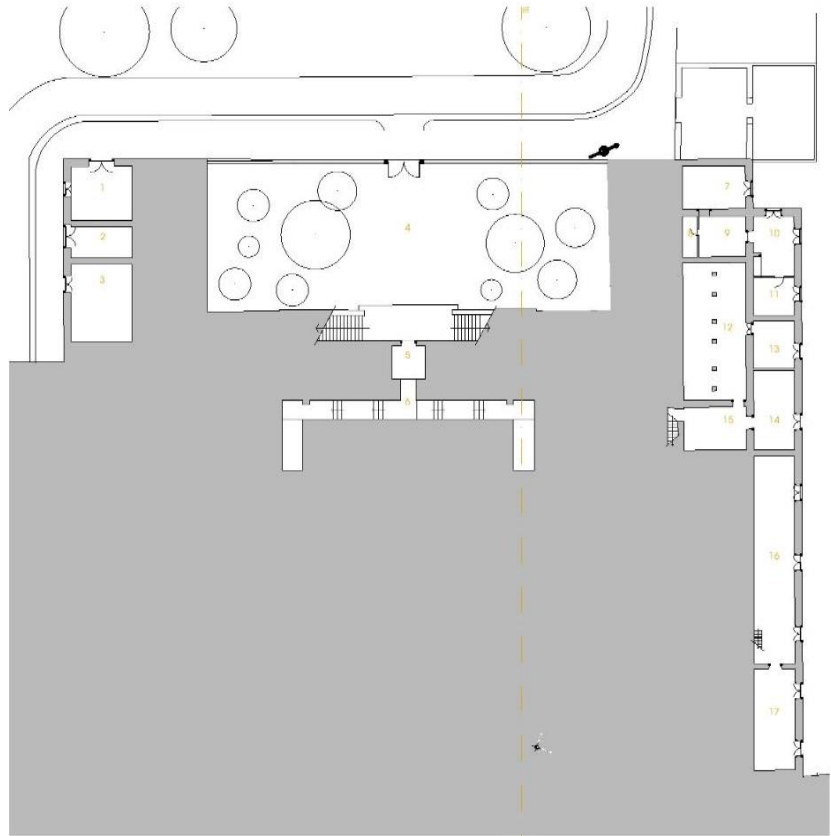
94 – Habitação

108/121 – Sótão

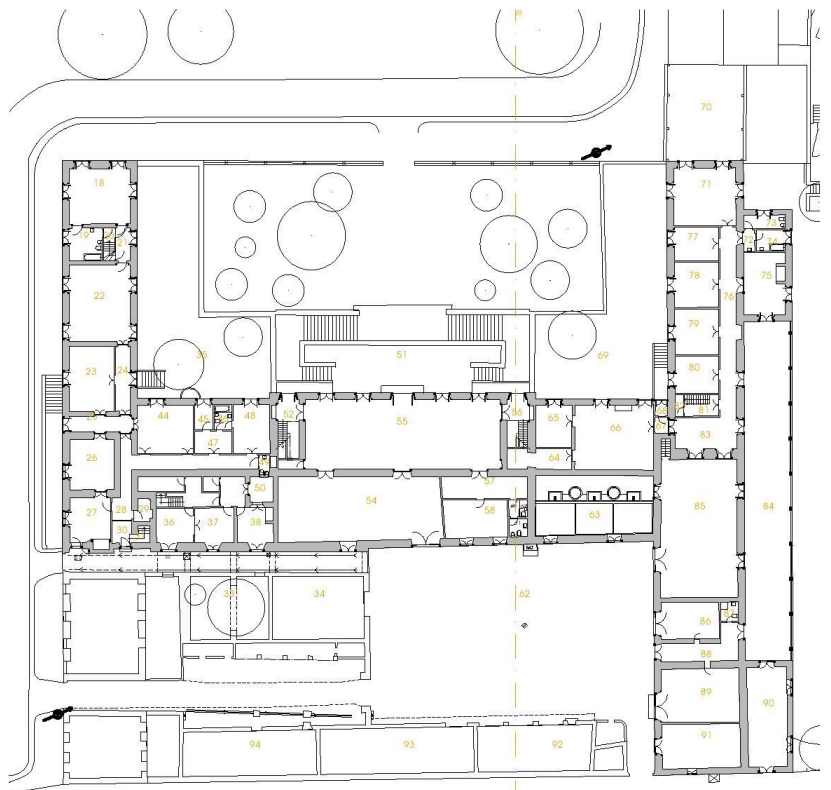
116 – Biblioteca

126 – Estúdio

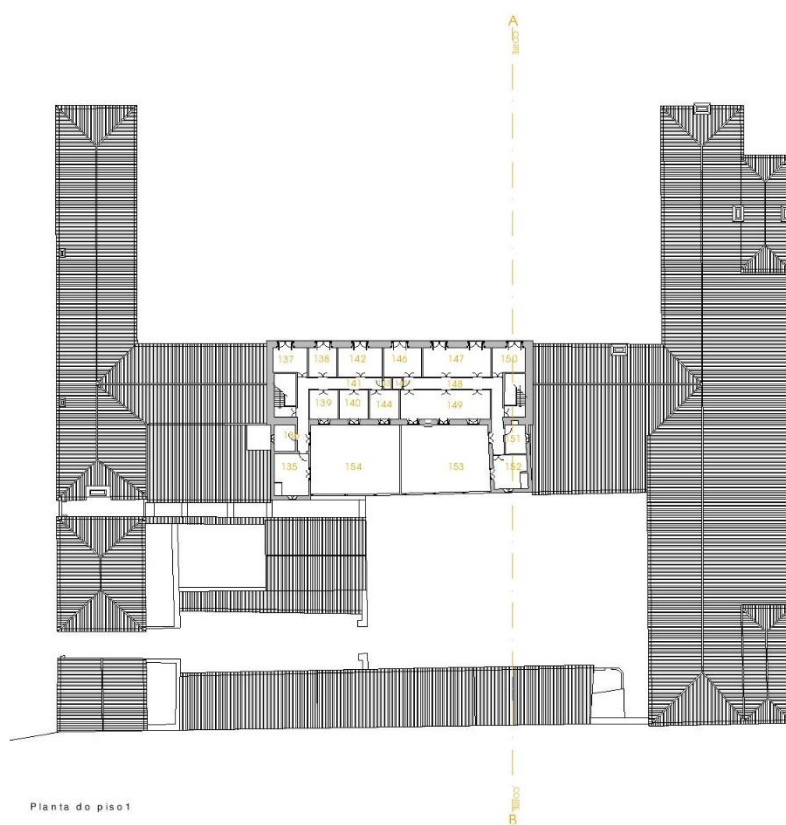
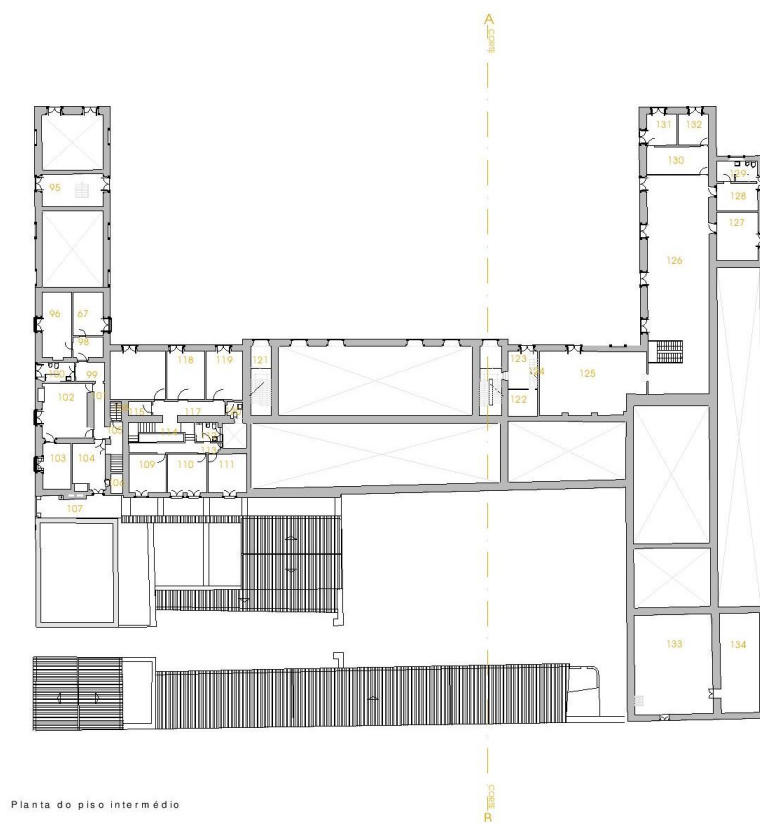
133-134 – Palheiro

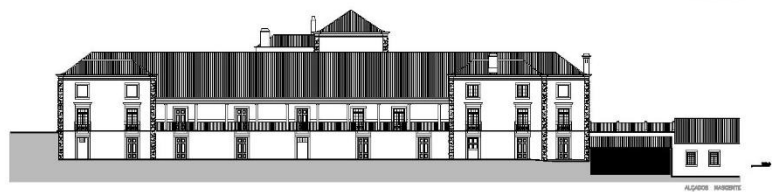
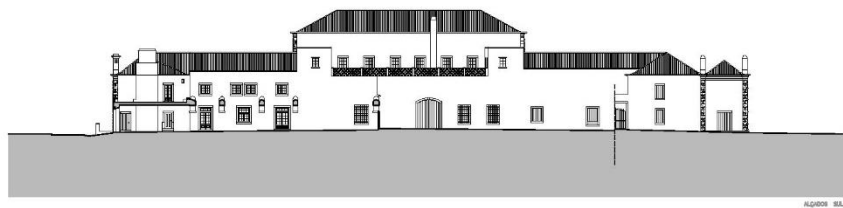
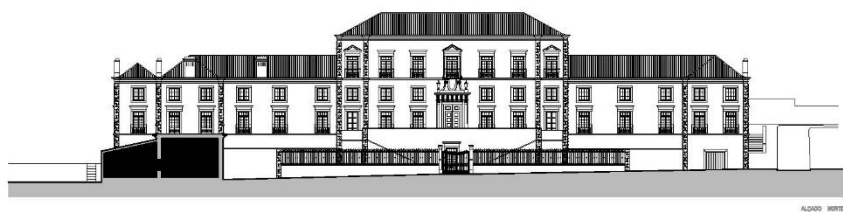


Planta da semi-cave



Planta do piso terreo






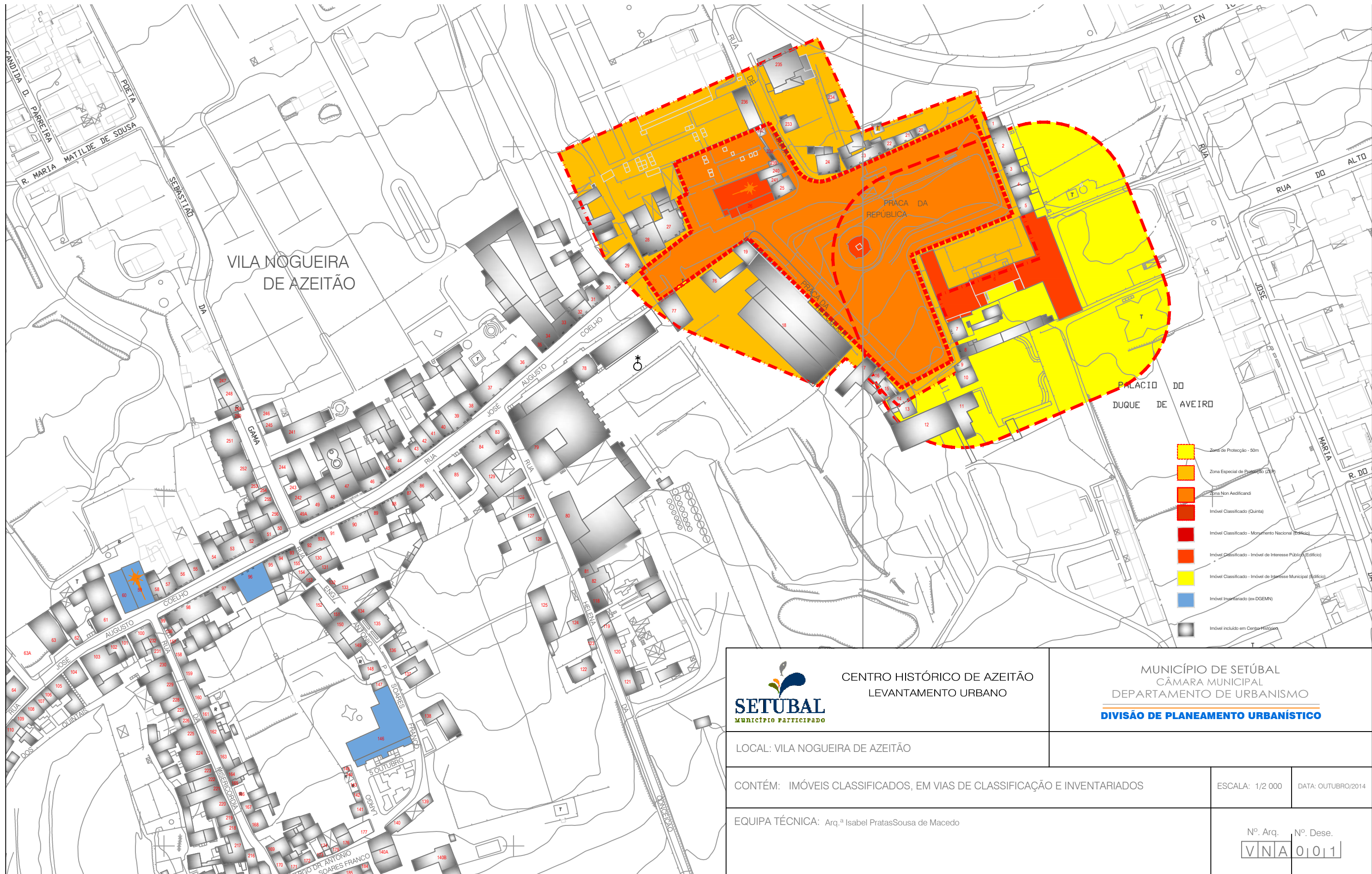
12.2.7. | DOCUMENTO 7

| Extrato de Ortofotomapa com Delimitação da ARU – Vila Nogueira de Azeitão, Centro Histórico de Vila Nogueira de Azeitão, Câmara Municipal de Setúbal, Departamento de Urbanismo, Dezembro 2012

| Imóveis Classificados, em vias de Classificação e Inventariados, Centro Histórico de Azeitão, Levantamento Urbano, Câmara Municipal de Setúbal, Departamento de Urbanismo, Outubro 2014



Limite ARU de Vila Nogueira de Azelão	
 Município de Setúbal - Câmara Municipal de Setúbal	
DEPARTAMENTO DE URBANISMO	
ÁREAS DE REABILITAÇÃO URBANA	
Local: Centro Histórico de Vila Nogueira de Azelão	Fase: Delimitação
Contém: Extrato de Ortofotomapa com Delimitação da ARU - Vila Nogueira de Azelão	Data: Dezembro 2012
Equipa de Trabalho Para Áreas de Reabilitação Urbana	DURB/ ARU/ 0001/ 12



12.3. | DIAGNÓSTICO PARTICIPADO

No âmbito da unidade curricular optativa de Projetos Participados II, no dia 5 de Maio de 2017 desloquei-me até à Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, enquanto decorriam as preparações para as Marchas de Setúbal 2017 e dirigi-me às pessoas presentes, as quais me receberam de bom grado e interesse, pois já as tinha advertido do que se iria proceder nesse dia.

Pedi que cada um dos sócios desta coletividade escrevesse uma palavra que achasse que descreveria melhor o Palácio dos Duques de Aveiro na sua atualidade. Uns enveredaram pela sua importância histórico-cultural em relação à Vila, noutros pesou o estado físico em que este edifício se encontra sobrepondo-se assim este aspeto ao seu valor patrimonial.

Palavras recolhidas:

história | assustador | pena | histórico | degradado | lindo | antigo | património | deslumbrante | lindíssimo | rossio | tradição | obras | rainha | elegante | nostálgico | imponente | escuro | belo grandioso | degradação | fantástico | cultura | velho | fantástico



Fig. 3-6 | Diagnóstico Participado na S.F.P.A. | 2017 | fotos da autora



Fig. 7-8 | Diagnóstico Participado na S.F.P.A. | 2017 | fotos da autora

Na conversação com os presentes vim inclusive a cruzar-me com pessoas de fortes ligações aos atuais habitantes do Palácio dos Duques de Aveiro, de maneira que estas poderiam com facilidade combinar uma visita ao edifício com uma família de moradores, das três que o habitam. Sendo que, neste caso, seria extremamente proveitoso o contato pois é a família que possui a Quinta do palácio, concedendo-me assim acesso à mesma. Obtive então, assim, os nomes dos ocupantes, que garantem, falaria comigo de bom grado.

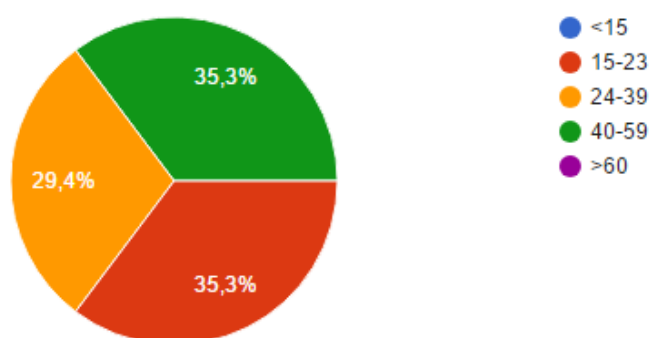
Vim também a descobrir que existe um infantário nas traseiras do edificado e que existe uma sala de jantar na ala central riquíssima em azulejos onde todas as segundas-feiras se faz um almoço de amigos da família moradora desta ala.

Os dados recolhidos, tanto por conversação como por questionário formal, revelaram-se bastante úteis e esclarecedores para o projeto vindouro.

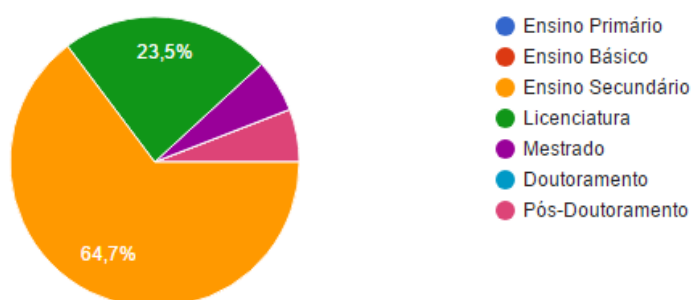
Após a reunião informal na coletividade e a recolha de informações, a compilação mais estruturada de alguns dados foi conseguida através de um questionário online criado por mim. Os resultados desta sondagem encontram-se nos anexos finais deste relatório.

| RESULTADOS SONDAAGEM

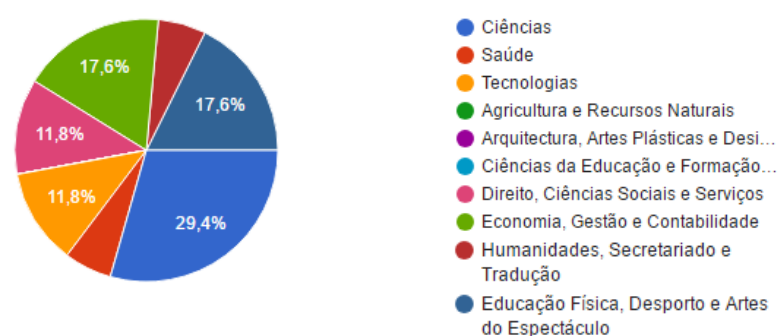
Idade | Maioria entre 15-23 e 40-59 anos



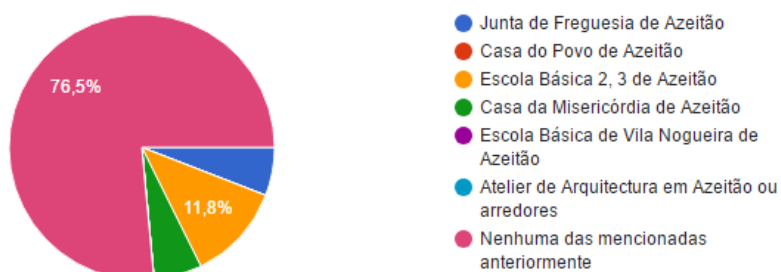
Escolaridade | Maioria Ensino Secundário



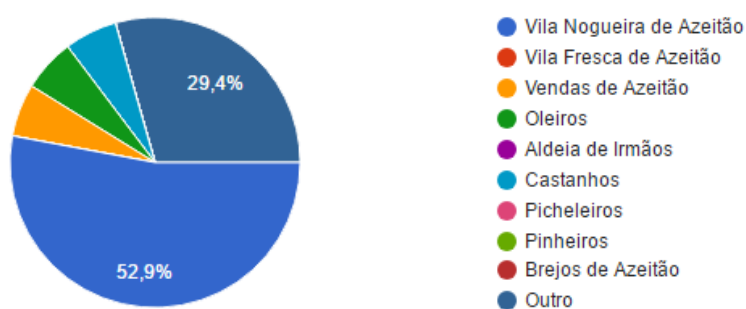
Estudos/Profissão | Maioria Ciências



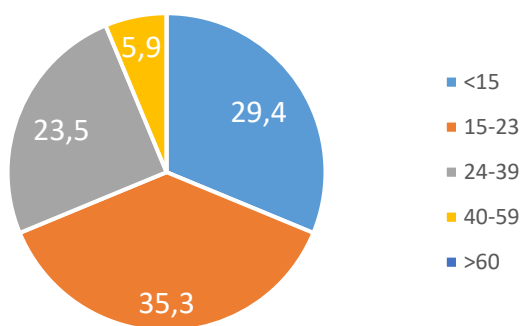
Instituições | Junta, Escola, Misericórdia



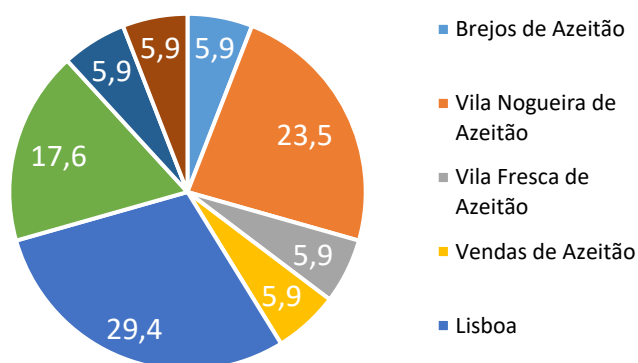
Localidade de Habitação | Maioria de Vila Nogueira de Azeitão



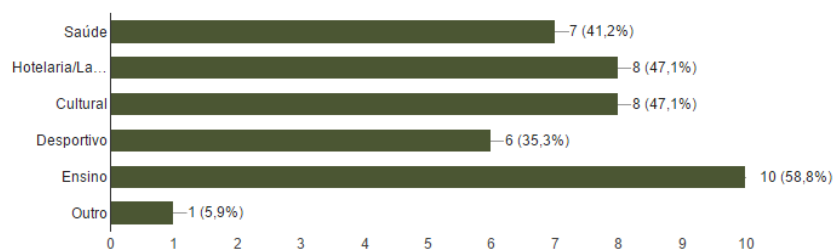
Tempo na Localidade onde Vive | Maioria 15-23 anos



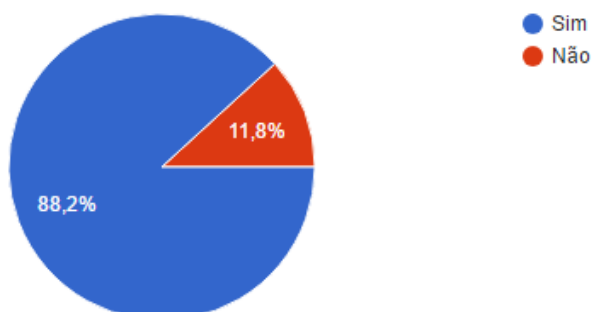
Localidade de Estudos/Profissão | Maioria Lisboa



Tipo de Espaço/Função que falta em Azeitão | Maioria Ensino, Hotelaria, Cultural



Conhecimento do Palácio | Maioria Sim



Aspeto Exterior Palácio

| Degradado

| Degradado. Seria desejável a sua recuperação, para novas valências, num enquadramento social, económico e turístico. Preservar essencialmente a sua história.

| Apresenta um aspeto bastante descuidado, degradado, mas imponente!

| Penso que está bastante degradado.

| Não constitui um aspeto apelativo nem cuidado. No entanto oferece-nos uma certa curiosidade e respeito para visitar e conhecer a sua história.

| Histórico

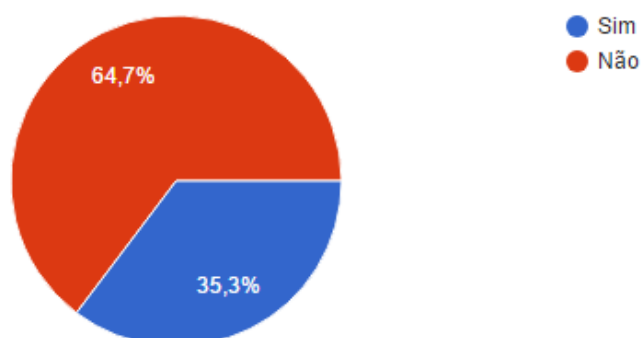
| Precisa de obras

| Bonito

| Péssimo

| Necessita de renovação

Visita Quinta | Maioria Não



Aspeto Quinta

| O aspeto está igual ao do palácio

| Precisa de ser arrumada

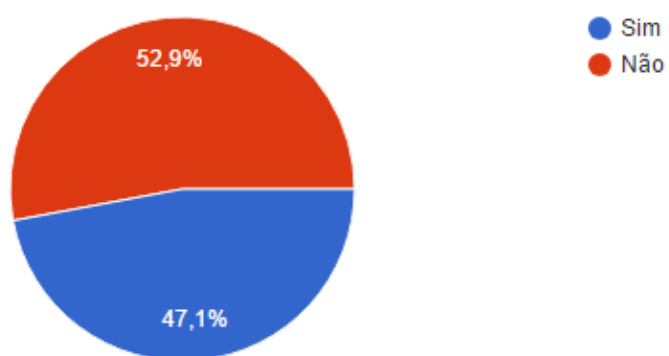
| Degradada

| Muito bonita

| Abandonada

| Muito rústica e bonita

Entrada Palácio | Maioria Não



Aspeto Interior

| Degradado

| Antigo

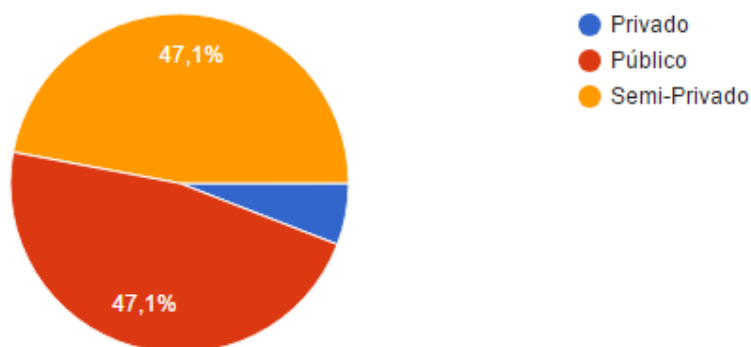
| Assustadora

| Pouco cuidado

| Melhor que o interior

| Necessita de ser reabilitado

Novo Carácter após Reabilitação | Maioria Semi-Privado/Público



Novas funções/usos

- | Cultura, turismo...
- | Escola de artes, museu e lazer
- | Prédio para hotelaria e festas temáticas.
- | Hotel
- | Hotel rural e espaço para exposições associadas à região
- | Museu, cultura e eventos
- | Eventos, visitas guiadas destinadas principalmente aos turistas, atividades de lazer, espaço destinado ao convívio.
- | Algumas partes abertas ao público onde se pudesse contar a história de Azeitão
- | Turismo de habitação
- | Centro de artes/ Hotel
- | Alojamento local
- | Turismo
- | Espaço de hotelaria e espaço de cultura variada, para eventos variados, associados a pintura, literatura, cinema, música, dança e a eventos já existentes no centro de Azeitão como complemento e ampliação de atividades.
- | Cultural. Exposições, concertos. Hotelaria.
- | Hotel ou museu
- | Hotelaria

O que oferecia à Vila

| Economia, cultura, desenvolvimento.

| Seria mais um dos motivos para visitar Azeitão, valorizar mais o mundo artístico e dar a possibilidade de aprender as artes em geral, numa escola pública e descentralizar estas escolas, pois apenas se localizam em grandes centros urbanos. " A arte move o mundo " e exercitá-la num local como Azeitão, com a sua serra mãe, seria uma inspiração para os artistas!

| Novos postos de trabalho e ponto turístico de interesse.

| Mais pessoas a visitar Azeitão

| Dignidade e utilidade

| Beleza, cultura

| Mais movimento, crescimento turístico e, conseqüentemente, crescimento a nível monetário. Irá apelar a visita à terra de Azeitão tornando-a um local necessário a ser visitado.

| Mais cultura, turistas e memórias

| Turismo

| Cultura/ Maior número de visitantes

| Mais turistas e mais enriquecimento para as 'gentes' de azeitão

| Muito turismo

| Traria desenvolvimento cultural da terra e dos seus habitantes, tal como dos jovens, promovendo o seu desenvolvimento pessoal. Também iria atrair ainda mais pessoas das redondezas que, para além de terem razões para visitar Azeitão, teriam estadia. Isto levaria ao desenvolvimento económico da região.

| Concertos, exposições, eventos.

| Aumento no turismo que confere aumento de movimento para o comércio local

| Divulgar e conhecer Azeitão

12.4. | REGISTO FOTOGRÁFICO

Fotografias, do Palácio dos Duques de Aveiro, captadas por vários, incluindo a autora.

| ALA ESTE | FACHADA NORTE | ALA OESTE



| CAVE



| PISO TÉRREO



| FACHADA SUL



| INTERIOR



| ALA OESTE



| FACHADA ESTE



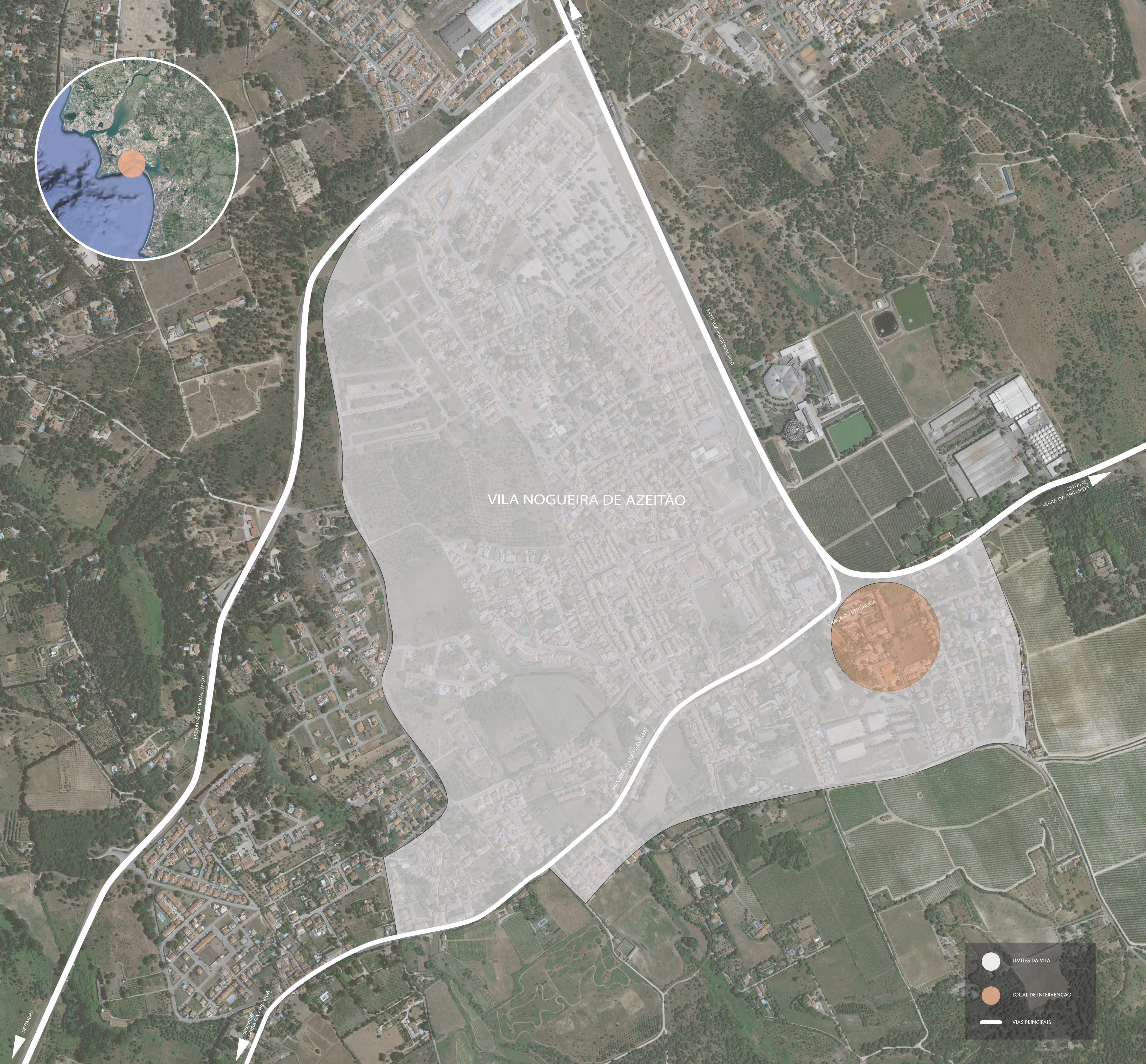
| QUINTA



| SÓTÃO



12.5. | PEÇAS DESENHADAS | PAINÉIS FINAIS

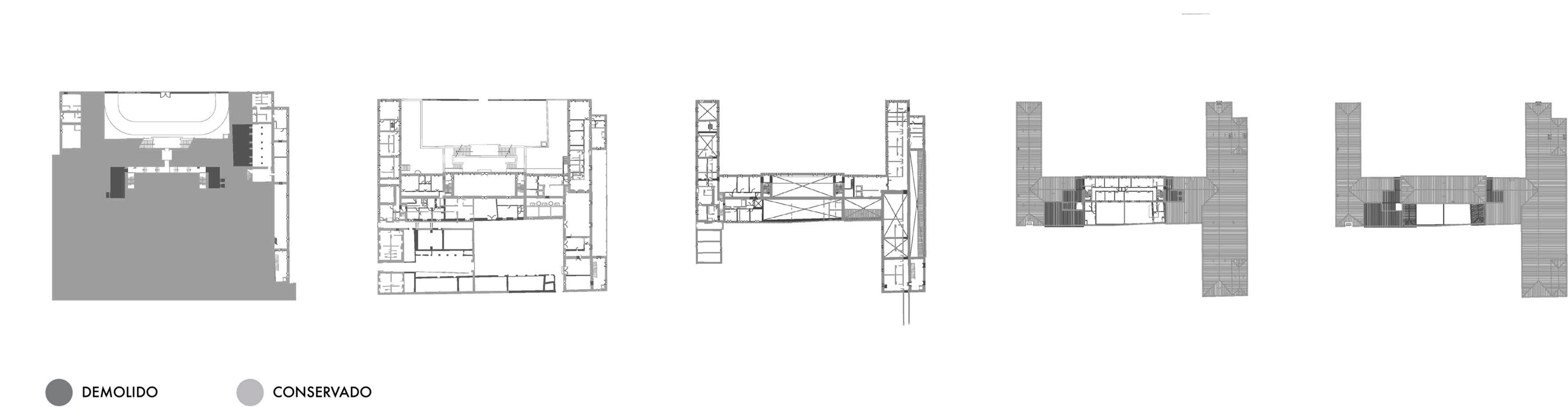




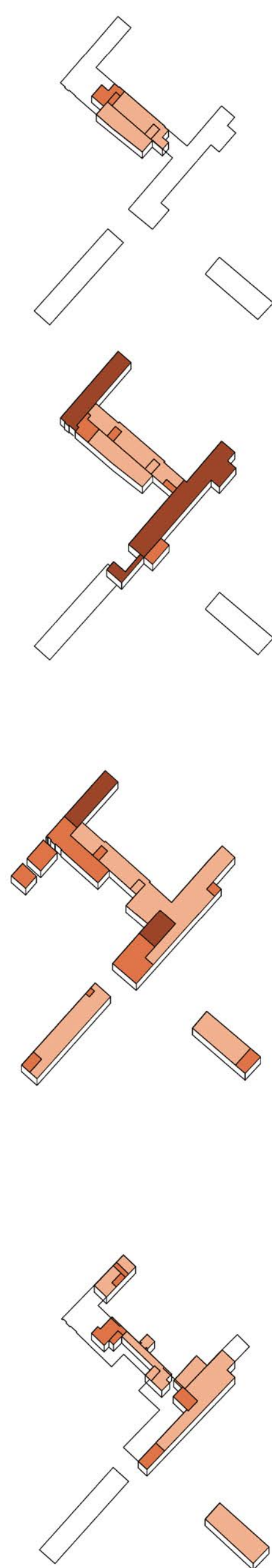
EVOLUÇÃO DO PALÁCIO



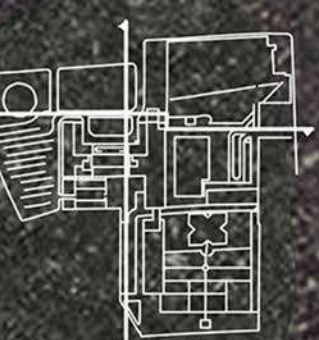
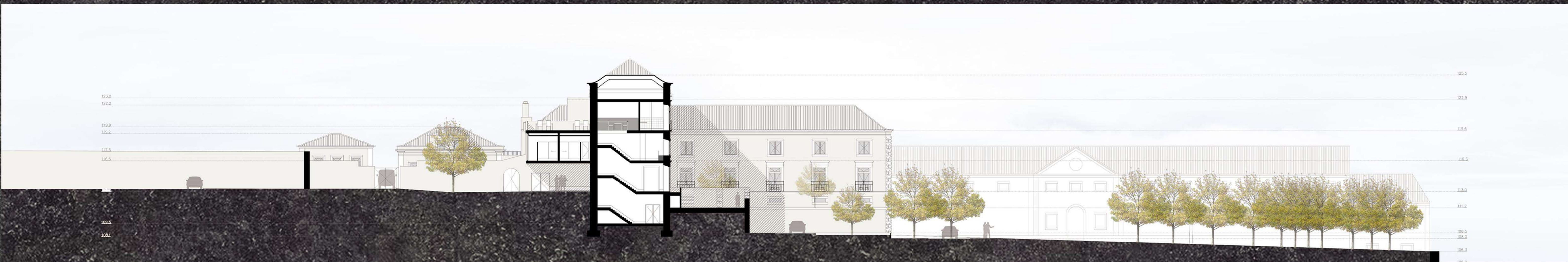
DEMOLIÇÕES DA INTERVENÇÃO

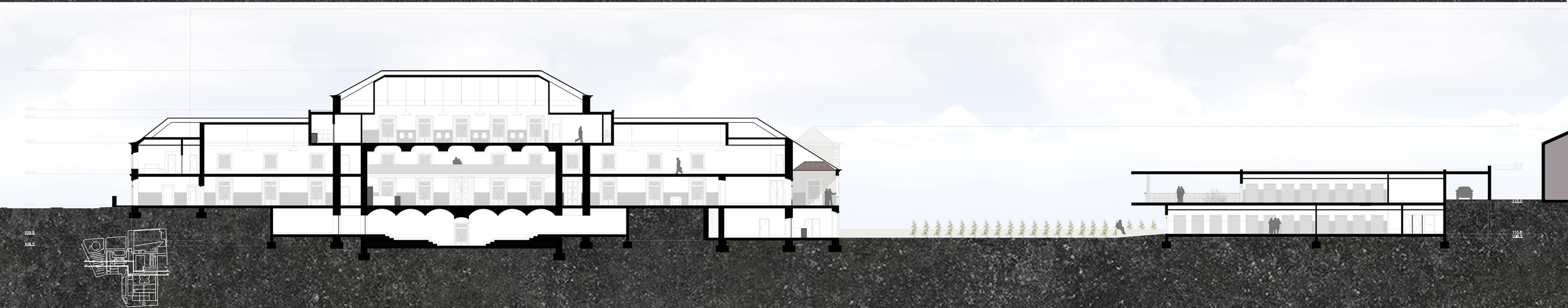
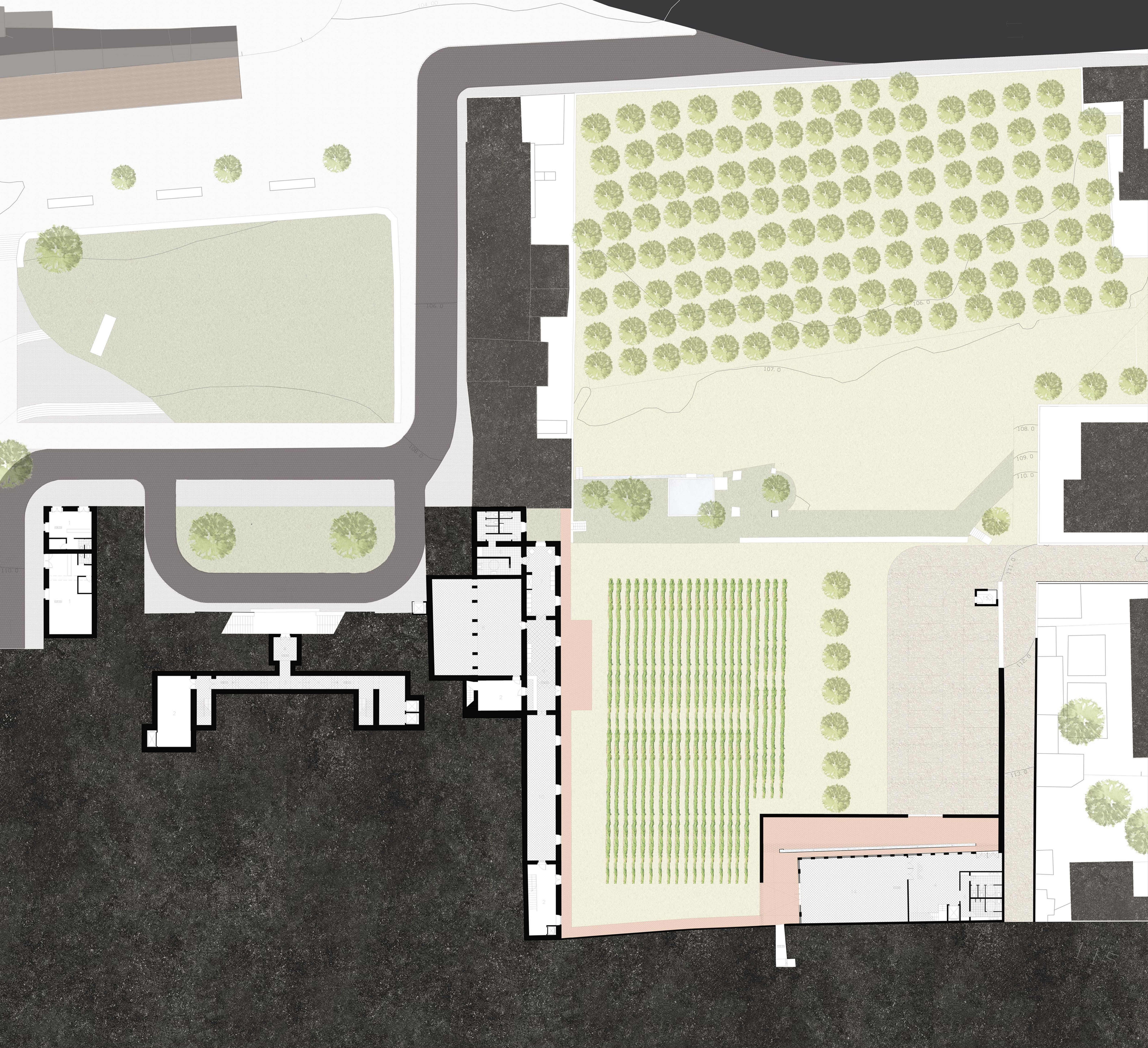


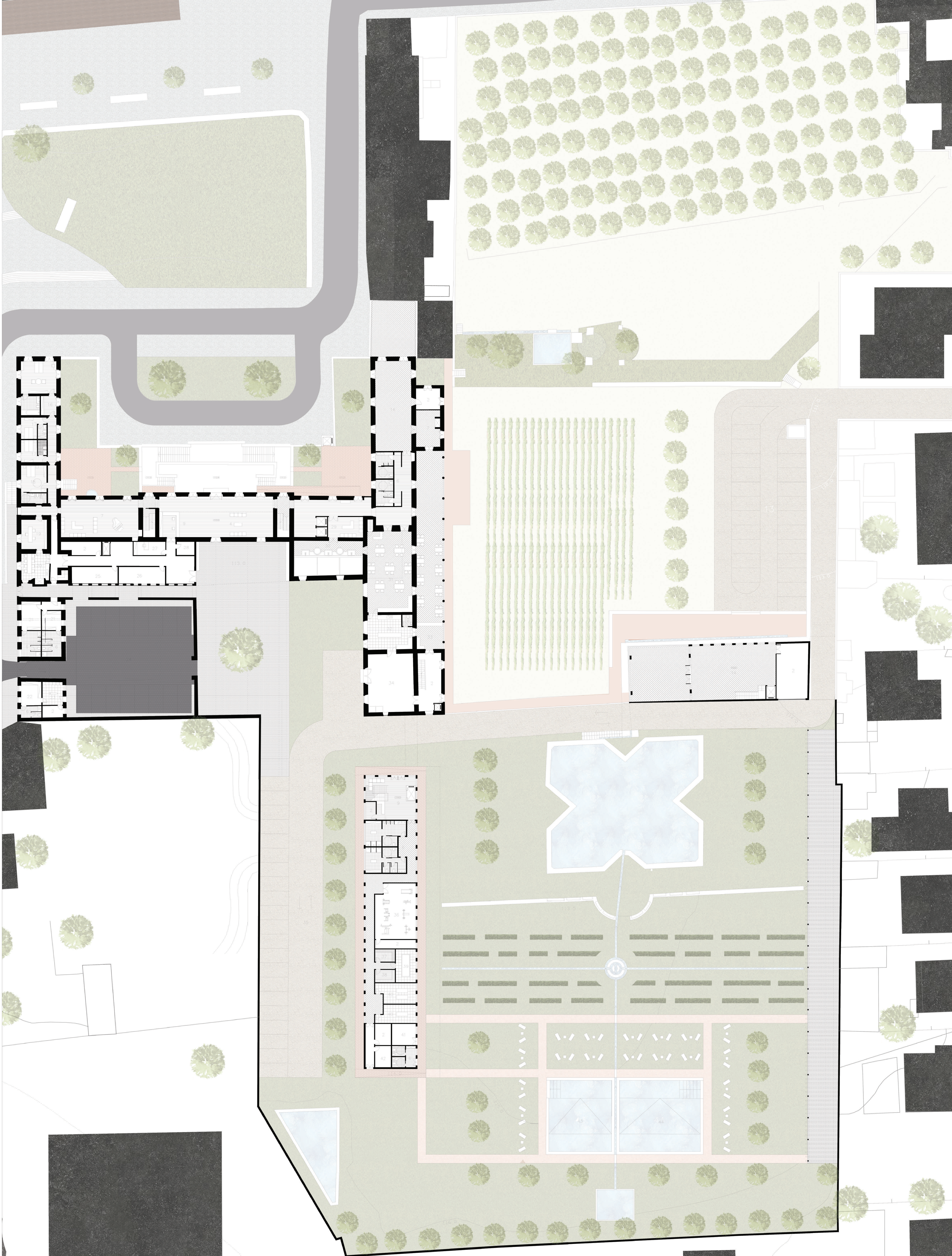
PROGRAMA DA INTERVENÇÃO



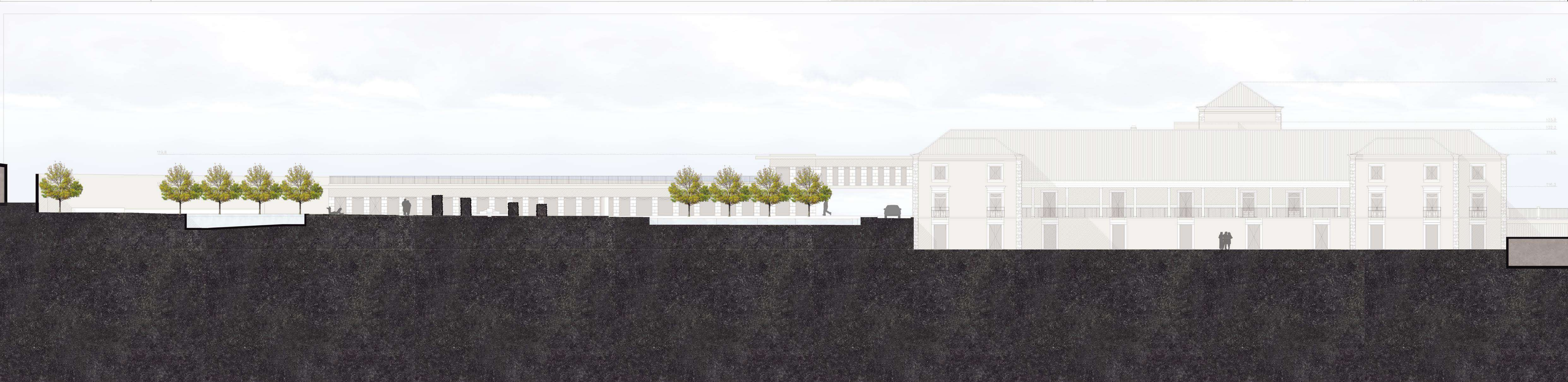
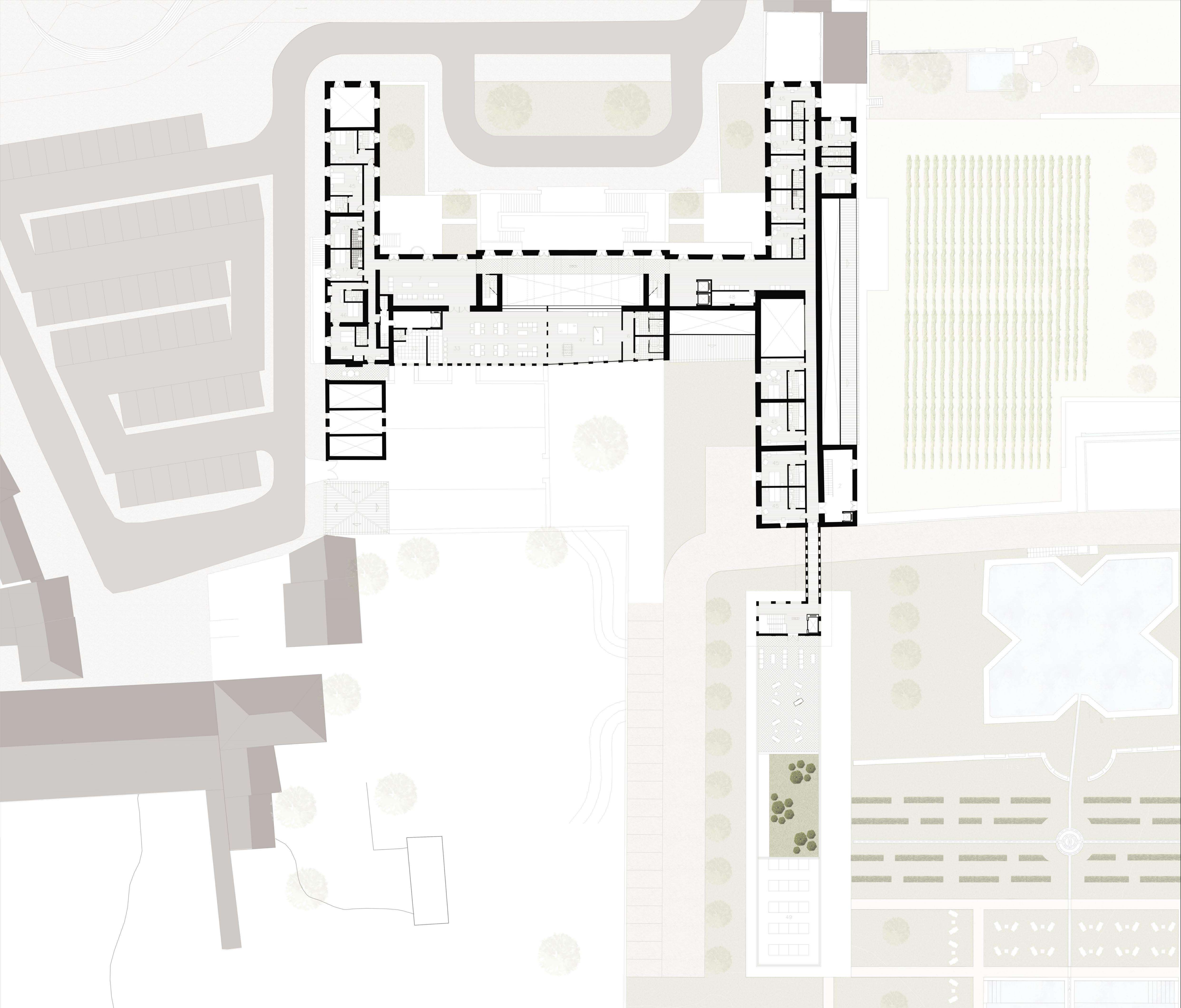
- PRIVADO
- SERVIÇO
- PÚBLICO

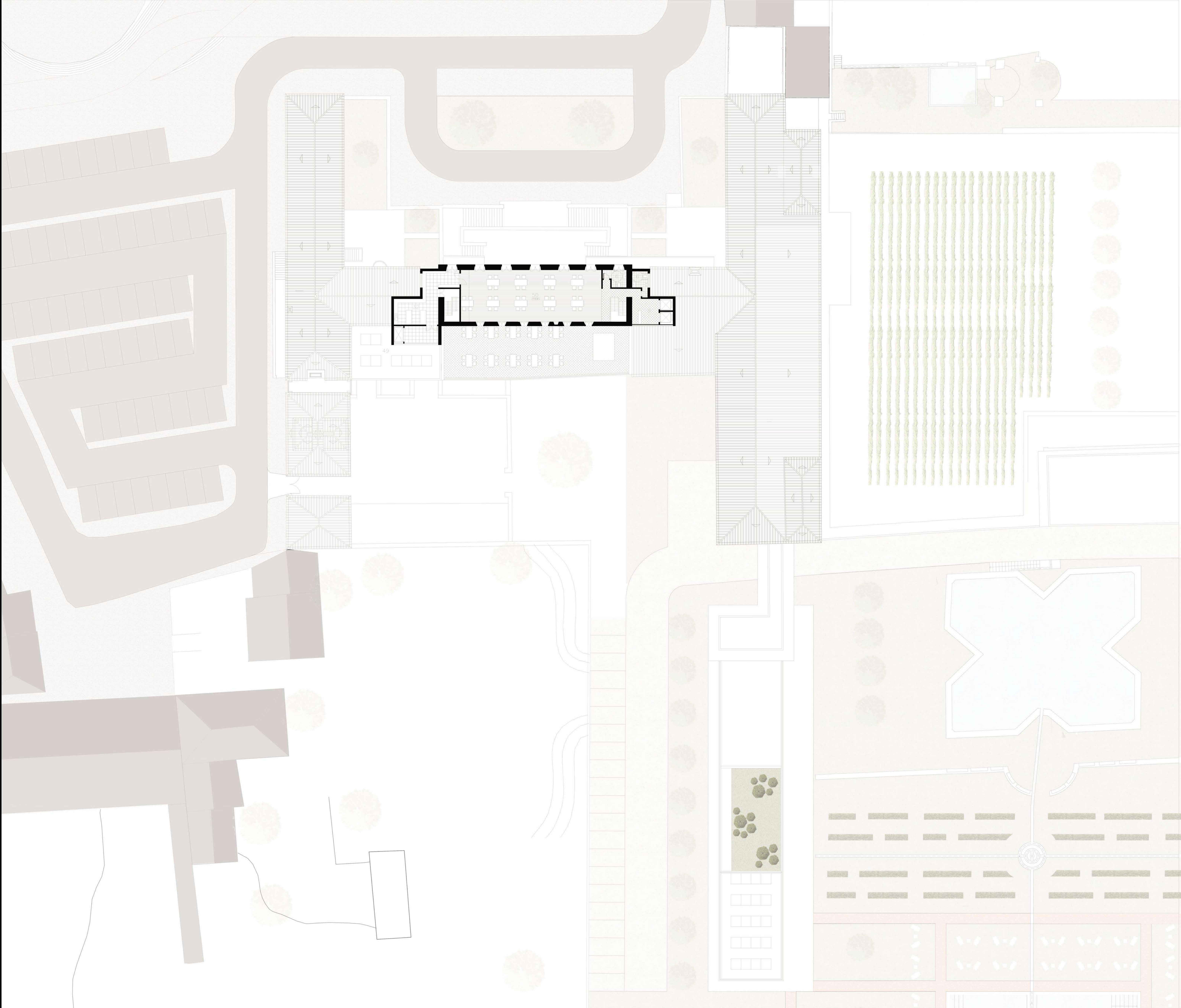






1. LOJA | 2. ARRUMOS | 3. CRIPTOPÓRTICO | 4. HALL | 5. LARGADA PASSAGEIROS | 6. I.S. | 7. SALA ESTAR | 8. EXPOSIÇÃO PERMANENTE | 9. RECEPÇÃO MUSEU | 10. EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA | 11. POMAR | 12. VINHA | 13. ESTACIONAMENTO VISITANTES | 14. SALÃO POLIVALENTE | 15. PORTARIA | 16. SUITE DUQUE | 17. QUARTO DUPLO | 18. QUARTO MOBILIDADE CONDICIONADA | 19. GERÊNCIA | 20. COPA | 21. VESTIÁRIOS | 22. ROUPARIA | 23. LAVANDARIA/ENGOMADORIA | 24. ESTACIONAMENTO SERVIÇO | 25. CENTRAL TÉRMICA | 26. GERADOR | 27. ESCRITÓRIO | 28. BENGALERO | 29. ANTE-CÂMARA | 30. ADEGA | 31. SALÃO PEQ. ALM. | 32. COZINHA | 33. BAR | 34. LIXO/CARGAS E DESCARGAS | 35. ESTACIONAMENTO HÓSPEDES | 36. GINÁSIO | 37. BANHO TURCO | 38. SAUNA | 39. JACUZZI | 40. SALA MASSAGENS | 41. ESPAÇO CRIANÇA | 42. BOMBAS PISCINA | 43. PISCINA CRIANÇAS | 44. PISCINA ADULTOS | 45. SUITE EXECUTIVA | 46. QUARTO FAMÍLIA | 47. SALÃO DE JOGOS | 48. COPA PISO | 49. PAINÉIS SOLARES | 50. RESTAURANTE







1. PEDRA CALCÁRIA | 2. ISOLAMENTO TÉRMICO | 3. RIPAS DE MADEIRA | 4. REVESTIMENTO EM SOALHO DE MADEIRA | 5. LAJE DE BETÃO | 6. ARGAMASSA DE ASSENTAMENTO | 7. REVESTIMENTO EM MOSAICO DE TUIOLEIRA | 8. RODAPÉ EM MADEIRA | 9. RODAPÉ EM MOSAICO DE TUIOLEIRA | 10. ALVENARIA DE PEDRA | 11. REBOCO DE CAL
AÉREA | 12. LAMBRIL COM REVESTIMENTO EM AZULEJO | 13. VIGAS DE AÇO EM I | 14. CORDÃO METÁLICO | 15. TELHA LUSA | 16. RIPAS DE MADEIRA | 17. SUB-TELHA | 18. PAINEL SANDWICH SEM ACABAMENTO ESPECÍFICO | 19. BARROTES | 20. VIGA | 21. ESTRUTURA METÁLICA EXISTENTE | 22. ELEMENTO DE SUPORTE EM BETÃO

